

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Elisa Freitas Schemes

**OSWALDO CABRAL NA “TERRA DA LIBERDADE”:
RELATO DE UMA VIAGEM NA VIGÊNCIA DA POLÍTICA DE
BOA VIZINHANÇA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em História Cultural.

Orientador: Dr. Adriano Luiz Duarte

**Florianópolis
2013**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Schemes, Elisa Freitas

OSWALDO CABRAL NA TERRA DA LIBERDADE : RELATO DE UMA
VIAGEM NA VIGÊNCIA DA POLÍTICA DE BOA VIZINHANÇA / Elisa
Freitas Schemes ; orientador, Adriano Luiz Duarte -
Florianópolis, SC, 2013.
134 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Literatura de viagem. 3. Política de Boa
Vizinhança. 4. História e Literatura. I. Duarte, Adriano
Luiz . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

**Oswaldo Cabral na “Terra da Liberdade”: relato de
uma viagem na vigência da política de boa vizinhança.**

Elisa Freitas Schemes

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final
para obtenção do título de

MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora



Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte (Presidente e Orientador) – PPGH/UFSC



Prof. Dr. Denilson Botelho de Deus – PPGH/UFPI



Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha – PPGH/UDESC



Profa. Dra. Janice Gonçalves – PPGH/UDESC

Prof. Dr. Alexandre Busko Valim – PPGH/UFSC (suplente)



Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari
Coordenadora do PPGH/UFSC
Florianópolis, 17 de maio de 2013.

Dedico este trabalho aos meus pais, Nadir e Orli, pela ternura e
generosidade.

AGRADECIMENTOS

Nenhum trabalho é solitário. Desejo agradecer a muitos neste espaço.

Ao CNPq e ao Programa de Pós-Graduação em História da UFSC pela concessão da bolsa durante o mestrado, viabilizando a sobrevivência, a compra de livros, viagens e participação em eventos.

Ao meu orientador, Prof. Adriano Luiz Duarte, pelas indicações de fontes e leituras desde a graduação, por transmitir segurança nessa trajetória de incertezas, pelo respeito acolhedor a seus alunos e orientandos, tornando a academia um espaço mais humano, menos hostil e menos hierárquico.

Aos membros da banca de defesa pelas gentis sugestões ao trabalho, Prof. Denilson Botelho (UFPI), Prof.^a Janice Gonçalves (UDESC) e Prof.^a Maria Teresa (UDESC) – que esteve também na banca de qualificação.

Ao Prof. Rogério Guerra que me colocou contato a Prof.^a Sara Regina Poyares dos Reis. A esta, que gentilmente me recebeu para conversas e permitiu o acesso a vasto material de seu tio Oswaldo R. Cabral, possibilitando que este trabalho abordasse fontes até então desconhecidas por boa parte dos historiadores.

Ao “núcleo duro” do NEHLIS/UFSC (Núcleo de Estudos História, Literatura e Sociedade), cujos debates instigantes, provocativos e divertidos deram *forma e conteúdo* a essa dissertação: Prof. Adriano L. Duarte, Marília Mezzomo, Maria Gatti, Luiz Alberto Souza, Guilherme Zorel, Thais Branco, Yuri Lueska, Ângela Ross e a Ivania P. Motta (USP) – que em visitas ao núcleo compartilhou comigo textos e ponto de vista sobre relatos de viagem.

À Prof.^a Leilah Bufrem e ao livreiro Messias Gonzaga do Sebo Kapricho de Curitiba, agradeço a ambos pelas contribuições sobre a Editora Guaíra, e, ao último, pelos esclarecimentos sobre “papel de guerra”. À Editora Melhoramentos e ao amigo Roberto Ruiz de Caieiras que também tentaram ajudar na pesquisa sobre o “papel de guerra”.

Aos amigos e pesquisadores da UFSC que em diferentes momentos indicaram fontes e bibliografia em boas conversas e por e-mail: Prof.^a Fátima Piazza, Rafael Pereira, Felipe Matos, Greyce K. Piovesan, Bianca Melyna, Sissi Valente, Adelson Brüggemann, Sandra Oenning, Victor H. Cardoso, André Martinello, Prof. Alexandre Valim, Manoel Dourado Bastos e Prof.^a Maria Eugênia Dominguez. À amiga de

todas as horas, Keila Grando, que também ajudou com dúvidas no campo da Lingüística e da Literatura.

Aos anglófonos, brasileiros por adoção, pelas infinitas ajudas com a língua e traduções: Andrew King, Cora, Malcolm e Dana Philips, Samuel Grimm e Gavin Sarget.

Aos amigos desde as primeiras semanas da graduação, nos idos de 2004, Pedro Paulo Amorim e Daiana Lencina, agradeço pelas críticas aos meus rascunhos, palavras de incentivo e tantos outros amparos. Da mesma forma o amigo Ricardo Selke, com quem dividi o orientador, as leituras, os esboços e as angústias do mestrado.

Aos amigos muito chegados com quem compartilhei empolgações e decepções acadêmicas: Franciele Drews que acolhe lágrimas, sorrisos e debates com a mesma intensidade; Bernardo de Souza e Eric Brandão, com quem aprendo o caminho do diálogo entre as Humanas e as Exatas; à Kariene Gava, Giovanna Lícia, Taís Bringhenti, Daiana Souto, Karen K. Luiz que são amigas para uma vida toda.

Agradeço às ex-colegas de apartamento que além do espaço dividiram a vida, as refeições e as minhas divagações sobre esse trabalho: Caroline Winter, Beatriz Navrotski e Ana Paula Fernandes.

Aos meus pais, Nadir e Orli Schemes, pelo exemplo, pelos livros e pela disposição em ajudar a tantos quantos coubessem em seus corações e orçamento: ao nos ensinar sempre a dividir, proporcionara a mim e minha irmã Patrícia Assumpção uma sensibilidade social decisiva às escolhas que fizemos. Ainda à Patty, pela influência intelectual e pela paciência que ela e seu esposo Taybar têm com essa caçula confusa.

Ao Alex Zerbinatti, que respeitou a distância dos últimos meses, em que sua namorada se desdobrava entre a dissertação, alunos, provas e trabalhos a corrigir. Já pode comprar passagens para o próximo final de semana, e me traga chás, cafés e guloseimas da “terra da garoa”.

Em resumo, fora dominado por aquela mania de quem conta histórias e nunca sabe se são mais bonitas aquelas que de fato lhe aconteceram e que ao serem recordadas trazem consigo todo um mar de horas passadas, de sentimentos miúdos, tédios felicidades, incertezas, glórias vãs, náuseas de si próprio, ou então as inventadas, em que se corta grosseiramente, e tudo parece fácil, mas depois quanto mais variamos mais nos damos conta de que voltamos a falar de coisas obtidas ou entendidas a partir da realidade.

(Italo Calvino, 1991).

RESUMO

Em 1943, o catarinense Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978) realizou uma viagem aos Estados Unidos a convite do Cônsul estadunidense em Santa Catarina, Reginald Kazanjian, em nome da Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado dos EUA. A partir da experiência da viagem, Oswaldo Cabral escreveu o livro intitulado: “**Terra da Liberdade:** impressões da América”, publicado em 1944. O livro e as motivações da viagem são analisados neste trabalho numa perspectiva de diálogo com seu contexto: as relações entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, os meandros da Política de Boa Vizinhança, a atuação do Estado Novo de Getúlio Vargas na política externa e interna, a interventoria de Nereu Ramos em SC, aspectos da trajetória de Oswaldo Cabral, as condições de produção de livros na década de 1940 no Brasil, o diálogo desse livro com campo das ciências sociais e, por fim, a repercussão de **Terra da Liberdade**. Informada pela história social, a pesquisa visa contemplar os três momentos indissolivelmente ligados da produção literária: autor, obra e público. Buscou-se compreender as peculiaridades do relato/literatura de viagem. Por fim, a circulação e a recepção da obra foram buscadas sobretudo na crítica e no epistolário passivo de Oswaldo Cabral.

Palavras-chave: Literatura de viagem, Política de Boa Vizinhança; História e Literatura.

ABSTRACT

Oswaldo Cabral in the “Land of Freedom”: a travel account during the Good Neighbor Policy.

In 1943, Brazilian writer Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978) travelled to the United States under the invitation of Reginald Kazanjian, North-American consul in the state of Santa Catarina, in the name of the US Department of State Division of Cultural Relations. Based on his experience in the USA, Oswaldo Cabral wrote a book entitled: “**Land of Freedom**: impressions of America”, published in 1944. The book and the motivations for the travel are analyzed in this research, in a perspective of dialogue with its context: the relations between Brazil and the United States during WWII, the intricacies of the Good Neighbor policy, the activities of Getúlio Vargas’ “Estado Novo” as to domestic and foreign policy, the Nereu Ramos administration in Santa Catarina, aspects of Oswaldo’s biography, the context of book production during the 1940s in Brazil, the relations of the book with the social sciences, and, finally, the reception of **Land of Freedom**. Informed by social history, this research aims at treating the three indissoluble moments of literary production: author, work, and public. An effort has been made to apprehend the specificities of travel literature. Finally, reception and literary success were analyzed with basis on letters received by Oswaldo and contemporary criticism.

Key-words: travel literature; good neighbor policy; history and literature

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - A POLÍTICA DE BOA VIZINHANÇA EM SANTA CATARINA.....	16
1.1 A Política de Boa Vizinhança no contexto das relações internacionais.....	16
1.2 “América Latina”: um conceito elaborado pela “América” em tempos de Guerra.....	22
1.3 A Política de Boa Vizinhança se instala: o <i>Office of the Coordinator of Inter-American Affairs</i>	26
1.4 O Estado Novo e a política de nacionalização em SC.....	27
1.4.1 <i>Coordination Committee for Florianópolis</i> , Consulado e IBEU.....	34
CAPÍTULO 2 – OSWALDO CABRAL E A VIAGEM.....	47
2.1 Aspectos da trajetória de Oswaldo R. Cabral.....	47
2.2 A viagem do convidado do Departamento de Estado.....	54
CAPÍTULO 3 - O RELATO DE VIAGEM E O PÚBLICO LEITOR.....	64
3.1 Relato e literatura de viagem: <i>forma e conteúdo</i>	65
3.1.1 A Editora Guaíra Limitada.....	74
3.1.2 A materialidade do relato.....	78
3.2 “Terra da Liberdade” e a “realidade nacional”.....	84
3.3 Circulação e repercussão de “Terra da Liberdade”.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	108
FONTES.....	116
ANEXOS.....	120

INTRODUÇÃO

Em 1943, o Cônsul estadunidense em Santa Catarina, Reginald Kazanjian convidou, em nome da Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado dos Estados Unidos, o catarinense Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978) a realizar uma viagem com todos os “meios necessários e todas as facilidades para uma agradável e proveitosa estada no país”.¹ A partir da experiência da viagem, Oswaldo Cabral escreveu o livro intitulado: **Terra da Liberdade**: impressões da América.² O livro e as motivações da viagem serão analisados neste trabalho.

Por suspeitar que “terra da liberdade” não era uma expressão gratuita, recorreu-se a uma breve pesquisa que apontou para os mesmos anos: em 1943 a Portela conquistou o seu tri-campeonato na Avenida Rio Branco no desfile que ficou conhecido como o primeiro “Carnaval de Guerra”³, com o samba-enredo que evocava o *Brasil, terra da liberdade*, e mostrava-se também favorável à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e ao alistamento:

Brasil, terra da liberdade
Brasil, não usou de falsidade
Meu irmão foi pra guerra
Defender esta grande terra
Meu Brasil precisando, eu vou
Ser mais um defensor

Vou pra linha de frente travar o duelo
Em defesa do pendão verde-amarelo
Embora tenha que ser a sentinela perdida
Honrarei minha pátria querida

¹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Terra da Liberdade**: impressões da América. Curitiba: Editora Guaíra Ltda, 1944, p. 13.

² Idem.

³ Para uma discussão sobre o desfiles nos anos em que o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial: BRANCO, Celso. O Brasil entrou na Guerra. Vai ou não ter carnaval? In: **Revista Eletrônica Tempo Presente**. Disponível em: <http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=3339:o-brasil-entrou-na-guerra-vai-ou-nao-ter-carnaval&catid=38&Itemid=127>. Acesso em: 28 jan. 2010.

Brasil, terra da liberdade
 Brasil, não usou de falsidade
 Meu irmão foi pra guerra
 Defender esta grande terra
 Meu Brasil precisando, eu vou
 Ser mais um defensor⁴

O samba-enredo veio ao encontro da intuição de que “terra da liberdade” era uma dessas expressões consagradas e datadas, que marcam época e que fazem sentido quando socialmente compartilhadas num determinado contexto. Pesquisador do carnaval daqueles anos, Celso Branco observa que “‘Brasil, terra da Liberdade’ é uma frase repetida muitas vezes na música de carnaval do período”.⁵ A expressão é provocadora ao evocar “liberdade” num contexto não somente de conflito mundial, mas de liberdades cerceadas na vigência do Estado Novo de Getúlio Vargas.

Este trabalho também constitui um esforço de abordar a Literatura como uma fonte para estudo da História. No que se refere à tentativa de pensar as relações entre história e literatura, os historiadores Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira⁶ oferecem um importante ponto de partida para o estudo da literatura na perspectiva da história social:

(...) a proposta é historicizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance –, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua

⁴ **BRASIL** (alujá, 1944) - Alvaide e Nelson Gonçalves. Título da música: Brasil. Gênero musical: Alujá. Intérprete: Ataulfo Alves. Compositor: Alvaide e Nelson Gonçalves. Acompanhamento: Pastoras. Gravadora Odeon. Número do Álbum 12525. Data de Gravação 19/10/1944. Data de Lançamento 12/1944 / Lado A / Disco 78 rpm. O áudio e a letra disponíveis em: <<http://cifrantiga2.blogspot.com.br/2010/12/brasil.html>>. Acesso em: 28 jan. 2011.

⁵ BRANCO, op. cit.

⁶ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). Apresentação. In: **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 7.

relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo.⁷

Estabelecer as relações entre a obra literária e suas condições de produção foi uma abordagem norteadora da pesquisa, informada pelas leituras de historiadores e críticos literários preocupados com essa questão. Ao adotar a obra literária como fonte, o historiador deve levar em conta a sua especificidade, atentando para as peculiaridades na produção dessa fonte. E no caso de **Terra da Liberdade**, some-se a especificidade de ser antes de tudo um *relato* de viagem.

Nos estudos acadêmicos sobre viagens, nota-se que grande parte dos trabalhos aborda as viagens e os relatos empreendidos por estrangeiros ao Brasil, entre os séculos XVI e XIX.⁸ Mais recentemente, os historiadores têm-se voltado para as viagens de brasileiros ao exterior,⁹ como é o caso do presente trabalho.

Sobre a atitude dos estudiosos frente aos relatos de viagem, Luciana Rossato observa que:

Os relatos dos viajantes estrangeiros foram e ainda são muito utilizados como fontes nos estudos de várias áreas, como a História, a Sociologia e a Antropologia. Até a década de 1970, essa documentação foi usada sem maiores análises críticas, sem a preocupação de contextualizar a fala desses viajantes e o local de produção desses discursos. Ilka Boaventura Leite percebeu que os viajantes são citados por determinados autores, como Gilberto Freyre para ‘ênfatizar o caráter democrático das relações sociais da sociedade brasileira’, enquanto outros

⁷ Idem.

⁸ Cf. LEITE, Miriam Moreira (org.). **A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX**: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: HUCITEC; Editora Universidade de São Paulo; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984. LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia de viagem**: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Editora UFMG, 1996. ROSSATO, Luciana. **A lupa e o diário**: história natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007. 284p.

⁹ Cf. FRANCO, Stella Maris Scatena. **Peregrinas de outrora**: Viajantes Latino-Americanas no século XIX. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.

os utilizam para dizer justamente o contrário, ou seja, que as relações raciais no Brasil são marcadas por forte racismo. Entre esses últimos podemos citar Roger Bastide, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni.¹⁰

Nesse sentido, questiona-se a ideia de fidedignidade ou veracidade dos relatos, percebendo que eles são resultado da construção de um olhar e, portanto, é imprescindível localizá-los na perspectiva de seu contexto.

Desse modo, entende-se que para compreender a viagem e o livro de Oswaldo Cabral é necessário apreender as motivações em jogo no momento do convite, sob os auspícios da Política de Boa Vizinhança e a atuação do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), de modo abrangente e em Santa Catarina. Da mesma forma, é preciso buscar compreender a política interna e externa do Estado Novo, e o papel da interventoria estadual de Nereu Ramos. Esses temas são estudados no primeiro capítulo.

A trajetória de Oswaldo Cabral, um catarinense que atuou em muitas frentes, é apresentada no segundo capítulo, na tentativa de apreender a razão de ter sido ele contemplado com a viagem aos Estados Unidos. O capítulo esboça ainda, como transcorreu a viagem desse hóspede do Departamento de Estado dos Estados Unidos.

O terceiro capítulo analisa **Terra da Liberdade** a partir de uma discussão sobre relato/literatura de viagem, buscando inserir esse livro no “movimento da sociedade”: sua relação com os temas debatidos nas ciências sociais do período. Ademais, investiga suas condições de produção: suporte, editora, circulação e recepção pelo público leitor. Esse esforço final de investigar a repercussão do livro foi possível graças ao ímpeto colecionista de Oswaldo Cabral, que preservou sua correspondência passiva e recortes de jornal, entre tantos outros papéis, desde os anos 1920 até seu falecimento em 1978.

O recorte temporal estabelecido foi 1942-1944, por duas razões simples: 1942 diz respeito ao ano em que Cabral foi convidado a realizar a viagem e, em 1944, o relato da viagem foi publicado em forma de livro. De todo modo, como é inerente ao exercício historiográfico, recuos e avanços na delimitação temporal tentaram dar conta do contexto e da repercussão do livro.

¹⁰ ROSSATO, op. cit., p.15.

Sobre as fontes de pesquisa e seu acesso cabem aqui algumas observações. Na listagem das fontes ao final do trabalho, as seguintes podem ser encontradas com relativa facilidade: as que se encontram publicadas; as que fazem parte do acervo de instituições públicas e as que podem ser acessadas pela internet. Porém, há dois acervos em que a consulta foi peculiar: o do NARA e o de Oswaldo Cabral. A consulta aos documentos do *National Archives and Records Administration* (NARA, Washington, DC) foi possibilitada pelo Prof. Adriano Luiz Duarte. Por conta de sua permanência nos Estados Unidos para Pós-Doutorado na New York University, entre 2008 e 2009, e em virtude de seu interesse nas relações entre o Brasil e aquele país durante a Segunda Guerra Mundial, o Prof. Adriano Duarte consultou e fotografou documentos do NARA sobre o *Coordination Committee for Florianópolis* (escritório regional do OCIAA nesta cidade) e sobre o Consulado estadunidense em Florianópolis. Foi inclusive a partir do retorno do Prof. Adriano Duarte e contato com essa documentação que o presente trabalho foi impulsionado: tendo obtido informação sobre a viagem e livro de Oswaldo Cabral, buscou-se o acervo desse catarinense, que se encontra desde o seu falecimento sob guarda de sua sobrinha Sara Regina Poyares dos Reis. Em meados de 2009 procurei Sara dos Reis para obter mais informações sobre a viagem e o livro e a partir de convite seu, desde setembro de 2010, tenho acompanhado o interminável trabalho de organizar o acervo epistolar passivo de Oswaldo Cabral, preparando-o para publicação. Nessa experiência, tive a oportunidade de tomar contato com vasta documentação: Cabral era um homem minucioso, que guardava desde cartões de sua formatura, telegramas, uma coleção de selos, sua correspondência passiva, recortes de jornal, originais de trabalhos, cadernetas com anotações de pesquisa, diplomas...etc. Como já mencionado, as missivas passivas e recortes de jornal foram imprescindíveis para que se pudesse vislumbrar a circulação e recepção do livro, bem como apreender o significado da viagem.

Por fim, pede-se *licença poética* quanto à forma: a redação original das fontes citadas foi mantida, mas a grafia da época, erros de digitação de ortografia ou gramaticais não são seguidos pelo incômodo [sic].

CAPÍTULO 1

A POLÍTICA DE BOA VIZINHANÇA EM SANTA CATARINA

Nosso crescente contacto, já agora não só econômico e político, mas também cultural, com os Estados Unidos, é um tema ao mesmo tempo inquietante e sugestivo para a imaginação.

(Sérgio Buarque de Holanda)¹¹

1.1 A Política de Boa Vizinhança no contexto das relações internacionais

A aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos da América e as comparações entre esses dois países são temas recorrentes no senso comum, na mídia e no espaço acadêmico. Entender um momento emblemático dessa aproximação e como ela se deu em Santa Catarina, é o objetivo deste capítulo.

Se pensada numa perspectiva ampla, a política que pautou as relações externas dos Estados Unidos estava fundamentada na doutrina do *Destino Manifesto*. Segundo a historiadora Ana Maria Mauad:

A doutrina do destino manifesto foi a base sobre a qual a cultura política norte-americana cunhou sua auto-imagem, fundamental para a elaboração do mito americano. Um mito que tinha como missão espalhar os verdadeiros sentimentos da América, através dos seus sonhos de perfectibilidade. Tal estratégia pautava a política externa norte-americana numa moral que concebe a América do Norte como o local da perfeição e que compreende a sua intervenção, em outras regiões do mundo, como a tentativa de estender tal perfeição. Os pilares desse sonho de perfectibilidade seriam a Democracia e a

¹¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Considerações sobre o americanismo. In: _____. **Cobra de vidro**. São Paulo: Perspectiva, 1978, p.23. O artigo de Holanda foi escrito em 1941.

Liberdade introduzidas pela homogeneização cultural, como mais um produto a ser consumido.¹²

Desde a independência das nações latino-americanas no início do século XIX, os Estados Unidos, por intermédio da *Doutrina Monroe*, estabeleceram a “idéia de que as potências européias não tinham o direito de intervir ou de tentar recolonizar a América”.¹³ Essa política foi intensificada nos primeiros trinta anos do século XX, através do intervencionismo declarado do *Big Stick*, em que os Estados Unidos “intervieram política e militarmente várias vezes em países do continente, em especial no Caribe e América Central, sempre que julgaram estarem ameaçados seus interesses políticos ou econômicos”.¹⁴

Nos anos 1930, mesmo sob os efeitos da Grande Depressão, os Estados Unidos mantiveram seu lugar de liderança continental, preservando sua hegemonia e resguardando a área das influências externas. Para Cristina S. Pecequilo:

Dessa forma, o isolamento norte-americano no sistema não correspondeu a uma posição semelhante no hemisfério, havendo, inclusive, uma reformulação de paradigmas, para a condução das relações dos Estados Unidos com a América Latina. Nesse sentido, ao lado do eixo isolacionista, podemos dizer que também predominava na política externa norte-americana durante todo esse período o eixo hemisférico.¹⁵

¹² MAUAD, Ana Maria. Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-1942). In: **Revista Brasileira de História**, janeiro-junho, ano/vol. 25, número 049. Associação Nacional de História: São Paulo, Brasil, 2005 p. 46. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=26304904>>. Acesso em: 11 mai 2011.

¹³ MOURA, Gerson. **O tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 15.

¹⁴ *Ibid.*, p. 16.

¹⁵ PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Política Externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 112.

Ainda de acordo com Cristina S. Pecequillo, a interação de três dimensões tornou inviáveis as constantes intervenções na América Latina, recorrentes até a década de 1930:

[...] primeira, a Grande Depressão e a crise econômica norte-americana e mundial a ela associadas reduziram a capacidade de projeção de poder e de controle dos Estados Unidos sobre a América Latina, diminuindo os recursos disponíveis para sua atuação externa; segunda, o aprofundamento da instabilidade política na Europa, com a crise das democracias, a ascensão das ideologias totalitárias e a proximidade da guerra aumentaram a incerteza no cenário, com reflexos globais; terceira, a mudança no caráter dos países latino-americanos que, apesar das dificuldades, haviam se tornado mais complexos política e economicamente e começavam a demonstrar sua insatisfação com o caráter da política dos Estados Unidos (intervencionista, paternalista, clientelista).¹⁶

Essas três dimensões, portanto, levaram os Estados Unidos a adotar uma nova postura em relação aos países da América Latina. Além da depressão econômica, o contexto estadunidense dos anos 1930 experimentava o crescimento urbano, as vanguardas artísticas e as instituições de bem-estar social, implementadas pelo *New Deal*, do governo de Franklin Delano Roosevelt (1933-1945). Ao mesmo tempo:

[...] havia o declarado interesse, por parte do Departamento de Estado dos EUA, em consolidar a presença norte-americana na América Latina através de acordos comerciais, planos de cooperação internacional e, por fim, de alianças políticas que garantissem a hegemonia dos Estados Unidos na região.¹⁷

¹⁶ Ibid., p. 112-113.

¹⁷ MAUAD, op. cit., p. 44-45.

Esse conjunto de interesses econômicos, políticos e culturais direcionados aos países latino-americanos, foi denominado *Good Neighbor Policy* (Política de Boa Vizinhança). De acordo com Antonio P. Tota, embora a Segunda Guerra Mundial tenha sido um ponto chave nas relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos, a noção de uma política internacional que abarcasse questões culturais fora sugerida pelo Presidente republicano Herbert Hoover (1929-1933). Numa viagem pela América Latina, na qual desejava “mudar alguns aspectos importantes da política externa americana”, Hoover pronunciou um discurso em Ampala, Honduras, “no qual usou a expressão *good neighbor*, que seria adotada por Roosevelt em 1933”.¹⁸

A Política de Boa Vizinhança anunciada pelo Presidente Franklin D. Roosevelt (1933) estava baseada nas seguintes idéias:

[...] os Estados Unidos tinham abandonado sua política de intervenção na América Latina; reconheciam a igualdade jurídica entre todas as nações do continente; aceitavam a necessidade de consultas periódicas para resolver os problemas que surgissem entre as repúblicas; e concordava em cooperar por todos os meios para o bem-estar dos povos da América.¹⁹

De fato, os métodos haviam mudado, porém os objetivos ainda eram os mesmos: “minimizar a influência europeia [principalmente a alemã] na América Latina, manter a liderança norte-americana e encorajar a estabilidade política no continente”. Com a deflagração da guerra, fazia-se necessário também garantir o alinhamento militar das nações latino-americanas para os seus projetos de defesa continental.²⁰

No âmbito deste trabalho não apenas se considera a política externa estadunidense, mas se pensa as relações internacionais na perspectiva formulada por Gerson Moura em sua obra **Autonomia na dependência**: a política externa brasileira de 1935 a 1942. Este estudo de Moura traz duas contribuições imediatas: em primeiro lugar, ao tratar das relações internacionais, deve-se evitar “tanto a afirmação de uma dicotomia visceral entre a ordem política e a ordem econômica, como o

¹⁸ TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 28.

¹⁹ MOURA, 1991, op. cit, p. 17.

²⁰ Ibid., p. 18.

estabelecimento de relações equivocadas entre elas”.²¹ Em segundo lugar, a hipótese de Moura para pensar a política externa do Brasil (como país dependente inserido num *sistema de poder*) consiste em conjugar as *conjunturas políticas* internas e externas (tanto do centro hegemônico quanto dos países dependentes) “dentro dos condicionamentos *estruturais* mais amplos, que dizem respeito à totalidade do campo capitalista e o lugar que nele ocupa o país em estudo”. Essa formulação implica pensar que os acontecimentos na América Latina não são apenas reflexos do ‘imperialismo americano’ (centro hegemônico), tampouco frutos exclusivos das decisões internas de um país dependente.²²

A crise generalizada no período entre-guerras desencadeou, simultaneamente, a desintegração de antigos sistemas de poder e a emergência de novos sistemas no plano internacional: EUA, Alemanha e URSS. Na América Latina, os conflitos ideológicos se davam entre três forças principais em oposição: socialismo, fascismo e liberalismo; contudo do ponto de vista da disputa pela hegemonia, com o recuo inglês desde a Primeira Guerra, o confronto manifestava-se entre dois sistemas de poder em constituição: a Alemanha e os Estados Unidos. A disputa desses países pelo Brasil, fosse por motivos econômicos ou estratégicos, ampliava as possibilidades de decisão e ação do Estado brasileiro em relação à política externa. O historiador Gerson Moura cunhou de *eqüidistância pragmática* essa política de indefinições que ampliava o poder de barganha do governo brasileiro frente aos dois centros hegemônicos. A eqüidistância estava ligada à conjuntura política brasileira, marcada pela indefinição e disputa interna.²³

Com o partido nazista no poder (1933), houve uma projeção internacional da Alemanha, cujas trocas comerciais com a América Latina cresceram rapidamente devido ao *comércio de compensação*.²⁴ O governo estadunidense se esforçava para combater este comércio compensado entre 1935 e 1939, insistindo no livre-comércio. No campo das ideologias políticas, contudo, o pan-americanismo superou a ideologia nazifascista, por se mostrar mais adequado às classes

²¹ MOURA, Gerson. **Autonomia na dependência**: a política externa brasileira de 1935 a 1942. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 28

²² Ibid., p. 37, 42-43.

²³ Ibid., p. 51-53, 55-56, 62-63.

²⁴ “Significava a troca de produtos por produtos, sem necessidade de intermediação de moedas fortes como a libra ou o dólar, aliás escassas tanto na América Latina como na própria Alemanha”. MOURA, 1991, p. 14.

dominantes do Brasil. Com a eclosão da guerra em 1939, o intercâmbio comercial entre a Alemanha e o Brasil caiu gradativamente e, segundo Moura, o momento entre 1941-42 pendeu para o lado dos Estados Unidos.²⁵

Na troca pelo fornecimento de materiais estratégicos, rompimento com o Eixo, permissão para o estabelecimento das tropas estadunidenses no Norte/Nordeste e alinhamento político aos Estados Unidos, o governo brasileiro logrou os acordos para a construção da siderúrgica de Volta Redonda, o reequipamento das Forças Armadas brasileiras²⁶ e a participação direta no conflito, com o envio de uma força expedicionária à Europa.²⁷

No campo ideológico, o empenho dos estudiosos em buscar valores que pudessem ser considerados comuns às civilizações do continente americano encontrou no pan-americanismo a filosofia capaz de guiar as relações interamericanas. O pan-americanismo congregava:

(...) uma realidade fundada em ideais comuns de organização republicana, na aceitação da democracia como um ideal, na defesa da liberdade e dignidade do indivíduo, na crença da solução pacífica das disputas e na adesão aos princípios de soberania nacional e cuja manifestação concreta seriam os programas de *solidariedade hemisférica*.²⁸

Porém, tem-se aqui um encontro paradoxal. Democracia e direitos individuais eram apenas um ideal, se pensados em termos dos governos autoritários na América Latina, nesse momento. Trata-se de um encontro ‘paradoxal’ entre o Estado autoritário e centralizador de Getúlio Vargas e a democracia liberal dos Estados Unidos. O que estava

²⁵ MOURA, 1980, op. cit., p. 57, 63.

²⁶ “O Brasil abocanhcou a maior parte dos financiamentos americanos para a compra de armas modernas a baixo preço nos Estados Unidos em 1942 (recebendo cerca de 200 milhões de dólares); teve atendida sua pretensão de organizar, treinar, equipar e transportar uma força expedicionária para lutar na Europa e adquiriu, por consequência, uma técnica militar moderna, emergindo da guerra como o país militarmente mais forte da América Latina”. MOURA, 1991, op. cit., p. 71.

²⁷ Ibid., p. 58.

²⁸ Ibid., p. 24 (grifos do autor).

em jogo não era a identidade de regimes: “estava em jogo uma questão de poder e não de princípios políticos”.²⁹

Até então, os hábitos brasileiros eram moldados aos padrões do velho mundo, sobretudo o inglês e o francês, com preponderância deste.³⁰ Todavia, em meados dos anos 1930, ocorria uma mudança de paradigma. A modernização viria da América do Norte ou da Alemanha, não mais da Europa liberal, esta relacionada a passadismos. Segundo Antonio P. Tota, o “Estado liberal, exigência mínima para a ‘americanização’ (...) estava longe da realidade dos Brasil dos anos 40. (...) A americanização no Brasil tem sua gênese no Estado não liberal de Vargas, das décadas de 1930 e 1940. Uma ‘americanização’ paradoxal”.³¹

Antes de detalhar os mecanismos dessa americanização dirigida aos países latino-americanos, propõe-se questionar qual seria o conceito vigente de América Latina nos Estados Unidos nesse período e como ele fora construído.

1.2 “América Latina”: um conceito elaborado pela “América” em tempos de Guerra

Numa definição rápida e superficial, América Latina expressa uma localização geográfica: um conjunto de territórios no continente americano, onde são faladas preponderantemente línguas derivadas do latim – espanhol, português e francês. De fato, essa definição geográfica também se faz presente na própria página no *Memorial da América Latina*, em que há inclusive estimativas da dimensão territorial e população abrangida.³² Entretanto, o termo inicialmente cunhado pelos

²⁹ Ibid., p. 25.

³⁰ ARRAES, Marcos Alexandre de Melo Santiago. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em História. **Discursos sedutores:** a difusão cultural estadunidense e um novo paradigma do moderno no Recife (1940-1946). Florianópolis, SC, 2009. 140 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, p. 9.

³¹ TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor:** a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 16.

³² Disponível em: <http://www.bvmemorial.fapesp.br/php/level.php?lang=pt&component=19&item=3>. Acesso em: 13 jun 2010.

europeus que desembarcaram nessa porção do Novo Mundo foi *América*: no mapa de 1507 do cartógrafo Martin Waldseemüller, é este o nome usado para indicar a parte sul do continente; posteriormente, passou a designar também a porção norte. Contudo, o termo *América* foi apropriado no século XIX para nomear um país sem nome: os Estados Unidos da América (do Norte).³³

Para Antonio P. Tota, não convém chamar de *americanos* os nativos do conjunto de colônias inglesas nem antes da sua independência e nem no contexto imediatamente posterior à independência das 13 colônias, em 1776. Para este autor, “as 13 colônias que formaram o país eram, na verdade, uma associação (...), uma união de estados (...) com um governo central bastante frágil”. Foi com o fortalecimento do governo central que os nascidos nos Estados Unidos adotaram a identificação de *americanos*.³⁴ Assim, sobretudo a partir da doutrina Monroe, enquanto *América* passou a designar os Estados Unidos, a outra América, ao sul deste país, passou a ser chamada de *América Latina*.³⁵ Esse processo será retomado mais adiante.

É tarefa árdua precisar o nascimento de um termo, ainda mais no campo historiográfico. Por um lado, a cada dia novas fontes e interpretações se propõem ora a construir, ora a desconstruir a história dos usos, práticas e costumes. Por outro lado, considera-se que a historicidade de um termo pressupõe uma localização espaço-temporal do seu uso. Nesse sentido, utiliza-se aqui a análise de Hector Bruit desenvolvida em torno do processo de invenção e adoção do nome e idéia de América Latina a partir de obras literárias e acadêmicas.³⁶

De acordo com Hector Bruit, embora a invenção da expressão seja atribuída aos franceses, ela de fato teria sido cunhada por dois sul-americanos residentes em Paris: Carlos Calvo e José Maria Torres de Caicedo. Calvo, um jurista argentino, publicou em Paris, em 1864, uma

³³ BRUIT, Hector. A Invenção da América Latina. **Anais eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC**. Belo Horizonte, 2000, p. 11. Disponível em: <http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro5/hector_bruit.pdf>. Acesso em: 10 jun 2010, p.1.

³⁴ TOTA, Antonio Pedro. **Os americanos**. Coleção Povos e Civilizações. São Paulo: Contexto, 2009, p. 20.

³⁵ BRUIT, op. cit., p.1.

³⁶ Trata-se do artigo supracitado: BRUIT, Hector. A Invenção da América Latina. **Anais eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC**. Belo Horizonte, 2000.

obra acadêmica que visava dar a conhecer um continente ainda pouco conhecido na França e, de modo geral, na Europa. O colombiano Torres Caicedo publicou em 1865 um livro intitulado **Unión Latinoamericana**, com o intuito de “organizar um movimento contrário à política pan-americana dos Estados Unidos”.³⁷ A publicação deste livro está relacionada ao contexto de expansão do imperialismo francês, em que a França se colocava na vanguarda da raça latina e planejava submeter as ex-colônias ibéricas no continente americano (a invasão do México fora ordenada por Napoleão III em 1861).³⁸

Contudo, se utilizadas com intuítos imperialistas pela França, a idéia de latinidade, de raça latina ou de América Latina “não existiram na consciência político-cultural dos intelectuais do continente” dos séculos XIX e início do XX. Estes utilizavam outras expressões para se referir ao continente: América, Hispano-América, Sul-América ou Ibero-América.³⁹

A expressão América Latina seria utilizada esparsamente nas primeiras décadas do século XX por alguns autores franceses. Entretanto, foi com a Segunda Guerra Mundial que o termo se popularizou, principalmente por causa dos trabalhos de historiadores e economistas estadunidenses.⁴⁰ Essa ampliação de trabalhos está intimamente relacionada à Política de Boa Vizinhança: para buscar alinhamento político e militar da América Latina era imprescindível tentar conhecê-la.

E o que pensava a *América* a respeito da *Latin America*? O trabalho de João Feres Jr. **A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos**⁴¹ traz uma importante contribuição ao demonstrar que a semântica desse conceito vai muito além da atribuição geográfica. Como mencionado acima, antes da virada do século XX, muito pouco se

³⁷ Ibid., p. 2.

³⁸ FERES JÚNIOR, João. **A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos**. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 55.

³⁹ BRUIT, Hector, op. cit., p. 4-5, 8.

⁴⁰ Ibid., p.9.

⁴¹ FERES JÚNIOR, João. **A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos**. Bauru, SP: EDUSC, 2005. João Feres Junior desenvolveu este trabalho inspirado no método de história conceitual desenvolvido por Reinhart Koselleck, ao examinar o que este autor chamou de “conceitos antitéticos assimétricos”. KOSELLECK, Reinhardt. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.

falava em *Latin America* e, segundo Feres, o termo mais corrente na língua inglesa era *Spanish America*. Essa palavra trazia uma carga de sentimentos antiespanhóis historicamente construída pelos habitantes da Grã-Bretanha e que cruzou o Atlântico junto com os imigrantes ingleses. No que concerne aos hispano-americanos, a sua inferioridade em relação aos norte-americanos era apresentada em pares de oposições assimétricas: a religião (o catolicismo), a raça (o mestiço) e a cultura (selvagem, atraso) *versus*, o protestante, o branco e a inteligência, indústria e habilidade. Empregado a partir do final do século XIX, *Latin America*, herdou parte considerável dessa pesada carga semântica.⁴²

Partindo de uma análise em dicionários, inglês cotidiano e textos acadêmicos, João Feres verifica que *Latin America* aparece carregada de características negativas, marcadamente racistas e sugerindo irracionalidade:

Se invertermos os adjetivos negativos atribuídos aos latinos e latino-americanos pelos verbetes do *Oxford English Dictionary*, teremos um conjunto de qualificações positivas que definem uma auto-imagem americana disciplinada, ascética e racional.⁴³

No Pós-Guerra, o termo América Latina consagrou-se com a criação da CEPAL (Comissão Econômica Para a América e o Caribe), como comissão econômica regional das Nações Unidas (ONU), em 1948. Na década de 1950, o termo se difundiu fortemente associado ao conceito de sub-desenvolvimento.⁴⁴

América Latina passa a ser sinônimo de instabilidade política crônica; estrutura produtiva atrasada e em certos casos arcaica; dependência total ao capital norte-americano; estrutura fundiária reorganizada pelo capital monopólico; acentuado crescimento demográfico. *São estes processos concretos, próprios do século XX, que*

⁴² Ibidem, p. 56-72.

⁴³ Ibidem, p.20.

⁴⁴ BRUIT, Hector, op. cit., p.11.

*deram conteúdo histórico à idéia de América Latina.*⁴⁵

Para coordenar a relação com a *Latin America*, no contexto da Segunda Guerra, o governo estadunidense criou diversas agências que assegurassem, por vias pacíficas, a projeção de seus interesses. Contudo, uma agência em especial logrou maior influência no Brasil: passa-se à atuação do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*.

1.3 A Política de Boa Vizinhança se instala: o *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*

Em 16 de agosto de 1940, foi criado pelo governo Roosevelt o inicialmente denominado *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics*. Um ano mais tarde, passaria a se chamar *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), e por fim, *Office of Inter-American Affairs*; estava subordinado ao Conselho de Defesa Nacional dos Estados Unidos. Para Ana Mauad, as mudanças de nome da agência traduzem as redefinições da política intervencionista direcionada ao restante das Américas para interesses não só comerciais.⁴⁶

Chefiado por Rockefeller, o OCIAA “encerrou suas atividades em 1946, mas em alguns de seus projetos subsistiram até 1949 e muitas de suas atividades tornaram-se parte rotineira das tarefas da Embaixada americana”.⁴⁷

Diante do esforço de guerra estadunidense, o Brasil despontava como produtor de matérias-primas estratégicas como manganês, cristais de quartzo, borracha, óleos vegetais, minério de ferro, areias monazíticas, plantas medicinais, entre outros. Além disso, a posição geográfica do Norte/Nordeste assumia crescente relevância no contexto dos anos 1930 (devido à proximidade com o Norte da África e vigilância do Oceano Atlântico).⁴⁸

⁴⁵ Idem. Grifos nossos.

⁴⁶ MAUAD, op. cit., p. 46.

⁴⁷ MOURA, 1991, op. cit., p. 20, 21.

⁴⁸ Ibid., p.29.

Assim, a fim de “ganhar os corações e mentes dos líderes políticos e militares brasileiros, sem cuja cooperação os planos estratégicos dos Estados Unidos iriam por água abaixo”, o OCIAA foi estabelecido no Brasil e dirigido por Berent Friele – que contava com amplo apoio da Embaixada estadunidense no Rio de Janeiro e de um Comitê de Coordenação formado por empresários. Também em São Paulo, dada sua importância, havia uma agência e Belém, Fortaleza, Natal, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis⁴⁹ e Porto Alegre contavam com subcomitês de apoio.⁵⁰

O OCIAA estava estruturado nas seguintes divisões: Comunicações (rádio, cinema, imprensa, viagens e esportes); Relações Culturais (arte, música, literatura, publicações, intercâmbio e educação); Saúde (problemas sanitários no geral); Comercial/Financeira (de exportação, transporte, finanças e desenvolvimento).⁵¹

Por volta de 1941, o OCIAA contou mais intensamente com a colaboração do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda – “criado junto com o Estado Novo, com a finalidade de instrumentalizar a consolidação do regime ditatorial junto à opinião pública”.⁵² Essa ação era estendida aos Estados mediante a presença dos DEIPs (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), com atribuições semelhantes às do DIP.

1.4 O Estado Novo e a política de nacionalização em SC

Te lembras dos tempos em que se
falava na Quinta Coluna?
Felizes tempos aqueles – porque
eram tempos de guerra
E a gente pensava que tudo ia
melhorar depois...

⁴⁹ Florianópolis contava com 46.771 habitantes, dos quais apenas 24.260 sabiam ler e escrever. **SINOPSE ESTATÍSTICA** do Município de Florianópolis. Aspectos Históricos e Geográficos. Alguns resultados estatísticos – 1945. principais resultados censitários – I-IX-1940. estatísticas dos municípios das capitais – 1944/1946. IBGE: Rio de Janeiro: serviço gráfico do IBGE, 1948. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, p. 27.

⁵⁰ MOURA, 1991, op. cit., p. 31-32.

⁵¹ Ibid., p. 22-23.

⁵² Ibid., p. 43.

– Mas quando?! (...)
(Mario Quintana)⁵³

Com a Depressão, sobretudo no período de 1929-1933, frente à crise do velho liberalismo, despontavam no cenário internacional três opções, concorrendo pela hegemonia intelectual-política: o comunismo marxista; “um capitalismo privado de sua crença na otimização de livres mercados, e reformado por uma espécie de casamento não oficial ou ligação permanente com a moderada social-democracia de movimentos trabalhistas não comunistas”; e o fascismo.⁵⁴ Situando o governo de Getúlio Vargas e a qual dessas vertentes ele se aproximaria, de acordo com Maria Celina D’Araujo:

Foi em meio a ideologias que mobilizavam multidões que o surgiu o Estado Novo no Brasil (1937-45). Estado Novo foi também o nome que receberam outras ditaduras na mesma época: a de Franco, na Espanha, e a de Salazar, em Portugal, por exemplo. O “novo” aqui representava o ideal político de encontrar uma “via” que se afastasse tanto do capitalismo liberal quanto do comunismo, duas doutrinas políticas que, desde meados do século XIX e mais intensamente a partir da revolução soviética, competiam entre si no sentido de oferecer uma nova alternativa política e econômica para o mundo.⁵⁵

Por meio da ação direta do Estado, propunha-se um sistema de produção em que os interesses da nação que estivessem acima de classe, indivíduos ou grupos econômicos. O Estado Novo no Brasil forjou um Estado forte e autoritário que não se baseava no socialismo, mas no corporativismo estatal – imposto de cima para baixo e não pela sociedade.⁵⁶ Ainda sobre esses regimes:

⁵³ QUINTANA, Mario. Quinta coluna. In: **Baú de espantos**. São Paulo: Globo, 2006, p. 21.

⁵⁴ HOBBSBAWM, Eric. J. Rumo ao abismo econômico. In: _____. **Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991**. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 1995, p. 111-112.

⁵⁵ D’ARAUJO, Maria Soares Celina. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2000, p.8. 72p. (Descobrimdo o Brasil).

⁵⁶ Ibid., p. 10, 12.

A distinção entre Estado e Nação – governo e comunidade –, e ao mesmo tempo a necessidade de fundi-los, através de um líder ou de um partido único, foi uma marca desses regimes. O Estado Novo no Brasil foi a expressão clara desses pressupostos, através das várias comemorações cívicas que inventou e cultivou e também através do culto à personalidade do “chefe”, Getúlio Vargas”. (...) Getúlio era o chefe do Estado e da Nação.⁵⁷

Antes mesmo do golpe do Estado Novo, os comunistas constituíam os grandes inimigos do governo Vargas, principalmente após o Levante Comunista (1935). Julgada pelo Tribunal de Segurança Nacional (TSN),⁵⁸ a esquerda encontrava-se presa ou exilada quando do desfecho do golpe, em 1937. O passo final para consolidar o golpe foi “o Plano Cohen, uma peça de doutrinação anticomunista elaborada pelo serviço secreto da Ação Integralista Brasileira (AIB), organização paramilitar de direita criada em 1932”.⁵⁹ Se inicialmente os inimigos a serem combatidos foram os comunistas, após o golpe a repressão voltou-se também contra a direita, organizada em torno da AIB. “Sem partido, sem armas e sem cargos no governo, a AIB partiu para o confronto”.⁶⁰ A tentativa de golpe da AIB ficou conhecido como o *putsch* integralista, realizado em maio de 1938. Como desdobramentos desse evento houve a criação de uma guarda pessoal para o presidente e procedeu-se à perseguição sistemática aos integralistas. Assim, como os comunistas, os integralistas foram julgados pelo TSN.⁶¹

Um ato representativo do projeto do Estado Novo foi a cerimônia de queima das bandeiras estaduais, “simbolizando a centralização do poder, a afirmação da autoridade do chefe central, o fim dos regionalismos e da federação”.⁶² Ao lado da unidade, o governo Vargas articulou a construção de uma identidade nacional, promovida

⁵⁷ Ibid., p. 13.

⁵⁸ O “Tribunal de Segurança Nacional, criado em 1936, uma instância jurídica excepcional concebida para julgar os crimes contra a nação”. Ibid., p. 17-18.

⁵⁹ Ibid., p. 18-19.

⁶⁰ Ibid., p. 27.

⁶¹ Ibid., p. 15-28.

⁶² Ibid., p. 25.

por projetos culturais e educativos, nos quais estiveram envolvidos diferentes segmentos da intelectualidade brasileira do período: “a busca de um projeto cultural autônomo, de uma identidade nacional, era tema que animava poetas, pintores, romancistas, arquitetos e educadores desde a Semana de Arte Moderna de 1922”.⁶³

A propaganda de massa, largamente utilizada por outros regimes desse período, ficava a cargo do Departamento e Imprensa e Propaganda (DIP), órgão que também exercia a censura dos meios de comunicação. O DIP foi o órgão responsável pela centralização e coordenação da comunicação social do Estado Novo: “através do DIP – agência governamental – o Estado veiculava seu projeto político-ideológico, procurando firmá-lo como socialmente dominante”. A imprensa e o rádio foram os veículos mais amplamente usados “devido à sua grande penetração e alcance público”. Com o intuito de projetar a ação do DIP nos Estados foram criados os DEIPs, contando com a cooperação dos governos estaduais. “Os DEIPs eram a expressão do pensamento governista e portanto, intérpretes do Estado Nacional”.⁶⁴

A formação da nacionalidade foi incorporada às políticas de estado na década de 1930:

A ordem pública que se estruturou no Estado Novo desejou homogeneizar as multiplicidades e pluralidades culturais percebidas como empecilho à constituição do Estado Nacional, uno, coeso e homogêneo, condição para a manutenção de uma ordem pública estável.⁶⁵

Para alcançar esse ideal de nacionalidade, “os estrangeiros deviam ser nacionalizados, integrados ao projeto de construção da nação e, portanto, desaparecer como estrangeiros, como diferentes”. Nesse contexto, gradativamente disseminava-se a ideia do quinta-coluna, o inimigo interno, e “estrangeiro” e “comunista” passaram a ser termos intercambiáveis.⁶⁶

⁶³ Ibid., p. 34.

⁶⁴ GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial** – Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo: Marco Zero, 1990, p. 17, 19 e 77.

⁶⁵ DUARTE, Adriano Luiz. **Cidadania e exclusão**: Brasil 1937-1945. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1999, p. 24.

⁶⁶ DUARTE, Adriano Luiz. Trabalho e etnicidade em Santa Catarina nas décadas de 1930 e 1940. In: **Revista de História Regional** (Departamento de

Além da propaganda, a educação foi outro meio importante na construção da nova identidade nacional e a nacionalização do ensino, ocorrida entre 1938 e 1939, aliava uma medida de segurança a um ideal de nacionalidade: a proibição do uso de línguas estrangeiras e o uso do português como língua oficial nas cerimônias públicas, atingiriam as comunidades estrangeiras, sobretudo as alemãs, japonesas e italianas. Assim, essa educação conduzia ao civismo e visava também a evitar influências externas.⁶⁷ “A escola nacionalizada e monitorada pelo governo seria a porta de entrada para a nacionalidade, para a homogeneidade nacional e o controle de tendências exógenas que pudessem advir da multiculturalidade”.⁶⁸ Essa preocupação com as comunidades estrangeiras é anterior à Segunda Guerra, intensificando-se no decurso da mesma:

A política migratória traduzia preconceitos em relação a certas etnias mais estigmatizadas mas, do ponto de vista interno, os alemães também provocavam preocupações. Embora houvesse afinidades ideológicas entre vários componentes de nossa elite militar e civil e o nazismo, era sempre lembrado que os imigrantes alemães já residentes no país podiam vir a representar um poder paralelo em território nacional, o que era um dos grandes temores das Forças Armadas. Com a guerra teve início uma intensa operação policial visando a prisão e ao desmantelamento de grupos políticos nazistas e fascistas organizados dentro do Brasil, muitas vezes com o apoio oficial dos países de origem de seus membros. A exemplo do que se dava em relação ao comunismo, a presença desses imigrantes era também a combinação providencial de uma ameaça que não era inventada – embora pudesse ser superdimensionada – com os projetos centralizadores do governo.⁶⁹

História - Universidade Estadual de Ponta Grossa). Ponta Grossa, PR, v. 16 (2) , 2011, p. 356.

⁶⁷ D'ARAUJO, op. cit., p. 35.

⁶⁸ Ibid., p. 38.

⁶⁹ Ibid., p. 37.

Essa política nacionalista do governo de Getúlio Vargas e a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial geraram situações de insegurança e conflito em Santa Catarina. Devido ao processo de colonização iniciado no século XIX, havia no Estado uma grande concentração de imigrantes e descendentes de alemães e italianos⁷⁰, que seriam atingidos pelos decretos varguistas de proibição do uso de qualquer outra língua que não fosse português, controle sobre a abertura de firmas estrangeiras no país, nacionalização das escolas, controle sobre os estrangeiros que entrassem em território nacional, proibição de atividades de natureza política a estrangeiros, regulamentação de sua expulsão por motivos de segurança nacional, entre outras determinações.⁷¹

Todavia, a identidade étnica é apenas o ponto de partida para compreender os conflitos nesse período em Santa Catarina, pois “etnicidade não explica quase nada se não for qualificada, contextualizada e acompanhada de uma discussão específica sobre as questões sociais que lhe dão forma e conteúdo”.⁷²

O historiador Luiz Felipe Falcão aponta pelo menos três elementos para o alcance da AIB em SC:

Portanto, fatores como o desalento ante os rumos do movimento de 1930 e o impacto dos episódios que transcorriam na Europa, aliados ao receio ante o comunismo, parecem decisivos para compreender o interesse despertado pela AIB em Santa Catarina.⁷³

⁷⁰ De acordo com o senso de 1920, a população de Santa Catarina era de 668.743 habitantes e para se ter uma noção da população de origem europeia, no ano 1934, haviam no estado, 235 mil alemães, 100 mil italianos e 28 mil eslavos. DUARTE, 2011, op. cit., p. 352.

⁷¹ Cf. FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC; Itajaí: Ed. da Univali, 2005. 533p.

⁷² DUARTE, 2011, op. cit., p. 364 e 367.

⁷³ FALCÃO, Luiz Felipe. Capítulo II – O separatismo como traição ou integralismo, nazismo e nacionalização. In: _____. **Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000, p. 127.

Para além da análise étnico-cultural, que precipitadamente associa a perseguição contra os alemães a seu suposto envolvimento com o germanismo, o integralismo e o nazismo, René Gertz aponta a questão política presente nesse processo de expansão do integralismo.⁷⁴ Por um lado, de fato o integralismo em Santa Catarina⁷⁵ era visivelmente mais forte nas áreas de colonização alemã e italiana. “As eleições municipais de março de 1936 provaram que a maioria dos que votaram na Ação Integralista Brasileira se concentrava no vale do Rio Itajaí, tendo escolhido oito prefeitos e 72 vereadores integralistas na região”.⁷⁶ Por outro lado:

Em Santa Catarina, o sucesso da AIB se explica de forma muito racional, e sem qualquer mistério, pela tradicional rivalidade entre as famílias Ramos e Konder, e a influência desta última no vale do Itajaí. Os Konder dominavam a política catarinense pelo menos desde 1914. Na Revolução de 1930, apostaram no candidato do governo, Júlio Prestes, e os Ramos, em Getúlio Vargas. Com a vitória, os Ramos começaram a desforra contra os Konder, que se manifestou numa brutal perseguição a toda a população, com cenas de guerra civil desde o primeiro dia. Assim, as duas famílias acabaram perdendo seu eleitorado, abrindo espaço para os candidatos integralistas. Também ali, não foi uma ordem de Berlim que levou os eleitores a votar nos “camisas-verdes”.⁷⁷

⁷⁴ Assim como no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina “fatores sócio-econômicos e de política local e regional se combinam para determinar a expansão integralista. Evidentemente, estes fatores podem, por sua vez, estar determinados por fatores étnicos, mas estes últimos só entram de forma indireta na explicação”. GERTZ, René E. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 174.

⁷⁵ “Santa Catarina possuía o terceiro maior contingente de integralistas do país, ficando atrás apenas de São Paulo e da Bahia”. DUARTE, 2011, op. cit., p. 370.

⁷⁶ GERTZ, René E. **Fascismo à brasileira**. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/fascismo-a-brasileira>>.

Consulta em: 20 agosto 2011.

⁷⁷ Idem.

Assim, ser alemão não significava ser integralista, tampouco um nazista em potencial. Contudo, foi dessa forma que se configurou a intervenção do governo estadual em SC, bem como a ação dos órgãos estadunidenses, como será exposto a seguir.

1.4.1 *Coordination Committee for Florianópolis*, Consulado e IBEU

Não é de se surpreender, pois, que nós, aliados numa causa comum, tendo sobre nós o dossel do livre céu das Américas, e gosando o patrimônio de um sistema democrático de vida, vejamos intensificar-se sob a pressão da guerra o nosso intercâmbio cultural, ao invés de esmorecer.

(Charles A. Thomson, *O papel das relações culturais em tempos de guerra*, 1942, p. 17)⁷⁸

A atuação do subcomitê do OCIAA em Florianópolis (*Coordination Committee for Florianópolis*), as gestões dos Cônsules Reginald Kazanjian e Willian Preston Rambo, as atividades do Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU)⁷⁹ em Florianópolis e a circulação de

⁷⁸ THOMSON, Charles A. O papel das relações culturais em tempos de guerra. In: **Instituto Brasil-Estados Unidos de Florianópolis**. Trabalho organizado pelo jornalista Osvaldo Melo, diretor do Departamento de Propaganda e Biblioteca do Instituto. s/d. Records from the Department of State. U.S. Consulate, Florianopolis, Brazil. 1940 – 1944. Record Group 84: Records of the Foreign Service Posts of the Department of State, 1788 – 1964. Pasta: Record Group 229 - OIAA - Fpolis, 1

⁷⁹ “Nessa época [Segunda Guerra Mundial], fortaleceram-se também as escolas americanas, assim como se ampliou a atuação dos institutos culturais americanos em territórios brasileiro. Embora tivesse aparecido pouco antes da guerra, o IBEU (Instituto Brasil-Estados Unidos) ganharia um formidável impulso nesse momento, constituindo não apenas um centro difusor da língua inglesa, mas também um centro de atividades culturais variadas (palestras, concertos etc.) de importância crescente. (...) Começaria a partir daí o declínio

Oswaldo Cabral nessas organizações, podem ser inferidos a partir da documentação fragmentária do *Coordination Comittee for Florianópolis*, depositados no *National Archives and Records Administration* (NARA), em Washington, DC.

Supõe-se que a escolha por Florianópolis para sediar um subcomitê do OCIAA deva-se ao fato de ser a capital de Santa Catarina, estado que concentrava um grande número de imigrantes e descendentes de alemães, como será mencionado adiante, no relatório do Cônsul.

Um relatório enviado pelo Cônsul Reginald Kazanjian ao Chefe da Divisão de Relações Culturais dos Estados Unidos, Charles A. Thomson, em 19 de dezembro de 1942, abre uma fresta para as atividades do Cônsul e do Instituto Brasil-Estados Unidos em Florianópolis, naquele ano.

Como se poderia esperar de um relatório, ele descreve as realizações e dificuldades, apontando a relevância da ação do Instituto para conter o “problema alemão”. O relatório tem esse tom de que um bom trabalho tem sido feito, contudo é preciso mais dinheiro para mais realizações e, finalmente, minimizar a influência germânica. O relatório tem dez folhas e está dividido em três tópicos: “1. Importance of Cultural Work in this District”, “2. Work and Progress of Instituto Brasil-Estados Unidos” e “3. Extension Program”.

Embora o cerne do relatório seja informar sobre as atividades do Instituto, inicialmente o Cônsul demonstra sua preocupação com o grande número de alemães no Estado de Santa Catarina:

Before describing the cultural work in this district it is important to explain that Santa Catarina contains the largest solid bloc of “Germans” (including people of German origin) in the Western Hemisphere and probably in the world. It is not intended to imply that the cultural program is important solely for that reason but rather to stress that if our cultural work can take hold here it most certainly has a place anywhere else in the world.⁸⁰

do francês como língua por excelência das chamadas elites culturais do país”. MOURA, 1991, op. cit., p. 48-49.

⁸⁰ Antes de descrever o trabalho cultural nesta região é importante explicar que o Estado de Santa Catarina contém o maior número de “alemães” (incluindo pessoas de origem alemã) no hemisfério ocidental e provavelmente no mundo. Isso não quer dizer que o programa cultural é importante somente por essa

O Cônsul prossegue o memorando descrevendo como esses colonos se tornaram prósperos desde 1828, quando chegaram os primeiros contingentes, e que “theses colonists became self-sufficient and lived a segregated life”.⁸¹ Mais adiante, Reginald Kazanjian desenvolve o argumento de que todos os segmentos dessa sociedade de colonos haviam sido organizados para receber ordens militares de Hitler. Técnicos industriais, pastores, professores, organizações de mulheres, associações de ex-combatentes estariam todos envolvidos nesse projeto. Por fim, o Integralismo seria um disfarce para difundir o Germanismo e o Nazismo entre os teuto-brasileiros:

Thus, with the rise of Hitler there already existed this homogeneous group which was easily and willingly converted into a strong political, economic, and military machine trained for any actuality. Special technicians were sent from Germany to each factory to instill Nazism and encourage barter trend. Pastors used their clerical robes as cloaks to their important mission of preaching to their congregations the godliness of Hitler. Teachers, assisted by carefully prepared school books, pointed the way to the youth movement. Woman's organizations; ex-combatant associations; an underground pyramid spy and political system; cultural, singing, sports, shooting clubs; physical and military training; irregular activities of German consular representatives; collection of funds locally and payments by the Third Reich; threats of boycott or injury to relatives those who hesitated to fall in line – every

razão, mas também para reforçar que se o nosso trabalho cultural pode funcionar aqui seguramente tem espaço em qualquer outro lugar no mundo. (Tradução própria). KAZANJIAN, Reginald. [**Memorandum on Cultural Institute in Florianópolis, Brazil**] 19 dez. 1942, Florianópolis [para] THOMSON, Charles A. Estados Unidos. 10f. Records from the Department of State. U.S. Consulate, Florianopolis, Brazil. 1940 – 1944. Record Group 84: Records of the Foreign Service Posts of the Department of State, 1788 – 1964. Pasta: NARA.

⁸¹ Esses colonos se tornaram auto-suficientes e viveram uma vida segregada. (Tradução própria). Ibid., p.2.

means was used fully to prepare the group for military orders. Propaganda was used not only to assist this amalgamation but also to poison Brazilians against the Democracies. Furthermore, Integralism (an opposition party in Brazil) was a cloak in Santa Catarina to Germanize and Nasify the Teuto-Brazilians.⁸²

Contudo, com o programa do governo Vargas de nacionalização em 1937, o rompimento das relações diplomáticas com a Alemanha e a entrada do Brasil na guerra, houve prisões e medidas militares contra o grupo, de modo que, na visão de Kazanjian, o problema alemão estava sendo solucionado. Quanto aos imigrantes italianos, que chegaram a Santa Catarina a partir de 1836, Kazanjian observa sua presença com menos preocupação, uma vez que para ele “their assimilation has been easier because of racial, moral e religious proximation”.⁸³ Ao encerrar a primeira parte desse memorando, Kazanjian, reforça a importância do trabalho dos Estados Unidos para ajudar o Brasil a solucionar o “problema alemão”: “the United States can help Brazil with this problem and is doing so in several ways. One, which is of extreme importance and is constructive, is our cultural relations work which

⁸² Deste modo, com a ascensão de Hitler já existia esse grupo homogêneo que era facilmente e prontamente convertido a uma forte máquina política, econômica e militar treinada para qualquer evento. Técnicos especiais foram enviados da Alemanha a cada fábrica para instalar o Nazismo e encorajar a habilidade de barganha. Pastores usaram seus trajes clericais como disfarce para a sua importante missão de pregar às suas congregações a divindade de Hitler. Professores, auxiliados por livros cuidadosamente preparados, apontavam o caminho para o movimento jovem. Organizações de mulheres; associações de ex-combatentes; um sistema secreto de espionagem e política; clubes culturais, de corais, esportes e de tiro; instrução física e militar; atividades irregulares de representantes do consulado alemão; recolhimento de fundos locais e pagamentos para o terceiro Reich; ameaça de boicote ou ataque aos familiares daqueles hesitaram a entrar na linha – usaram de todas as táticas para preparar o grupo para ordens militares. A propaganda foi usada não somente para auxiliar a amalgamação mas também para envenenar os brasileiros contra as democracias. Além disso, o Integralismo (um partido de oposição no Brasil) foi um disfarce em SC para germanizar e difundir o nazismo entre os teuto-brasileiros. (Tradução própria). Idem.

⁸³ A sua assimilação tem sido mais fácil devido à sua proximidade (semelhança) racial, moral e religiosa. (Tradução própria). Ibid..

therefore has an incidental but very strong economic, political and war value”.⁸⁴

Na segunda seção do memorando, intitulada “Work and Progress of Instituto Brasil-Estados Unidos” Reginald Kazanjian relata que chegou a Florianópolis em 1940 para abrir um novo Consulado e desde então encontrou apenas duas pessoas em Santa Catarina que falavam razoavelmente bem o inglês e que haviam viajado aos Estados Unidos: “I was the only American in Florianópolis (a missionary arrived in 1942 but now left for the United States). (...) In the whole state I met only two Brazilians who spoke English fairly well and who had been to the United States”.⁸⁵

Desde o primeiro dia de sua chegada a Florianópolis, o Cônsul relata que houve um desejo dos brasileiros em saber mais sobre os Estados Unidos, o que demandou na criação de um Instituto Brasil-Estados Unidos, que foi fundado em 1941.

No esforço em minimizar a influência alemã, o relato de Reginald Kazanjian dá margem para interpretar que seu trabalho entre os brasileiros era mostrar a suposta diferença entre as intenções culturais estadunidenses das alemãs. Enquanto a ação dos alemães acontecia pelo viés de “propaganda” (num sentindo bem pejorativo que o termo assumia nesse momento), a presença dos Estados Unidos na cidade deveria ser percebida como um intercâmbio saudável para as duas culturas:

The Brazilians well understood that German cultural societies were intended for the Germans and were used as a first-line political and military weapon, and that German propaganda was an arm to destroy the enemy; whereas that the basis of our Institute would be the healthy interchange of Brazilian and American culture to the mutual benefit of both peoples and countries, and that the

⁸⁴ Os EUA podem ajudar o Brasil com esse problema e o está fazendo de várias formas. Uma, que é de extrema importante e é construtiva, é o nosso trabalho de relações culturais que por consequência tem um acidental, mas muito forte, valor econômico, político e de guerra. (Tradução própria). Ibid., p. 3.

⁸⁵ Eu era o único Americano em Florianópolis (um missionário chegou em 1942 mas agora partiu para os Estados Unidos). (...) Em todo o estado eu encontrei apenas dois brasileiros que falavam inglês razoavelmente e que haviam ido aos Estados Unidos. (Tradução própria). Ibid., p. 3-4.

purpose of our “propaganda” was to assist them in satisfying their urge to know what, how, and why we are doing things in the United States.⁸⁶

Empenhado em mostrar o progresso de seu trabalho, o Cônsul descreve as atividades do IBEU naquele ano. Embora se deva lançar um olhar de suspeita em relação aos números, devido à necessidade de demonstrar eficiência, pode-se vilsumbrar ações concretas que convergiam para cumprir os objetivos da presença estadunidense em Santa Catarina.

As reuniões do diretório do IBEU em Florianópolis aconteciam às segundas-feiras das 17h às 18h, no prédio do Instituto que, no momento do relatório, contava com 281 membros. Havia muitos candidatos e, na perspectiva otimista do Cônsul, o número poderia alcançar 500 até o final daquele ano (embora estivesse escrevendo em pleno mês de dezembro). De acordo com o estatuto, apenas brasileiros e estadunidenses poderiam se tornar membros. Reginald Kazanjian ressalta que o Instituto contava com a participação das forças do governo: “almost every important Brazilian official from the Governor down is an active member”.⁸⁷

Um dos serviços fundamentais dos IBEUs era o ensino da língua inglesa, logo não poderia deixar de ser uma das primeiras realizações em Florianópolis:

Classes in English by our full-time professor were the first of our activities. The first year of classes was terminated two weeks ago. With some 300 applicants refused because of limitation of time of the one teacher, 195 pupils were successfully trained and are able to converse fairly well. Amongst them are government officials, lawyers,

⁸⁶ Os brasileiros entenderam bem que as sociedades culturais alemãs foram pensadas para os alemães e foram usadas como uma arma de linha de frente política e militar, e que a propaganda alemã era um braço para destruir o inimigo; enquanto que a base do nosso Instituto seria o intercâmbio saudável entre a cultura Brasileira e americana para o benefício mútuo dos dois povos e países, e que o propósito da nossa “propaganda” era assisti-los em satisfazer a sua urgência em saber o que, como, e por que nós estamos fazendo coisas nos Estados Unidos. (Tradução própria). Ibid., p. 4.

⁸⁷ Quase todo membro brasileiro importante desde o Governador e abaixo dele é um membro ativo. (Tradução própria). Ibid., p. 5.

doctors, dentists, engineers, bankers, journalists, and a special class of Brazilian Army, Navy, Police and Aviation officers. 60 of the pupils were female.⁸⁸

Para auxiliar nas aulas de idioma seria contratada para ensinar as mulheres e moças uma senhora que lecionara inglês por 12 anos no Rio de Janeiro. E seu esposo daria conferências sobre história da música e música de coral, contudo, o Instituto ainda necessitava de um professor para arte e literatura estadunidense. Para suprir a necessidade, Kazanjian requisitava que fosse enviada ao Instituto uma série de conferências em português sobre arte, literatura e música estadunidense, a qual poderia ser usada por um membro qualificado para dar aulas.⁸⁹

Além das aulas de inglês, no ano de 1942 foi realizado um curso em radiotelegrafia, incluindo o ensino do código Morse e aulas avançadas em estudos técnicos; 140 alunos participaram. Para o Cônsul, tudo isso fazia parte do esforço de guerra:

[...] this is of great war value as it not only makes available a number of candidates for filling many vacancies in the military forces and telegraph offices but trains more persons to assist in intercepting many messages being sent by clandestine radio transmitters.⁹⁰

O Instituto não era pensado apenas como espaço formal de aulas, mas planejado como espaço de entretenimento na cidade,

⁸⁸ As aulas em inglês dadas pelo nosso professor em tempo integral foram as nossas primeiras atividades. O primeiro ano de aulas terminou há duas semanas. Com cerca de 300 inscritos recusados por causa da limitação de tempo do nosso único professor, 195 alunos foram instruídos com sucesso e estão aptos a conversar razoavelmente bem. Entre eles há oficiais do governo, advogados, médicos, dentistas, engenheiros, bancários, jornalistas e uma turma especial de oficiais do Exército, Marinha Polícia e Aeronáutica Brasileira. Dos alunos, 60 eram mulheres. (Tradução própria). Idem.

⁸⁹ Ibid., p. 6.

⁹⁰ Isso é de grande valor de guerra porque não apenas habilita um número de candidatos para preencher muitas vagas nas forças militares e oficiais de telégrafo mas também habilita mais pessoas para auxiliar na interceptação de muitas mensagens enviadas por transmissores de rádio clandestinos. (Tradução própria). Idem.

destinado ao encontro dos membros, de suas famílias, dispondo de playground, biblioteca, sessões cinematográficas:

An entertainment committee is organized to bring the members together frequently. Wives of members are being encouraged to use the facilities of the Institute more regularly, and a playground for their children is being completed in the grounds to facilitate family frequency.⁹¹

A biblioteca do Instituto contava com 500 livros brasileiros e estadunidenses, além da assinatura de 80 revistas de diferentes assuntos e edições dominicais dos principais jornais dos Estados Unidos. Mais adiante no memorando, Reginald Kazanjian pede permissão para que seja distribuído um número da revista “Em Guarda” aos membros, observa que havia grande aceitação de revistas para mulheres e sugere a projeção um mercado para o pós-guerra: “the magazines for women and the home are creating a large interest in fashions etc. and will result in a strong demand for dresses etc. from the United States after the war”.⁹² Para a exibição de filmes no prédio do Instituto eram convidados políticos (o próprio governador/interventor Nereu Ramos), militares, as famílias dos membros. O Instituto previa a exibição de filmes em outros locais da cidade. Kazanjian relata o início dessas atividades:

[...] the arrival last month of the motion picture machine and of several films including a weekly newsreel has been a great attractive factor. (...) Several sessions are being given daily at the Institute. Each week the Governor, and important Army, Navy, and Civil officials are invited to a session; another is given for the families of members; and still others for doctors etc. All showings to date have been at the Institute to keep

⁹¹ Um comitê de entretenimento é organizado para reunir os membros com frequência. As esposas dos membros são encorajadas a usar as facilidades do Instituto com mais regularidade, e um parquinho para seus filhos está sendo terminado no terreno para facilitar a frequência familiar. (Tradução própria). Idem.

⁹² As revistas para mulheres e a casa estão criando um grande interesse em moda etc. e resultará numa forte demanda de vestidos etc. dos Estados Unidos depois da guerra. (Tradução própria). Idem.

people coming to our building. However, pictures will be shown in the Army garrison, schools when they open after the vacation, and to the public in one of the theaters for which the government has expressed willingness to grant authority.⁹³

Sobre o tipo de filmes, Kazanjian escreve que havia solicitações locais para os que tratassem de higiene pública, obras públicas, lavoura, pesca, escolas, prisões e asilos.⁹⁴

A respeito dos demais tipos de entretenimento promovidos pelo IBEU, o Cônsul comenta a realização de recepções, palestras, concertos, porém lamenta que não ocorram em maior número, uma vez que Florianópolis parece estar fora da rota dos artistas:

Although the Institute has held receptions, given lectures and patronized concerts given by Brazilians and Americans, those activities should be increased. Prominent travelers, lecturers, and artists almost always exclude Florianópolis on their trips. It would been very helpful if our city could be added to their schedules.⁹⁵

Kazanjian deixa claro que havia colaboração do IBEU com outras sociedades envolvidas com a guerra, como a Cruz Vermelha: “we have patronized functions in benefit of the Red Cross, and members

⁹³ A chegada no ultimo mês da máquina cinematográfica e vários filmes incluindo um cinejornal semanal têm sido fator de grande atração. (...) Muitas sessões têm sido oferecidas diariamente no Instituto. Toda semana o Governador e importantes oficiais do Exército, Marinha e funcionários civis; outra é oferecida às famílias dos membros; e outra ainda para médicos etc. Todas as exibições até o momento têm sido no Instituto para manter as pessoas vindo ao nosso prédio. Entretanto, filmes serão exibidos na divisão (guarnição) do Exército, nas escolas quando abrirem depois das férias, e ao público em um dos teatros para o qual o governo tem expressado desejo de conceder autoridade. (Tradução própria). Idem.

⁹⁴ Ibid., p. 7.

⁹⁵ Embora o Instituto tenha dado recepções, palestras e patrocinado concertos dados por brasileiros e americanos, essas atividades poderiam aumentar. Viajantes, palestrantes, e artistas proeminentes quase sempre excluem Florianópolis de suas viagens. Seria de muita utilidade se a nossa cidade pudesse ser adicionada nas suas agendas. (Tradução própria). Idem.

have taken an active part in cooperating in every way with the work of all war societies”.⁹⁶

E, finalmente, há referência neste relatório a uma informação muito relevante à presente pesquisa: a oferta de bolsas de estudo, por parte do governo estadunidense, para “latino-americanos” viajarem aos Estados Unidos.

O Cônsul Reginald Kazanjian pede a Charles Thomson se há informações sobre a aprovação dos candidatos que ele indicara. Sem citar seus nomes, apenas a posição que ocupavam, o Cônsul informa quem seriam: o primeiro candidato era o Vice-Presidente do IBEU, o principal historiador do estado de Santa Catarina, Presidente da Cruz Vermelha e oficial de outras sociedades de guerra, o médico encarregado da Saúde Pública Municipal e escritor bem-conhecido. A sua viagem e um livro que escreveria sobre ela, seriam de grande valor, na visão de Reginald Kazanjian, no intuito de incrementar as trocas mútuas entre os cidadãos dos dois países. O Cônsul esperava que, posteriormente, também fosse aprovada a viagem do Secretário de Justiça, Saúde e Educação, que poderia tirar grande proveito, dado que as condições de saúde locais deixavam muito a desejar e os métodos totalitários de educação eram muito influentes. Um terceiro indicado era o Secretário da Segurança Pública, o oficial militar responsável pelas medidas policiais contra os nazistas em Santa Catarina. Havia ainda um jovem que gostaria de estudar métodos estatísticos numa universidade nos Estados Unidos e no Departamento de Estatísticas e que, em seguida, auxiliaria nos métodos estatísticos do governo, no Rio de Janeiro. Por fim, o último candidato, era um especialista na produção de seda.⁹⁷

⁹⁶ Nós temos patrocinado atividades em benefício da Cruz Vermelha, e membros têm tomado parte ativa na cooperação em todos os sentidos com todas as sociedades de guerra. (Tradução própria). Idem.

⁹⁷ Segue a transcrição do trecho no memorando: “As to travel grants, I am awaiting the final approval of my candidate, our Vice President who is the leading historian of the state, President of the Red Cross and an officer of other war societies, a doctor in charge of Municipal Public Health, and a well-known author. His trip, and book to follow, should be of great value. As few Americans have visited here and practically no Brazilians seen the United States, such exchanges are most essential. I therefore hope that approval will later be given for travel of the Secretary of Justice, Health and Education, who would greatly profit therefrom as health conditions here leave much to be desired and the totalitarian method of education has been very influential; and of the Secretary

Quanto aos candidatos, não há dúvidas de que o primeiro se trata de Oswaldo Rodrigues Cabral, o único deles, até onde se sabe que realizou a viagem. Além de historiador⁹⁸ e Presidente da Seção de Santa Catarina da Cruz Vermelha, Cabral ocupava o cargo de Diretor da Assistência Médica Municipal. O segundo indicado, Ivo d'Aquino Fonseca, foi Secretário de Estado do Interior, Justiça, Educação e Saúde de 1937 a 1945. O terceiro candidato era Antonio Carlos Mourão Ratton, capitão do Exército e Secretário de Segurança Pública do Estado de Santa Catarina de 1942 a 1945.⁹⁹ A ele, ou mais especificamente à sua gestão, é creditada a obra **O punhal nazista no coração do**

of Public Security (an Army officer) who has been responsible for the police measures taken against the Nazis in Santa Catarina and who could well contribute knowledge to learn from our police authorities. There is another very qualified young candidate who wishes to study statistical methods in the United States. He would like to study for a few months at a university, with the International Machines, and in our Bureau of Statistics, and then go to Rio de Janeiro and help the government improve their statistical methods. Another is an official expert on silk production who offers his services officially or commercially in the United States for silk worm growing etc. Any advice on the classification and prospects for these candidates will be appreciated". Idem.

⁹⁸ Entende-se aqui que reconhecer o *historiador* exclusivamente como um profissional com formação acadêmica nesta área é controverso (sobretudo no período estudado), visto que a regulamentação da profissão de historiador ainda encontra-se em tramitação. Instituições como o IHGSC conferiam respaldo aos estudiosos que se dedicavam à escrita da História. Foi o IHGSC inclusive que promoveu o Primeiro Congresso de História de Santa Catarina em 1948, em Florianópolis. Em 1944, de acordo com a Revista do IHGSC, a Comissão Permanente tinha em torno de 43 membros. Em Santa Catarina, o curso de História foi instituído no âmbito da "(...) Faculdade Catarinense de Filosofia, criada no início da década de 1950 (efetivamente em funcionamento, porém em 1955)". GONÇALVES, Janice. **Sombrios umbrais a transpor: Arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX**. São Paulo, SP, 2006. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social, p. 30.

⁹⁹ GENOVEZ, Felipe. **História da Segurança Pública no Estado de Santa Catarina: Chefes de Polícia - Secretários de Segurança Pública**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/67550/1/Historia-da-Seguranca-Publica-no-Estado-de-Santa-Catarina-Chefes-de-Policia---Secretarios-de-Seguranca-Publica--/pagina1.html#ixzz1TZ0V3b7V>>. Acesso em: 13 jul 2011.

Brasil.¹⁰⁰ No que se refere aos dois últimos candidatos, a escassez de informações mais precisas tornam difícil a sua identificação.

O fato deste relatório datar de dezembro de 1942 e o Cônsul expressar que já havia encaminhado o pedido (há quanto tempo não se sabe) de concessão das bolsas e estava aguardando confirmação, leva a crer que se tratava de um processo um pouco demorado, uma vez que Cabral só embarcará para os Estados Unidos em maio do ano seguinte. Noutras correspondências do “Coordination Committee for Florianópolis” há indicações do envio de mapas dos Estados Unidos para que Cabral se familiarizasse com a geografia do país antes da viagem,¹⁰¹ bem como correspondência deste comitê regional ao “Coordination Committee for Brazil” pedindo publicidade ao livro.¹⁰²

Nessas páginas do memorando, quando o Cônsul cita os profissionais participantes das aulas de idioma, pode-se supor que um dos oficiais do governo ou médicos a quem ele se referiu anteriormente seja Oswaldo Cabral e que certamente como Vice-Presidente do Instituto, Cabral participava das demais atividades do promovidas. Assim, estaria ele em contato com toda a produção cultural que chegava dos Estados Unidos naquele momento: livros, revistas, filmes, notícias, conferências etc., que subsidiavam a elaboração de representações sobre este país e seus cidadãos. No acervo de Oswaldo Cabral há uma publicação, que mesmo sem data pode ser identificada como sendo propaganda de guerra, deste período, intitulada: **A “quinta coluna” nas duas Américas** – objectvo final de Hitler: conquista da América Latina.

A viagem de Oswaldo Cabral está inserida no plano de intercâmbio promovido pelo OCIAA e outras agências públicas e privadas dos Estados Unidos. Como o próprio Cônsul observa, a

¹⁰⁰ RATTON, Cap. Antônio Carlos Mourão. **O punhal nazista no coração do Brasil**. Imprensa Oficial do Estado. Florianópolis, 1943.

¹⁰¹ KEENER, U. G. [**Correspondência**] 6 abr 1943 [para] FANAYA, Alcino. Coordination Committee for Florianópolis, A/C Consulado Americano, Florianópolis, Santa Catarina. 1f. Records from the Department of State. U.S. Consulate, Florianopolis, Brazil. 1940 – 1944. Record Group 84: Records of the Foreign Service Posts of the Department of State, 1788 – 1964 Pasta: Record Group 229 - OIAA - Fpolis, 1.

¹⁰² HOSTERNO, Eurico. [**Correspondência**] 7 nov. 1944, Florianópolis [para] KEENER, U. G. Rio de Janeiro. 1f Records from the Department of State. U.S. Consulate, Florianopolis, Brazil. 1940 – 1944. Record Group 84: Records of the Foreign Service Posts of the Department of State, 1788 – 1964. Pasta: Record Group 229 - OIAA - Fpolis, 3.

quantidade de estadunidenses que vinham ao Brasil era superior à de brasileiros que visitavam os Estados Unidos. Ademais, sobre esse exercício de intercâmbio, Gerson Moura ponderou o que parece explícito no pedido das bolsas de Reginald Kazanjian:

Os especialistas americanos vinham à América Latina ensinar suas técnicas e exibir suas realizações, enquanto os brasileiros (e os latino-americanos em geral) eram levados aos Estados Unidos para ‘ter uma impressão favorável dos Estados Unidos e retornarem aos seus países com um sentimento de amizade, de boa vontade para com os Estados Unidos’. Em poucas palavras, os brasileiros iam aos Estados Unidos para aprender; os americanos vinham ao Brasil para ensinar.¹⁰³

No campo “observações” do passaporte de Cabral, consta: “viaja em missão de utilidade pública” e que “o interessado só pode ficar ausente do país durante o prazo de seis meses, de acôrdo com a autorização n.º 785, de maio de 1943, do Ministério da Guerra”.¹⁰⁴

¹⁰³ MOURA, 1991, p. 49-50.

¹⁰⁴ **Passaporte de Oswaldo Rodrigues Cabral**, p. 7. O documento faz parte acervo de Oswaldo Cabral.

CAPÍTULO 2

OSWALDO R. CABRAL E A VIAGEM

Quem viaja tem muito que contar”,
diz o povo, e com isso imagina o
narrador como alguém que vem de
longe.

(Walter Benjamin)¹⁰⁵

Esse capítulo aborda alguns aspectos da trajetória de Cabral, a fim de que se possa situar em que momento de sua trajetória a viagem aos Estados Unidos aconteceu. Busca-se apontar aspectos que muito provavelmente foram decisivos para sua escolha como candidato, a partir das suas atuações até aquele momento. Identificado o viajante, em seguida procura-se entender como funcionou a viagem, a escolha do itinerário e parte da rotina do convidado do Departamento de Estado dos Estados Unidos.

2.1 Aspectos da trajetória de Oswaldo R. Cabral

Tentando não cair na ilusão de que uma vida pode ser tomada em sua totalidade ou de que os indivíduos desenvolvem uma trajetória coerente, deseja-se aqui apenas levantar alguns aspectos da trajetória de Cabral, numa perspectiva inspirada em Bourdieu:

(...) não podemos compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos

¹⁰⁵ BENJAMIN, W. O Narrador [1936]. **Magia e técnica, arte e política.** Tradução de Sergio P. Rouanet. SP: Brasiliense, 1994, p. 198.

outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.¹⁰⁶

Filho de Ary Natividade Cabral e Luiza Rodrigues Cabral, nasceu em Laguna/SC em 11 de outubro de 1903 e faleceu em Florianópolis/SC em 17 de fevereiro de 1978. Casou-se em 1930 com Olívia Ramalho Cabral, não tiveram filhos. Formou-se em Medicina, foi também professor, historiador, político, antropólogo, folclorista, pintor, poeta, cronista.¹⁰⁷

Em 1910 iniciou a “Instrução Primária” em Porto Alegre, no ano seguinte estudou no Grupo Escolar Lauro Müller, em Florianópolis, em 1913 seu pai foi transferido para Joinville e voltaram a Florianópolis em 1914, quando Oswaldo ingressou no Ginásio como semi-interno no colégio dos jesuítas. Concluídos os estudos na Escola Normal Catarinense, em 1919, o jovem Cabral lecionou como professor primário em São Francisco do Sul e em Joinville. Mudou-se para Curitiba em 1920, momento em que conheceu sua futura esposa Olívia dos Santos Ramalho, cursou os Exames Preparatórios no Ginásio Paranaense e foi nomeado para dirigir o Curso Primário do Ginásio Curitibano. Foi nesse período também que iniciou seu trabalho na imprensa, escrevendo artigos para jornais locais.¹⁰⁸

Ainda em Curitiba, em 1924 matriculou-se na Universidade, no primeiro ano do Curso de Farmácia e passou a seguir para o segundo ano de Medicina. Cabral aliava as aulas da Faculdade de Medicina com a atividade de jornalista, já iniciada, no jornal “O Dia”. Quando atingiu o terceiro ano do curso, pediu transferência para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Desses anos vividos no Rio de Janeiro escreveu algumas crônicas sobre sua atividade médica.¹⁰⁹ Da experiência na Medicina, publicou **O ensino de Higiene nas Escolas**

¹⁰⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

¹⁰⁷ SOUZA, Sara Regina Silveira de. **Oswaldo R. Cabral**: páginas de um livro de memórias. Florianópolis: Editora da UFSC/UDESC, 1993, p. 17.

¹⁰⁸ Ibid., p. 19, 20, 32, 33.

¹⁰⁹ Ibid., p. 39-47.

Públicas de Santa Catarina¹¹⁰ e Problemas Educacionais de Higiene.¹¹¹

Formado, o médico montou clínica em Joinville, permanecendo nessa cidade de 1930 a 1936¹¹², ano em que foi convidado pelo Prefeito Olívio Amorim a mudar-se para a capital do Estado, a fim de “fundar e dirigir a Assistência Municipal de Florianópolis. Foi assim, nomeado Diretor de Higiene e Assistência Médica Municipal”, onde permaneceu até 1946. De 1936 a 1939 também assumiu o cargo de médico legista da Delegacia de Polícia de Florianópolis. Durante a Segunda Guerra Mundial, Cabral foi nomeado Chefe do Serviço de Saúde e Pronto Socorro (1942-45); Presidente da Seção de Santa Catarina da Cruz Vermelha Brasileira (1942-44), no posto de 1º Tenente do Corpo de Saúde do Exército Nacional e Membro da Liga de Defesa Nacional.¹¹³

Foi então neste momento de sua vida que Cabral recebeu o convite para realizar a viagem aos Estados Unidos. Aproveitando a ocasião da viagem, o Prefeito de Florianópolis encaminhou um telegrama, em 5 de abril de 1943, a Henrique Dodsworth (interventor no Distrito Federal¹¹⁴), a fim de que Cabral pudesse utilizar-se da viagem

¹¹⁰ CABRAL, Oswaldo. **O ensino de Higiene nas Escolas Públicas de Santa Catarina** – tese ao 1º Congresso de Ensino Primário de Santa Catarina - Anais do Congresso, 1927. Acervo de Oswaldo Cabral.

¹¹¹ CABRAL, Oswaldo. **Problemas Educacionais de Higiene** – tese de doutoramento – 1929, Ed. do Autor, 1929. 150p. Acervo de Oswaldo Cabral.

¹¹² “Nesse período, Cabral se dedicou a escrever uma obra de fôlego, inteiramente voltada para a história de Santa Catarina. Publicado em 1937 pela Companhia Editora Nacional, na prestigiosa coleção “Brasiliana”, o livro *Santa Catarina – história, evolução* deu projeção a Cabral, no estado de Santa Catarina e fora dele, contribuindo para torná-lo uma das principais (se não a principal) referência sobre a história da região”. Cabral tornou-se sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) em 1935 e passou a integrar a Academia Catarinense de Letras (ACL) em 1938. GONÇALVES, Janice. **Oswaldo Rodrigues Cabral** - um “homem de letras” na periferia do patrimônio cultural, 2010, p. 2, 3. Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276743688_ARQUIVO_artigo_cabral_rio.pdf>. Acesso em: 30 de jan. 2011.

¹¹³ SOUZA, op. cit., p. 49, 52-53.

¹¹⁴ **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/henrique_dodsworth>. Acesso em: 16 fev. 2011.

para realizar estudos sobre a paralisia infantil, cujos surtos preocupavam as autoridades locais:

Prefeito Henrique Dordsworth RIO

Tendo sido convidado pelo Departamento Cultural de Whashington o Diretor da Assistência Municipal desta Capital vg Dr Osvaldo Rodrigues Cabral vg para realizar viagem aos Estados Unidos vg resolvi designá-lo para mesmo tempo proceder estudos terapêutica paralisia infantil vg cujos varios surtos esta Capital preocupam poder público pt Sabedor ter V. Excia. comissionado dois médicos para idêntico fim vg solicito encarecido obséquio obter favor Dr Cabral mesmas facilidades apresentação forem concedidas médicos essa Prefeitura inclusive passaporte especial conferido aos que viajam missões carater oficial Antecipando agradecimentos suas atenciosas providências e resposta envio atenciosas saudações.
Rogério Vieira, Prefeito¹¹⁵

Essa tarefa de realizar estudos de profilaxia para a paralisia infantil durante a viagem foi difundido pela imprensa como sendo o *motivo* de sua viagem, conforme manchete e trecho da reportagem a seguir:

Irá aos Estados Unidos um médico catarinense com o propósito de fazer o curso de tratamento da paralisia infantil

Segundo fomos informados, está de viagem para os Estados Unidos o ilustre conterraneo e abalisado cientista dr. Oswaldo Cabral que irá fazer um estágio na Universidade do Minnesota, onde lhe será ministrado um intenso curso do método Kenny para tratamento da paralisia infantil.¹¹⁶

¹¹⁵ VIEIRA, Rogério. [Telegrama]. 5 de abril de 1943, Florianópolis [para] DODSWORTH, Henrique, Rio de Janeiro. 1f. O telegrama foi localizado no acervo pessoal de Oswaldo Rodrigues Cabral.

¹¹⁶ A NOTÍCIA. 9 de maio de 1943. Acervo de Oswaldo Cabral.

Essa versão difundida pela imprensa gerou equívocos a respeito dos motivos da viagem: sua motivação não estava no estudo da poliomielite (razão que parecia bastante plausível, dada a atuação médica de Cabral), mas no convite com finalidades de “boa vizinhança”, de intercâmbio cultural. O equívoco causou inclusive polêmica, registrada por Cabral em discurso à Assembléia Legislativa:

Em data de 30 de agosto passado [1947], o pasquim a que me referi [Jornal O ESTADO], publicou em manchete, tratando da minha pessoa, o seguinte: ESSE HOMEM DE BRIO, QUE O DIÁRIO FOTOGRAFOU ONTEM, NÃO PÓDE SER AQUELE QUE FOI AOS ESTADOS UNIDOS COM A MISSÃO REMUNERADA DE ESTUDAR A PROFILAXIA DA PARALISIA INFANTIL, E ABOCANHOU O DINHEIRO DO POCO SEM CUMPRIR O CONTRATO ASSINADO! NÃO ESTUDOU COISSÍSSIMA NENHUMA E GUARDOU O DINHEIRO ROUBADO AO POVO. QUEM É ESSE HOMEM DE BRIO?¹¹⁷

Ao longo do discurso, com riqueza de detalhes, Cabral se dispôs a provar que viajou a convite do Departamento de Estado dos Estados Unidos, o qual custeou suas despesas. A contenda parecia ter como pano de fundo desavenças político-partidárias.

Ainda no contexto da guerra, “nos termos do artigo 3º, letra a, do Decreto-lei número 5.164”¹¹⁸ Oswaldo Cabral foi nomeado

¹¹⁷ ANAIS DA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE, 1947B, Ata 29ª sessão ordinária realizada em 4 de setembro de 1947, p. 116-225. Centro de Memória – ALESC. Grifos do autor.

¹¹⁸ BRASIL, Decreto-Lei n. 5.164, de 31 de Dezembro de 1942. Regula o ingresso no Quadro de Médicos do Serviço de Saúde do Exército dos médicos civis que terminaram ou vierem a terminar os cursos especiais de adaptação ou de emergência de medicina Militar e da outras providencias. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 20/01/1943, Página 817 (Republicação). Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5164-31-dezembro-1942-415068-republicacao-67706-pe.html>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

Primeiro-Tenente do Exército de 2ª Linha, para servir na 5ª Região Militar, em 26 de outubro de 1943.¹¹⁹

Um outro aspecto da trajetória de Cabral é o seu envolvimento com a política, possivelmente desde a década de 1920, em Joinville. Na década de 1940, Cabral filiou-se à UDN¹²⁰. Foi deputado estadual de 1947 a 1951, como suplente convocado, e de 1951 a 1955, ocupando a Presidência da Assembleia Legislativa neste último ano. “A franquesa levou Oswaldo Cabral a ter muitos inimigos por esse mundo afora”¹²¹, sobretudo na esfera pública: “segundo Nereu Corrêa, Cabral não levava jeito para a política, tendo em vista seu temperamento franco, anticonvencional e difícil de se moldar às situações”. Assim, foi, em virtude de uma desavença com João Collin, que Cabral deixou a UDN e mais tarde tendeu para o PSD. Contudo, findo o seu mandato na Assembleia, abandonou a política partidária.¹²²

Entre os fundadores e exercendo a função de secretário da Comissão Catarinense de Folclore, Cabral desenvolveu pesquisas e publicações nessa área. Em 1946 tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e dois anos mais tarde fez parte da comissão que organizou o 1º Congresso de História Catarinense. A partir da década de 1950, voltou-se mais para o meio universitário, atuando notadamente na Faculdade Catarinense de Filosofia e no campo da Antropologia Cultural.¹²³ Ao lado de Silvio Coelho dos Santos e Walter Fernando Piazza, criou o Instituto de Antropologia em 1965, mais tarde transformado em Museu de Antropologia e atualmente “Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral”. Em 1974 recebeu o título de Professor Emérito da UFSC.¹²⁴

Além das posições ocupadas por Cabral, explicitadas até aqui, este catarinense assumia um aspecto que parece fundamental para sua escolha. Em 1941, Oswaldo Cabral escreveu um artigo para a *Cultura Política* (Revista de divulgação do ideário estadonovista), intitulado **A**

¹¹⁹ **Carta-Patente**. 26 de outubro de 1943.

¹²⁰ SOUZA, op. cit., p. 97, 99.

¹²¹ Ibid., p. 105.

¹²² Ibid., p. 104-105, 107.

¹²³ Ibid., p. 151-159, 172, 181

¹²⁴ GUERRA, Rogério. Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante. In: **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, v. 42, n. 1 e 2, Abril e Outubro de 2008, p. 35-42.

vitória da colonização açoriana em Santa Catarina¹²⁵. Em linhas gerais, o artigo é uma defesa à contribuição da colonização açoriana na “estrutura social” do estado em detrimento do desenvolvimento econômico e “esplendor” tão aclamados, promovidos pelo “colono, principalmente germânico e itálico”. Muito mais do que uma disputa étnica entre colonizadores açorianos *versus* germânicos e itálicos, o artigo é representativo de uma disputa política que se configurava naquele momento no estado de Santa Catarina.

Quando a família Ramos¹²⁶ assumiu o poder político em SC, rompeu com o domínio do grupo liderado pela família Konder, associada aos alemães e seus descendentes na região do Vale do Itajaí. O homem catarinense da Primeira República era melhor representado por essas famílias de ascendência teuta, enquanto o “praiano” era considerado o indolente fracassado. Na sua interventoria, Nereu apoiou o restabelecimento de instituições que se encontravam enfraquecidas como a Academia Catarinense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de SC, cercando-se de intelectuais em sintonia com o Estado¹²⁷; entre eles, Oswaldo Cabral. Assim, essa disputa no plano regional acaba casando muito bem com os interesses nacionais no

¹²⁵ CABRAL, O. A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina. In: **Cultura Política**: Revista mensal de estudos brasileiros. Rio de Janeiro: Setembro de 1941. Ano I, num. 7. Agradeço à Prof.^a Fátima Piazza e ao colega historiador Rafael Pereira pela indicação desta fonte.

¹²⁶ Em 1935 foi eleito governador, sendo nomeado interventor em 1937, permanecendo neste cargo até 1945. Foi eleito simultaneamente deputado e senador pelo PSD em 1946. Presidente da Câmara de Deputados, em 1951, e vice-presidente do Senado, em 1955.

¹²⁷ “A proximidade do IHGSC com os governos estaduais, abalada no início dos anos 1930, mas retomada na mesma década, continuou a ser fortalecida por meio dos cargos ocupados pelos sócios na máquina estatal. Na década de 1940, membros da comissão de redação da *Revista do IHGSC*, por exemplo, tinham vínculos com a administração estadual: Carlos da Costa Pereira era diretor da Biblioteca Pública do Estado (cargo que ocupou entre 1938 e 1958) e integrava a Comissão de Estudos do Serviço Público Estadual (CESPE), juntamente com Batista Pereira, diretor da Imprensa Oficial (Costa Pereira presidiu a CESPE de março de 1943 a janeiro de 1951). Henrique Fontes, então presidente do IHGSC e que, na Primeira república, ocupara cargos destacados no Executivo estadual (Diretor da Instrução Pública, entre 1919 e 1926, e Secretário da Viação e Obras Públicas, entre 1926 e 1929), era à época desembargador do Tribunal de Justiça do Estado”. GONÇALVES, 2006, op. cit, p. 63-64.

momento de alinhamento aos Estados Unidos e de guerra contra o Eixo. E mais:

A valorização da presença do elemento açoriano, a partir de meados do século XVIII, juntamente com a valorização da atuação anterior dos sertanistas paulistas no povoamento inicial do território, era também uma maneira de alterar a imagem, incômoda e imprópria no Estado Novo, de uma Santa Catarina “estrangeira”, dada a marcante presença de imigrantes (sobretudo em áreas de maior destaque na economia regional).¹²⁸

A posição assumida por Cabral no plano das identidades regionais em consonância com a interventoria estadual, hostil aos “estrangeiros”, significou simultaneamente seu alinhamento à perspectiva da “identidade nacional” do Estado Novo. Somado a isso, entrava também em concordância com os interesses dos Estados Unidos de manter afastadas as influências do “perigo alemão”. Disso, conclui-se que sua escolha como candidato para a viagem aos Estados Unidos, estava muito além da justificativa do Cônsul como o “principal historiador do estado de Santa Catarina”: explica-se pelas suas posições frente aos conflitos ideológicos daquele momento.

2.2 A viagem do convidado do Departamento de Estado

Em diferentes momentos históricos as sociedades planejaram e empreenderam viagens com objetivos, formas de organização e financiamento distintos. Portanto, é necessário situar cada viagem ou conjunto de viagens em sua relação direta com o contexto histórico em que estão inseridas. A partir do século XV, os Estados Nacionais financiaram grandes viagens marítimas, enviando exploradores, comerciantes e, em menor grau, religiosos, a regiões desconhecidas pelos europeus. Essas expedições, que visavam ao lucro, tinham como

¹²⁸ GONÇALVES, 2010, op. cit., p. 3-4.

alvo descobrir novos territórios e encontrar riquezas, especialmente ouro. Já as viagens internacionais de circunavegação realizadas na segunda metade do século XVIII e primeira metade do século XIX, embora não possam ser tomadas como um conjunto homogêneo, tinham como objetivo principal a busca do conhecimento científico. Nações como a França, Grã-Bretanha e Império Russo financiaram viagens que, além de uma descrição física do mundo e conhecimento de seus habitantes, tinham em vista “relacionar as possibilidades econômicas dos continentes, sobretudo do africano”.¹²⁹

Assim como Cabral, o historiador paulista Sergio Buarque de Holanda viajou para os Estados Unidos a convite do Departamento de Estado em 1941, visitando Nova York, Washington, Chicago e a Universidade de Wyoming.¹³⁰ Observações elaboradas a partir dessa viagem estão sistematizadas em **Considerações sobre o americanismo**.¹³¹

Também a convite do Departamento de Estado, o escritor gaúcho Erico Verissimo esteve em duas ocasiões nos Estados Unidos (em 1941 e em 1943) e dessa experiência resultaram: **Gato preto em campo de neve** e **A volta do gato preto**.¹³²

Pedro Calmon, historiador baiano, realizou a viagem pelo mesmo convite que os demais e publicou: **Brasil e América: história de uma política e Estados Unidos de leste a oeste**.¹³³

Dos catarinenses, além de Oswaldo Cabral, viajaram aos Estados Unidos na década de 1940, Henrique Stodiek, Wilmar Dias e Silveira Junior, mas sobre estes não foram localizadas muitas informações a respeito dos motivos das viagens. Em 1945, Wilmar Dias escreveu de Chicago uma carta a Cabral, na qual comenta fez cursos na Universidade, foi submetido a uma cirurgia e que Mr. Harry Pierson do Departamento de Estado (que Cabral também conheceu em sua viagem), prometera-lhe 70 livros para a Biblioteca do Instituto Brasil-Estados

¹²⁹ ROSSATO, op. cit., p. 33, 34, 37.

¹³⁰ DOS SANTOS, Nelson Pereira (dir.). **Raízes do Brasil** – Uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda. 2 Partes. 2001.

¹³¹ HOLANDA, op. cit.

¹³² VERISSIMO, Erico. **Gato preto em campo de neve**. (1941) Porto Alegre: Editora Globo, 1961. VERISSIMO, Erico. **A volta do gato preto**. Porto Alegre: Editora Globo, 1946.

¹³³ CALMON, Pedro. **Brasil e América: História de uma política**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. CALMON, Pedro. **Estados Unidos de leste a oeste**. Rio de Janeiro: Editora A noite, 1943.

Unidos. Também menciona que havia se encontrado nos Estados Unidos com Henrique Stodiek.¹³⁴ Não foram encontrados materiais produzidos por eles sobre essas viagens, nem mesmo seus familiares contatados em Florianópolis souberam fornecer mais informações.

Sobre Silveira Junior, Iaponan Soares escreveu:

(...) sobre os Estados Unidos da América outro itajaiense enfeixa em livro suas observações de viagem. É ele o jornalista e escritor Silveira Júnior, com o livro "Na Rota do Mayflower — Vulgaridades (e coisas sérias) sobre os EE.UU", obra que teve invulgar sucesso de público alcançando em dois anos nada menos de três edições. A última delas saiu com o título mudado para "Um Brasileiro nos Estados Unidos" (Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1964). Nesta como na edição anterior traz prefácio do crítico Nereu Corrêa, que ressalta: "O livro é todo escrito em forma de diário, com impressões ministradas em doses homeopáticas, o que ainda torna mais agradável a sua leitura, pois muitas vezes, em duas ou três linhas, o autor nos diz aquilo em que outros gastariam uma página".¹³⁵

Até onde se averiguou, a viagem de 1943 foi a única de Oswaldo Cabral ao exterior. Partindo do Rio de Janeiro em 19 de maio e retornando de Miami em 21 de julho, a viagem durou em torno de nove semanas.

As informações de como ocorriam essas viagens podem ser depreendidas na leitura de **Terra da Liberdade**. Os convidados do Departamento de Estado precisavam passar pelas burocracias no Itamaraty, Polícia, Consulado americano, Consulado inglês, exame das bagagens, e, uma vez já a bordo, inspeções médicas e militares em Porto Rico. Para a definição do itinerário, aparentemente, os convidados

¹³⁴ DIAS, Wilmar. [Correspondência]. Chicago, Illinois, 25 de outubro de 1945 [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 2fls. Acervo de Oswaldo Cabral.

¹³⁵ SOARES, Iaponan. Viajantes catarinenses – roteiro para uma bibliografia. In: **Ágora** – Revista do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Vol. 1, n.2, 1985. Disponível em: <<http://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/22>>. Acesso em: 6 dez. 2012. A 2ª edição do livro de Silveira Junior é de 1949.

tinham certa liberdade de escolha,¹³⁶ desde que aprovadas pelas autoridades:

(...) víamo-nos a bordo de um Douglas da Pan American Airways System, rumo à grande república do continente e com um programa de visitas aos principais centros de cultura, às suas grandes cidades, às suas belezas naturais e aos seus pontos de interesse, cuidadosamente escolhido e minuciosamente estabelecido.

Em Washington, na Divisão este programa foi convertido num “Itinerary”, melhorado e organizado de maneira a não perdemos dias em voltas desnecessárias – e em quase três meses foi êle totalmente cumprido, tendo corrido o país de lêste a oeste, de sul a norte e vice-versa sem passar duas vêzes pelo mesmo ponto, salvo a Flórida, naturalmente, que é por onde se entra e por onde se sai.¹³⁷

E embora parecesse tudo tão previamente organizado, para sua decepção, ninguém o esperava no aeroporto – o mesmo acontecera com outros convidados.¹³⁸ No Consulado do Brasil em Miami: “há convites para almoço, programas para se conhecer a cidade, encontros para uma estadia alegre, combinações para se obter passagens nos trens e nos aviões, providências para resolver exigências da Censura e do Fisco”.¹³⁹ Pelo que fica subentendido, a chegada a cada novo local do itinerário, ou ao menos com alguma freqüência, os hóspedes do Departamento de Estado entravam em contato com autoridades locais (como o Consulado) ou pessoas designadas a serviço daquele: em Nova York, as guias foram jovens e senhoras voluntárias. Mas foi um “velho e querido amigo (...) que nos mostrou a cidade (...): Otávio Cabral, do Instituto

¹³⁶ “O programa que se elabora na Divisão Cultural do Departamento de Estado resume-se num itinerario, para que o visitante não perca o seu tempo em idas e voltas, nos vagões das ferrovias, aproveitando-a integralmente. E este itinerario é feito de acôrdo com os desejos do convidado, que pode ver o que quiser, onde entender e como pretender”. CABRAL, 1944, op. cit., p.190.

¹³⁷ Ibid., op. cit., p. 13. Grifos do autor.

¹³⁸ Ibid., p. 27.

¹³⁹ Ibid., p. 31.

Brasileiro do Mate”.¹⁴⁰ E ainda: “nas cidades, o *State Department* já se comunicou com uma ou mais pessoas destacadas, com entidades ou professores, ou mais facilmente com os escritórios da Coordenação – participando-lhes da chegada do visitante em dia certo”.¹⁴¹

Dada a finalidade de “Boa vizinhança”, uma visita ao órgão que centralizava essas ações em Washington, parecia indispensável, como também posteriormente ao Rockefeller Center:

A Divisão das Relações Culturais fica na 17ª Avenida, fronteira ao State Department, de que é dependência, bem próximo à Casa Branca.

Seu Chefe é Mr. Charles Thompson, amigo de todos os sul-americanos e dos brasileiros, muito em particular. O seu pessoal tem uma preocupação constante: agradar os visitantes e hóspedes oficiais, tornar-lhes por todos os modos e de tôdas as maneiras agradável e proveitosa a sua permanência nos Estados Unidos. Em contacto com Richard Pattee, ilustre escritor e sociólogo com Mr. Carol Foster, ex-Cônsul Geral dos Estados Unidos em São Paulo e que tem o nome do Brasil constantemente nos lábios, com Mr. Harry Pierson, com Miss Finlay ou Mrs. Lee, além do prestimoso e amável Mr. Camella, numerosos convidados, de todos os países das Américas do sul e central, procuram estabelecer itinerários, programas de visitas, excursões, entrevistas e encontros. Procura-se não perder tempo – e desde que se conheçam as tendências e os desejos dos convidados, são imediatamente facilitados os meios para os realizarem, colocando-se assim em direto contacto com a América e seu povo.

Assim foi também conosco – e no dia mesmo da chegada, ainda sem descansar das 30 horas da viagem de trem, já estávamos a fazer as nossas visitas.

Acompanhados de Mr. Patee, a primeira delas foi ao Palácio da União Pan-Americana, onde o velho

¹⁴⁰ Ibid., p. 60.

¹⁴¹ Ibid., p. 172.

e amável Presidente Leo Rowe, que ainda recorda com palavras de sincero encantamento os seus encontros com Rio Branco, Ruy e Nabuco e que se lembra de ter visto, na Exposição Mundial de Filadélfia, o Imperador D. Pedro II, nos acompanhou em visita a todas as dependências do impotente palácio.

Tudo ali recorda a união das Américas – e no pátio interno, em tórno de uma fonte desenhada por Gertrude Whitney com motivos ameríndios, encontra-se plantas simbólicas das 21 nações da União.

No jardim, o deus azteca das flores preside-as, acororado refletindo a sua imagem num espelho d'água.¹⁴²

E, assim, os passeios eram realizados individualmente ou em grupo:

Na tarde que o percorremos [o zoológico de Washington], a caravana dos visitantes, reunidos ao acaso, na capital americana, todos hóspedes do Departamento de Estado, era grande e entre os componentes contavam-se dois que se tornariam nossos excelentes amigos: Mariano Inchaustegui, advogado, historiador e professor dominicano, autor de vários interessantíssimos trabalhos sobre a história das Antilhas e o douto Vicente Donoso Tórres, educador e poeta boliviano. O precioso Mister Camella, do State Department, era nosso amável cicerone.¹⁴³

A descrição dos locais, preços, alimentação, pessoas etc. é minuciosa, cria no leitor a sensação de que nenhum detalhe escapa ao seu olhar “etnográfico”. Sobre o comportamento dos estadunidenses: “o americano tem tanto de amável e de expansivo, quanto tem o seu parente mais próximo, o inglês, de fechado e sêco” características que não encontrou de maneira uniforme: “entretanto, não vamos julgar, por

¹⁴² Ibid., p. 38-39.

¹⁴³ Ibid., p. 48.

isso, que os americanos sejam uns anjinhos. Têm eles lá os seus defeitos, as suas diferenças”.¹⁴⁴

Pesquisadores em suas análises a relatos de viagem observaram que:

(...) uma viagem – particularmente o relato de viagem – funciona como inspiração para outras jornadas desde tempos remotos. A curiosidade sobre terras distantes e homens que viviam de forma distinta aguçou espíritos aventureiros, negociantes e pensadores, se pensarmos principalmente nas viagens feitas por ocidentais. Alguns relatos de viagem são, dessa maneira, textos muito influentes e, por conseguinte, mobilizadores (...) Essas viagens – novamente, reais ou imaginárias – providenciaram um corpo de referência ou ‘intertextos’ para escritos modernos.¹⁴⁵

Oswaldo Cabral era um leitor tanto de relatos de viajantes estrangeiros ao Brasil como Duperrey e Saint Hilaire¹⁴⁶, como de escritores de ficção de aventuras como Júlio Verne. Na percurso por Ogen, estado de Utah, Cabral evoca Verne:

Nós já conhecíamos a região, apenas os nossos olhos a contemplavam pela primeira vez. Buscávamos descobrir aqui um acidente, ali um detalhe já conhecido e que pudéssemos identificar. Júlio Verne nos levava – bom tempo aquele! – pela mão, em deliciosos raides, por tôdas estas regiões, mostrara-nos Phleas Fogg sentado calmamente num vagão, tal como nós,

¹⁴⁴ Ibid., p. 80-83.

¹⁴⁵ JUNQUEIRA, Mary Anne (Org.); FRANCO, Stella Maris Scatena (Org.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa** (vol.II). São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011. v. 1. 129 p. Disponível em: <www.historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>. Acesso em: 28 out. 2012., p. 49-50. Agradecemos a indicação dessa coletânea a Ivania Pocinho Motta, membro do grupo de pesquisa “Trânsitos nas Américas: viagens e viajantes (séculos XIX e XX)” – FFLCH/USP.

¹⁴⁶ Viajantes que aparecem citados em seus estudos como em **A vitória da colonização açoriana**, op. cit., p. 32.

contemplando o que agora se abria à nossa frente, enquanto Jean Passepartout assistia às pregações de um velho mormon sobre o massacre de Joseph Smith, o fundador da seita e sobre as perseguições que ele vinha sofrendo.

Enquanto íamos recordando os dias de uma longínqua infância, com as Viagens Maravilhosas nas mãos – íamos percorrendo as ruas de Ogden. (...) Quando o trem partiu, ficámos a espera do espetáculo que determinara o nosso itinerário por estas regiões: a travessia do Grande Lago Salgado (...).¹⁴⁷

Não apenas a literatura povoa o seu repertório, mas também o cinema, como nesses trechos de sua passagem pelo Arizona:

Lagartos e iguanas atravessam-se a todo o instante pelo caminho; esquilos levantam-se sobre as patinhas, mastigando nozes, e não raro um veado de grandes pupilas redondas, que parece ter saído de um desenho de Disney, olha para o passeante solitário.

(...) Ao longe, um cavaleiro que segue em disparada, deixa a seguí-lo um rasto de pó denso e vermelho. Vamos seguindo o rasto que se levanta e que marca a corrida, paralela a linha férrea – enquanto o pensamento vai rumando para o passado, um passado de calças curtas que nos vira no cinema, apreciando aquele mesmo deserto – um deserto, entretanto, povoado de emoções, de sonhos e de bravura.

Aquele cavaleiro deve ser William Hart!¹⁴⁸

Como parte de sua visita, Cabral e Donoso Torres realizaram uma palestra na Universidade de Denver, nos cursos de verão das professoras Whilhelmina Hill e Prudence Botswick, onde também visitaram uma classe de aulas de português, “conversando com os

¹⁴⁷ CABRAL, 1944, op. cit., p. 150-152. As passagens descritas encontram-se entre os capítulos XXVI e XXVIII de: VERNE, Júlio. **A volta ao mundo em 80 dias**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

¹⁴⁸ CABRAL, 1944, op. cit., p. 220-222.

alunos em nossa língua pátria”. Cabral palestrou sobre o Brasil, tendo sido traduzido para o inglês por Samuel Guy Inmam.¹⁴⁹

Por fim, as observações sobre a paralisia infantil foram realizadas em visita ao *Michael Reese*, hospital israelita, em Chicago e no Children’s Hospital, de Denver:

O *Michael Reese*, também em Chicago, é um hospital israelita, de intenso movimento, e facilitou-nos, graças à companhia do jovem e distintíssimo médico brasileiro Emílio Mattar, que ali estuda endocrinologia, e que tem colhido merecidos louros nos seus estudos, a visita a várias secções, inclusive as de cirurgia, cardiologia, de cancer, e paralisia infantil, com quem enchemos tôda uma proveitosa manhã. (...) A [secção] de paralisia infantil dirigida pelo Dr. Mollander, não é menos completa e ali ensaiam todos os métodos de treinamento, inclusive o de Kenny, sendo dotada de aparelhos próprios, piscinas e de todo o instrumental para as massagens.¹⁵⁰

De volta ao Brasil, os jornais noticiavam entusiasticamente que Cabral palestrara sobre a viagem aos Estados Unidos:

Espírito esclarecido de intelectual e historiador, a palestra do dr. Cabral foi ouvida com grande atenção, contendo ela interessantíssimas observações sobre a visa artística e dinamica da grande republica norte-americana. Foi um verdadeiro regalo espiritual a todos os presentes, de inesqueciveis encantos, o relato do dr. Cabral. com entusiastica salva de palmas os presentes expressaram a satisfação pelos rápidos momentos transcorridos.¹⁵¹

¹⁴⁹ Ibid., p. 205, 233, 235.

¹⁵⁰ Ibid., p. 238.

¹⁵¹ Fragmento de jornal sem local de publicação, apenas com data anotada de agosto de 1943.

A partir de seu retorno a Florianópolis, Cabral converteria a experiência da viagem em livro, assunto do próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

O RELATO DE VIAGEM E O PÚBLICO LEITOR

Agora, o Consulado é o inglês. (...)

- O que é que o Sr. faz?

- Medicina a maior parte do tempo, mas já escrevi uns livros...

- E vai escrever também um sobre a América?

- Pode ser...

(Oswaldo R. Cabral)¹⁵²

Terra da Liberdade é um dos livros menos conhecidos de Cabral pelos os historiadores. Às vezes citado pelos pesquisadores entre as demais obras desse autor, recebe um breve comentário, mas até onde foi possível verificar, a obra não foi objeto de nenhum estudo historiográfico exclusivo.

Elementos da conjuntura – questões políticas, econômicas, sociais e culturais – perpassam as condições de produção desse livro e, indissociavelmente, integram sua “forma” e “conteúdo”.

Com isso, não se quer reduzir a obra ao seu contexto, tratar textos literários como meros reflexos da realidade, tampouco fazer da história um simples pano de fundo. Para Antonio Candido, a dimensão social da obra se exprime em dois sentidos: a influência do meio sobre a obra e dela sobre o meio e os indivíduos. Desse modo, a arte “depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais”.¹⁵³ Candido considera ainda, que para auxiliar na compreensão de uma obra, que se considerem tanto os

¹⁵² CABRAL, 1944, op. cit, p. 16.

¹⁵³ CANDIDO, Antonio. II A literatura e a vida social. In: _____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história da literatura. 8ª São Paulo. T. A. Queiroz editor, 2002, p. 22-21.

“fatores externos” – condições sociais –, quanto o “fator individual” – autor/biografia e a estrutura interna do texto.¹⁵⁴

Tendo tratado do autor e da viagem no capítulo anterior, passa-se às condições de transformação do relato da viagem em livro e, posteriormente, à sua circulação e recepção na crítica (em jornais) e entre seus leitores.

3.1 Relato e literatura de viagem: *forma e conteúdo*

Da mesma maneira que os objetivos das viagens são distintos, as motivações dos viajantes ao escrever seus relatos também são diversas. A esse respeito, Luciana Rossato comenta:

Hans Staden escreveu para agradecer a Deus pela vida, enquanto Jean de Léry aproveita para discutir questões religiosas que agitavam seu país. Já os cientistas viajantes escreviam os relatos com o objetivo de difundir o conhecimento adquirido a partir da viagem realizada, bem como valorizar seu trabalho em prol da ciência.¹⁵⁵

Como resultados de viagens encontram-se os relatos dos viajantes em forma de textos como diários, relatórios, cartas, livros, bem como imagens, em alguns casos. Qual o potencial dessas fontes para o historiador e quais as suas especificidades, são questões instigantes à presente pesquisa. Preocupada com tais especificidades, a historiadora Mary A. Junqueira sistematizou abordagens metodológicas no emprego de relatos de viagem como fontes históricas.¹⁵⁶ As indicações metodológicas que foram consideradas pertinentes a este trabalho estão doravante incorporadas, bem como as de outros pesquisadores que se debruçaram sobre essas fontes e/ou temas correlatos.

Presume-se que o relato da viagem de Oswaldo começou a ser convertido em livro logo após seu o retorno a Florianópolis. Cabral viajava acompanhado de um diário que transformou no livro **Terra da Liberdade**: impressões da América, publicado em 1944 pela Editora

¹⁵⁴ CANDIDO, Antonio. Introdução. In: _____. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006 [1957], p. 34.

¹⁵⁵ ROSSATO, op. cit., p. 37.

¹⁵⁶ JUNQUEIRA, Mary Anne, op. cit.

Guaíra de Curitiba. Localizado em seu acervo pessoal, a capa do diário trazia o título: “Viagem pelas Américas”, e na contracapa: “My Travel Daily Register” (Report) – notes for a buck about the cultural aspects of the United States and the life of their people”. (Anexos n.º 1 e 2 respectivamente). O livro não é igual ao diário manuscrito, todavia as diferenças entre ambos não serão tratadas no âmbito deste trabalho. Conforme nota de jornal, o livro que Cabral planejava teria três divisões: “‘Caminhos da América’, isto é, impressões de viagem propriamente ditas; ‘Cidades Americanas’ – vida comunal e cívica, e ‘Amigos da América’ – o povo visto e lembrado”.¹⁵⁷

Terra da Liberdade é um diário de viagem, um relato de viagem ou, ainda, literatura de viagem? A lista poderia se estender para: é autobiografia, testemunho, documento? Essas questões são tão complexas quanto a própria definição do que é *literatura*. Sem a pretensão de uma resposta definitiva, tateando entre a Teoria da Literatura e a Historiografia, chegou-se aos seguintes apontamentos.

Primeiro, não é possível identificar um conjunto suficiente de elementos que reunidos em texto se denomine “literatura”. Ou, nas palavras do crítico literário: “a literatura, no sentido de uma coleção de obras de valor real e inalterável, distinguida por certas propriedades comuns, não existe”.¹⁵⁸ Assim, o atributo de literatura não estaria na origem do texto, ou em elementos intrínsecos, mas na relação que as pessoas estabelecem com os textos:

O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado.

Nesse sentido, podemos pensar na literatura menos como uma qualidade inerente, ou como um conjunto de qualidades evidenciadas por certos tipos de escritos que vão desde *Beowulf* até Virginia Woolf, do que como várias maneiras pelas quais as pessoas *se relacionam* com a escrita. Não seria fácil isolar, entre tudo o que se

¹⁵⁷ **A GAZETA**, “O Dr. Osvaldo Cabral nos Estados Unidos” (notícia enviada de Washington). Florianópolis, 2 de julho de 1943. Acervo de Osvaldo Cabral.

¹⁵⁸ EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 16.

chamou de “literatura”, um conjunto consoante de características inerentes.¹⁵⁹

Portanto, Eagleton considera que “classificar algo como literatura é extremamente instável”¹⁶⁰ e essa definição é histórica, varia de acordo com cada sociedade. Segundo, ainda no campo da Teoria Literária, para Roberto C. Ribeiro, a “literatura de viagem” no Brasil se deu como uma construção. A partir de obras que considerou como parte da historiografia literária brasileira, escritas por Alfredo Bosi, José Guilherme Merquior e Erico Verissimo¹⁶¹, Ribeiro expõe:

O relato de viagem na historiografia literária brasileira aponta para duas questões: a primeira é que ele pode ser considerado a origem, o ponto de partida da formação de uma literatura brasileira; a segunda, e paradoxalmente, é que ele é analisado somente como uma fase inicial necessária mais como *informação*, desaparecendo no decorrer do estudo de tais historiografias, revelando, por parte dos pesquisadores, a inclusão de tal literatura na lista dos “gêneros menores”.¹⁶²

Sem adentrar nos pormenores, Ribeiro traça o que seria o percurso da literatura de viagem no Brasil:

¹⁵⁹ Ibid., p. 13. Grifos do autor.

¹⁶⁰ Ibid., p. 19

¹⁶¹ As obras analisadas por Ribeiro foram: BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 37 ed. São Paulo: Cultrix, 2000. MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides**: breve história da literatura brasileira. 3 ed. Rio de Janeiro: Opbooks, 1996. VERISSIMO, Erico. *Breve história da literatura brasileira*. Trad. Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995.

¹⁶² RIBEIRO, Roberto Carlos. Literatura de viagem e historiografia literária brasileira. In: **Revista Letras & Letras**, Uberlândia 23 (1) p.145-159, jan./jun. 2007, p. 145. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&cad=rja&ved=0CE8QFjAE&url=http%3A%2F%2Fwww.letraseletras.ileel.ufu.br%2Finclude%2Fgetdoc.php%3Fid%3D602%26...&ei=UCNqUZipCeXn0wGB7oC4Dg&usg=AFQjCNEU9IaVtKbJyplxug3cMPtLNDenSQ&bvm=bv.45175338,d.dmQ>>. Acesso em: 14 abr 2013. Grifos nossos

(...) passaria de uma mera crônica de informação no século 16 para um relato científico três séculos depois, espalhando-se para uma forma de conhecimento cultural das raízes do próprio País, já no início do século 20, terminando por desaguar em um relato-reportagem com ares de literatura na metade do mesmo século.¹⁶³

Ribeiro considera que possivelmente o reconhecimento do atributo literário dos relatos de viagem tenha iniciado com Erico Verissimo, a partir de sua experiência como um escritor que transformou relatos de viagens em livro:

Com o escritor gaúcho, o relato de viagem ganharia, para além da sua feição de reportagem, um toque literário e estético, elevando assim o gênero a um patamar mais nobre. (...) mesmo porque o autor de *O tempo e o vento* consagrou parte de suas criações para narrar as suas viagens aos Estados Unidos (dois volumes), México e Israel, Grécia e Portugal, demonstrando que não foi à toa que ele viu, nos relatos dos viajantes quinhentistas, a riqueza de se fazer e narrar tais percursos de viagens, em que o confronto com outras culturas pode revelar a beleza da paisagem e do humano.¹⁶⁴

Embora tenham dado tratamento estético diferente a seus relatos, Erico Verissimo e Oswaldo Cabral viajaram aos Estados Unidos e escreveram seus relatos sob os auspícios da Política de Boa Vizinhança, na década de 1940. Enquanto **Gato preto em campo de neve** (1941) e **A volta do gato preto** (1946) se aproximam do romance por seu caráter deliberadamente ficcional, **Terra da Liberdade** tem uma composição semelhante a um diário de viagem. Ao passo que Verissimo transforma a experiência da viagem em literatura, a narrativa de Cabral se aproxima da descrição “científica” de um observador da realidade. A forma de seus livros talvez se explique pela posição que

¹⁶³ Ibid., p. 156.

¹⁶⁴ Ibid., p. 156 e 158. Grifos do autor.

cada um ocupava: Verissimo estava ligado à produção editorial no Brasil; Cabral era médico de formação e historiador autodidata.

Por fim, justamente por conta dessa heterogeneidade de formas em que os relatos de viagem podem se apresentar, a historiadora Mary Junqueira aborda as considerações do crítico literário Jam Borm, que examina se o relato de viagem é um “gênero literário”. Para Junqueira, trata-se de “um *corpus* documental consideravelmente diversificado, sendo improvável encontrar homogeneidade entre essas fontes”, pois cada viagem e cada relato são únicos.¹⁶⁵ Para Borm:

(...) é um problema definir o relato de viagem como objeto porque este é um “gênero composto por outros gêneros literários”. Borm sustenta que trata-se de uma espécie de gênero híbrido, já que se nutre de outros tipos de discursos. O crítico cita, entre os gêneros comumente encontrados nos relatos de viagem, a ficção (romances, novelas, contos, poemas etc.), a autobiografia (ou escrita de si), os discursos científicos, textos memorialísticos etc.¹⁶⁶

Desse caráter híbrido, podem-se encontrar, por exemplo, tanto relatos oficiais e científicos permeados pela “escrita de si”, quanto diários (uma forma de “escrita de si”) firmados em discurso científico. Além disso, relatos de viagem podem conter “elementos ficcionais”, como o clássico **Robinson Crusoe**, de Daniel Defoe. Entretanto, “embora as fronteiras entre ficção e realidade sejam tênues, ninguém lê

¹⁶⁵ JUNQUEIRA, op. cit., p. 45-46.

¹⁶⁶ BORM, Jam. Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology. In: YOUNGS, Tim; HOPPER, Glenn. **Perspectives on travel writing**. London: Ashgate, 2004, p.15 apud JUNQUEIRA, op. cit., p. 55.

Moby Dick¹⁶⁷ da mesma forma com que lê o relato de viagem de Charles Darwin”.¹⁶⁸

Das considerações acima, parece claro que abordar uma obra como *literatura de viagem*, implica apreender a complexa relação entre *autor*, *obra* e *público*: o que se sabe sobre o autor, o que se pode averiguar sobre a sua intenção ao escrever determinada obra e qual a atitude do público leitor frente a esse texto.

A viagem de Oswaldo teve cunho oficial e embora houvesse aparente liberdade sobre o que escrever a partir dessa experiência, o seu relato da viagem não foge das questões laudatórias à Política de Boa Vizinhança, que no final das contas o levaram aos Estados Unidos. Ainda que seja de caráter oficial foi escrito na primeira pessoa do plural¹⁶⁹ e comporta a “escrita de si”, expondo opiniões pessoais a respeito do que vivenciou.

No propósito de examinar a estrutura interna de **Terra da Liberdade**, busca-se entender a obra como uma produção da cultura, e:

(...) se a cultura é uma produção central e organiza os significados e valores de uma determinada sociedade, ela atua nas diferentes esferas, e olhar, por exemplo, a política do ponto de vista da linguagem em que é veiculada é forma potente de

¹⁶⁷ Romance publicado em 1851 pelo escritor estadunidense Herman Melville, que “fora marinheiro antes de se dedicar às letras e esteve na região entrecortada das ilhas do Pacífico – também conhecida como Mares do Sul – quando era relativamente ‘desconhecida’ em virtude do escasso mapeamento da área. Parte da experiência do autor no mar está presente em seus romances, indicando a opacidade entre os limites da realidade e da ficção”. JUNQUEIRA, op. cit., p. 58.

¹⁶⁸ “(...) baseado em um naufrágio que ocorreu de fato no Arquipélago de Juan Fernández, nas costas do Chile”. Ibid., p.56, 57.

¹⁶⁹ “(...) um recurso chamado plural majestático, que consiste em atenuar a afirmação muito marcada de *eu*, que é amplificado para uma pessoa mais ampla e menos definida. Entretanto, mesmo quando se utiliza a primeira pessoa do plural objetivando construir um discurso mais objetivo, o *eu*, por carregar os traços de unicidade e transcendência, se sobressai.” Disponível em: <<http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/623-ArtigoMarilia.pdf>>. Acesso em: 15 de abril de 2013.

se conhecer o que determinada formação articula ou oculta.¹⁷⁰

Desse modo, “as práticas específicas da cultura”, como as artes e a literatura, “concretizam ‘em forma’” a existência e as sociedades em que são produzidas.¹⁷¹ Autor e obra possuem, portanto, relação estreita com o seu contexto de produção.

Externando suas intenções, nas primeiras páginas de **Terra da Liberdade**, Cabral assume o papel de narrador e declara a que veio:

Deste contacto [com os Estados Unidos] sai êste livro. Foi o que vimos em nossa viagem, narrado com fidelidade. Não é um diário de viagem, nem mesmo uma série de crônicas que ela teria motivado. E, nada mais pretende ser, apenas, a narrativa da reação experimentada ao nosso contacto com a América.¹⁷²

De fato, a *forma* que Oswaldo escolhe para compor o livro mostra-se adequada aos seus propósitos: para “a narrativa da reação experimentada ao nosso contacto com a América”, o autor desenvolve um relato da viagem elaborado, basicamente, a partir do itinerário que percorreu. Não é um “diário de viagem” – o que suporia um relato minucioso de cada aspecto da jornada; não é “crônica” – portanto não é ficção. É uma “narrativa”, ou seja, uma descrição bastante minuciosa do olhar atendo do viajante médico e escritor. Teria Cabral optado por narrar suas “reações” em detrimento de “argumentos” ou “opiniões”? A pergunta tem em mente as palavras de Raymond Williams: “o que está em causa na forma é a ativação de relações específicas, entre os homens, e entre estes e as coisas”.¹⁷³ Ora, num momento de polarização ideológica como esse – Segunda Guerra, alinhamento do Brasil aos Estados Unidos e Estado Novo –, emitir opiniões poderia ser muito comprometedor. E, curiosamente, quando essas opiniões emergem no

¹⁷⁰ CEVASCO, Maria Elisa. Questões de análise: o materialismo cultural na prática. In: _____. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p. 182-183.

¹⁷¹ Ibid., p. 181 e 183.

¹⁷² CABRAL, 1944, op. cit., p. 14. A redação do autor foi mantida.

¹⁷³ WILLIAMS, Raymond. Formas. In: _____. **Marxismo e Literatura**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979, p. 189.

relato, Cabral por vezes as modela em tom jocoso ou irônico. Antes mesmo de chegar aos Estados Unidos, em Trinidad, no jantar no *Queen's Park Hotel*:

(...) um agente do *Intelligence Service* pretende dar-nos um vomitório e por meia hora, quanto dura o infamérrimo jantar, de peixe preto e, de carne de lata que nos servem, vamos 'driblando' o detetive.

Quer saber porque há alemães presos em Santa Catarina, e si são muitos.

- 'Não posso dizer, pois o Govêrno não divulga estas coisas...Mas não será difícil obter-se a informação...'

- 'Sim?...'

- '...'por intermédio da Embaixada britânica no Rio...'

- 'Pode me dizer quais os sentimentos do povo brasileiro em relação à Inglaterra, no presente conflito?'

- 'O povo brasileiro está inteiramente solidário com os Estados-Unidos'.

- 'E o nazismo brasileiro?'

- 'Nunca ouvi falar...'

- 'O integralismo...'

- 'Ah, foi extinto pelo Govêrno'.

- 'Mas muitos certamente, conservarão suas idéias...'

- 'É possível...'

- 'E o que dizem êles contra a Inglaterra?'

- 'Não posso saber, pois nunca fui a uma reunião integralista'.

- 'E sobre o imperialismo inglês?'

- 'Não compreendo...'

- 'O que se diz da Inglaterra como nação imperialista?'

- 'Nós não dizemos coisa alguma. Os ingleses é que chamam à sua pátria de Império Britânico...'

Rimos. E acabou por dizer que as nossas declarações estavam de acôrdo com outras anteriormente colhidas.¹⁷⁴

¹⁷⁴ CABRAL, 1944, op. cit., p. 21-22.

Se o diálogo de fato ocorreu e se foi tal qual, não se sabe, mas isso não o torna menos interessante. Importa notar a solução que o viajante escritor encontrou para abordar temas tão delicados ante a conjuntura de polarização e a censura DIP – configuração geradora de limites no que Cabral poderia escrever. Para esquivar-se das perguntas capciosas do agente, Oswaldo recorre ao tom jocoso, irônico e ao diálogo como um recurso¹⁷⁵, ambientados na intimidade (e na tensão) de um jantar em que várias opiniões estão postas à mesa. Além disso, desde a ocasião da escolha de seu nome para a realização da viagem, estava claro o interesse de cônsul em neutralizar a influência germânica no estado. Como referido no primeiro capítulo, para o cônsul Reginald Kazanjian, o partido integralista era um disfarce em SC para a difusão do nazismo entre os teuto-brasileiros. Dada a sua atuação nas instituições da cidade, sobretudo no IBEU, Cabral certamente não ignorava as ideias difundidas em torno desse suposto disfarce do nazismo.

Quanto mais se atenta para a estrutura interna do livro, mais evidente fica que “a forma compreende assim toda uma gama que vai do externo e superficial até o essencial e determinante”.¹⁷⁶ A organização dos capítulos basicamente obedece ao percurso. **Terra da liberdade** está dividida em nove capítulos: **Adeus, Brasil!; Da Flórida a Washington, D.C.; New-York; Às Margens dos Grandes Lagos; Nas costas do Pacífico; Bons vizinhos – Bons amigos; Arizona – New Mexico – Colorado; A Luiziana e Good bye Uncle Sam!**. No início de cada capítulo, Cabral escreve alguns parágrafos destacados do restante do texto, fazendo uma breve introdução e síntese de cada capítulo.

¹⁷⁵ Para este recurso Bakhtin e os estudiosos de sua teoria utilizam o conceito de polifonia: “esta se caracteriza por *vozes polêmicas* em um discurso”. Por esta marca de polêmica, o “o texto irônico é sempre polifônico”. RECHDAN, Maria Letícia de Almeida. **Dialogismo ou polifonia?** Disponível em: <<http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/dialogismo-N1-2003.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2013.

¹⁷⁶ Ao comentar sobre a forma, Raymond Williams explica que “na mais substancial teoria literária dos dois últimos séculos, o gênero foi, na prática, substituído pela forma. Não obstante, o conceito de forma encerra uma ambigüidade de significação. A partir de sua evolução em latim, que se repetiu em inglês, a palavra adquiriu dois sentidos principais: uma forma visível ou externa e um impulso modelador inerente”. WILLIAMS, op. cit., p. 185.

Como é comum nos relatos de viagem, o livro é em grande parte uma narrativa descritiva baseada no itinerário, com exceção do sexto capítulo, **Bons vizinhos – Bons amigos**. Neste, título e conteúdo aludem às amizades proporcionadas pela viagem, cujo objetivo maior, como é sabido, era justamente desenvolver a Política de Boa Vizinhança no continente.

Tomada a obra como um todo, as observações dispersas no relato de viagem dão a sensação inicial de ideias que ainda não estão formadas, ainda diluídas diante do contato com o “desconhecido”. Cabral, que já escrevia de forma tão contundente, traz em **Terra da Liberdade** uma narrativa suspensa entre um topônimo e outro. Ou tão fragmentada como o contexto polarizado. Entretanto, é certo que como todo relato, não é neutro. Inicialmente, mostra-se bastante interessado no passado dos Estados Unidos, em como as instituições construíram e solidificaram a democracia. Falar do passado se torna uma escolha segura frente ao presente e futuro irresolutos pelas incertezas da guerra.

As condições de produção de livros durante esses anos da Segunda Guerra sugere algumas pistas sobre a sua materialidade: suporte, editora, tiragem, circulação, temas das próximas seções.

3.1.1 A Editora Guaíra Limitada

Ao interesse manifesto pro Cabral em publicar um livro sobre a viagem, Reginald Kazanjian responde da Embaixada do Rio, em novembro de 1943, que se Cabral lhe enviasse uma cópia do manuscrito, ele poderia providenciar para que os capítulos fossem publicados na Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos no Rio. A ampla circulação da Revista tornaria o material conhecido e talvez despertasse interesse na publicação em forma de livro.¹⁷⁷ Não se sabe se isso de fato ocorreu e não há mais informações até a publicação do livro pela Editora Guaíra.

Cabem aqui breves palavras sobre essa editora que publicou o livro de Cabral. Durante a pesquisa não foram encontradas fontes que subsidiem afirmar que o livro foi financiado pelo OCIAA, embora muito provavelmente o tenha sido, uma vez que ao apresentar a candidatura de Cabral para a bolsa de estudos, o Cônsul Reginal Kazanjian pressupunha que a viagem seria seguida de um livro relatando-a. Da mesma forma,

¹⁷⁷ KAZANJIAN, Reginald. [Correspondência]. 24 de novembro de 1943, Rio de Janeiro [para] CABRAL, Oswaldo. 1f. Acervo de Oswaldo Cabral.

não foram obtidas razões explícitas que justificassem a escolha dessa editora, uma vez que havia a possibilidade de publicação em Florianópolis, como ocorrera com outros livros e escritos seus anteriores, publicados pela Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina¹⁷⁸. Fora de Florianópolis, o seu “**Santa Catharina**”¹⁷⁹ fora publicado pela Companhia Editora Nacional, na coleção Brasileira e **A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina**¹⁸⁰ na “Cultura Política”. O que se pode afirmar, é que a Editora Guairá experimentou seu apogeu na década de 1940, não só pela iniciativa de seu proprietário, mas por oportunidades na conjuntura nacional.

No Brasil, durante a crise econômica dos anos 1930 fazia-se necessário limitar as importações, inclusive de livros. Foi então, que “pela primeira vez desde princípios do século XIX, o livro brasileiro se tornara competitivo em seu próprio mercado nacional”.¹⁸¹ Foi a oportunidade, por exemplo, para Livraria Globo de Porto Alegre tornar-se proeminente na tradução de literatura estrangeira de ficção.¹⁸² No final da mesma década, com a deflagração da Segunda Guerra Mundial havia a impossibilidade de importar livros franceses, abrindo espaço para os de língua inglesa, oriundos dos Estados Unidos:

A partir de setembro de 1939, o bloqueio naval inglês interrompeu quase todo o suprimento de livros provenientes dos territórios sob controle alemão, e em menos de um ano a França estava entre eles – ainda a principal fonte de livros em língua estrangeira para o Brasil. Os livros em inglês chegavam cada vez mais dos Estados Unidos (43% de todas as importações de livros em 1943), graças à prosperidade do Brasil durante a guerra e à conseqüente recuperação do poder aquisitivo do mil réis (que em outubro de 1942 passou a chamar-se cruzeiro). Infelizmente – nas

¹⁷⁸ Por exemplo, CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Medicina, Médicos e Charlatões do Passado**. Edição do D. E. E. de SC – Imprensa Oficial do Estado: Florianópolis, 1944. 295 pp

¹⁷⁹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Santa Catharina** – história, evolução. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1937. (Brasileira, 80)

¹⁸⁰ CABRAL, 1941, op. cit.

¹⁸¹ HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985, p. 317.

¹⁸² Ibid., p. 310 e 317.

condições de transporte marítimo em tempo de guerra – era mais fácil importar livros americanos do que equipamentos gráficos americanos, muito mais necessários, porém muito mais volumosos, que teriam aumentado a capacidade de produção gráfica no Brasil.¹⁸³

Além dos livros em inglês, aumentou também a importação de livros dos países hispano-americanos, dada a aceitação do espanhol pelos leitores. Contudo, a exportação desses países foi prejudicada “pela carência de transporte marítimo” e “pela escassez de papel, tinta e equipamento gráfico”. Por conseguinte, “a atividade editorial brasileira expandiu-se para preencher a lacuna e novas editoras proliferaram”.¹⁸⁴

Esse foi o caso da Editora Guaíra Limitada, criada em 1939 em Curitiba pelo alagoano Oscar Joseph de Plácido e Silva.¹⁸⁵ Distante do eixo Rio-São Paulo, que concentrava os grandes centros editoriais e gráficos, a Guaíra conquistou reputação nacional e “sua produção no início dos anos 40 era de cerca de 40 títulos por ano”.¹⁸⁶

Editor e proprietário, De Plácido e Silva dava o tom da política editorial, embora algumas pessoas (como Sérgio Milliet e Luiz Martins), tenham-no auxiliado nas linhas criadas em forma de coleções ou séries de livros agrupados por assunto. As coleções foram assim organizadas: **Estante Americana** (espaço para os romances dos escritores dos demais países do continente); **Grandes Romances** (voltada para autores estrangeiros consagrados, algumas obras foram traduzidas por Jorge Amado); **Romances Brasileiros** (como “Espigão de samambaia”, de Leão Machado¹⁸⁷ – 1942, premiado pela ACL); **Contos Nacionais**; **Biografias**; **Coleção Caderno Azul**¹⁸⁸ (publicou “Músicos do Brasil”, de Mário de Andrade - 1941; “Psicanálise do cafuné” - 1941 e “Poetas

¹⁸³ Ibid., p. 404.

¹⁸⁴ Ibid., p. 404 e 406.

¹⁸⁵ Jurista, professor, jornalista e editor Oscar Joseph de Plácido e Silva (Maceió, 18/6/1892 - Curitiba, 16/1/1963). Disponível em: <<http://www.millarch.org/artigo/os-cem-anos-de-placido-silva-merecem-intensas-comemoracoes>>. Acesso em: 22 de agosto de 2012.

¹⁸⁶ HALLEWELL, op. cit., p. 521.

¹⁸⁷ Leão Machado foi o vencedor do *Segundo Concurso Nacional de Romance e Teatro* promovido pelo Ministério do Trabalho Indústria e Comércio, em 1944, com o livro **Fundição**. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1944. 256p

¹⁸⁸ Essa coleção era dirigida por Sérgio Milliet, De Plácido e Silva e Luiz Martins.

do Brasil”, de Roger Bastide. “Reuniu obras dos mais diversos gêneros como ensaios, novelas, estudos e contos, com o intuito de revelar valores da literatura brasileira”); **Estante do Pensamento Social** (essa seção publicou “ABC do Comunismo”, de Bukharin¹⁸⁹); **Estante Jurídica** (a recente promulgação das leis do novo Código de Processo Civil (1939), no governo de Getúlio Vargas, por exemplo, estimulou algumas obras nessa coleção); **Estante Guairacá** (livros de estudos sociais, políticos e geográficos, formando um repertório útil à divulgação de fatos e problemas que interessariam ao público em geral”); **Estudos Propedêuticos e Técnicos** (linha de caráter didático); **Poesia e Teatro** (“foi especialmente significativa para o conhecimento de talentos locais”); **Estante Infantil** (“coleção com o intuito de reunir obras escritas por crianças e destinadas a crianças”); **Cadernos de Cordel** (“denominação aplicava-se, entretanto, mais à forma modesta de apresentação dos folhetos e características de impressão do que ao conteúdo, em nada similar ao romanceiro popular nordestino”, essa coleção pertence à década de 1950) e **Crônicas e Ensaios e Viagens**, coleção “que dava margem a muitos gêneros e temas”, publicou “De automóvel para o céu” de Frei Pedro Sinzig (1943), “Homem de farda”, de Furtado Sobrinho e “Terra de Liberdade”, de Oswaldo R. Cabral (1944).¹⁹⁰

Além das coleções, a “Revista Guaíra” recebeu publicação mensal a partir de fevereiro de 1949 até 1955, atuando no mercado ao lado da “Revista do Globo”, de Porto Alegre e da “Revista Alterosa”, de Belo Horizonte.¹⁹¹

A publicação de autores de esquerda na vigência do Estado Novo suscitou certo espanto naqueles que escreveram – mesmo que breves notas – sobre a Guaíra. Segundo Wilson Martins, a editora “tinha um catálogo de obras socialistas (...) tudo isso em pleno Estado

¹⁸⁹ Nikolai Ivanovich Bukharin (Moscou, 1888-1938). Economista e jornalista, teve grande destaque entre os teóricos do marxismo. Após a morte de Lênin, aliou-se a Stálin, de quem posteriormente divergiu e, ainda em 1938, foi executado no segundo processo de Moscou. Disponível em: <http://www.pstu.org.br/espr_biografias.asp>. Acesso em: 6 fev. 2013.

¹⁹⁰ Observações baseadas no texto gentilmente cedido pela Prof.^a Leilah S. Bufrem, pelo correio eletrônico, que está publicado como: BUFREM, Leilah Santiago. A Editora Guairá: contribuições ao debate. In: Ass. Cultural Avelino Vieira. (Org.). **História da literatura no Palácio**. Curitiba: Ass. Cultural Avelino Vieira, 1995, p. 69-80.

¹⁹¹ BUFREM, op. cit.

Novo!”.¹⁹² Para o mesmo período, sobre o proprietário da Martins Editora, Hallewell observa que “a inabalável recusa de publicar o que quer que fosse favorável ao regime, ou à sua filosofia, era tão eficiente para rotulá-lo de ‘subversivo’ quanto teria sido a publicação de qualquer material contrário ao regime”.¹⁹³ E, embora não tenha sofrido intervenção direta, “a escassez causada pela guerra dava perfeita cobertura ao governo em suas tentativas de prejudicar a empresa pela retenção de seu suprimento de papel”.¹⁹⁴ Quanto à Guaíra, “a então máxima autoridade policial do Estado, Walfrido Piloto (...) alertou De Plácido e Silva sobre o cunho ideológico de algumas de suas publicações ao que o editor teria reagido sem preocupação ou receio”.¹⁹⁵ E, assim, segundo depoimentos colhidos por Leilah Bufrem, “jamais foi molestado pela repressão, apesar da linha ideológica que escolheu para suas obras”.¹⁹⁶

A respeito a atividade editorial no Brasil, “terminado o *boom* do período da guerra, sobreveio o castigo”. Segundo Hallewell, “a maioria das novas firmas lutou até o fim da década de 40. Porém, a limpeza final foi de fato drástica: em 1953, o Brasil viu-se, no total, com menos editoras do que em 1936”. Com a Guaíra não foi diferente, a editora declinou “logo após o fim da guerra, a produção, e a importância”.¹⁹⁷ Entre os obstáculos estavam: o encerramento da publicação da “Revista Guaíra”, problemas financeiros, a dificuldade de importação de papel e “o fator determinante para a interrupção definitiva da produção editorial foi o incêndio do prédio onde estava instalada a sua oficina gráfica, ocorrido em fevereiro de 1961”.¹⁹⁸

3.1.2 A materialidade do relato

Terra da Liberdade é uma brochura de 297 páginas, com dimensões aproximadas de 19 x 13,7 x 3,3 cm. A sobrecapa do livro dá

¹⁹² MARTINS, Wilson. Renascenças Curitibanas. **Gazeta do povo**, 8 set 1997. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/wilsonmartins025.html>>. Acesso em: 22 ago 2012.

¹⁹³ HALLEWELL, op. cit., p. 417.

¹⁹⁴ Ibid., p. 418.

¹⁹⁵ BUFREM, op. cit.

¹⁹⁶ Idem.

¹⁹⁷ HALLEWELL, op. cit., p. 408 e 521.

¹⁹⁸ BUFREM, op. cit.

o tom do que o leitor encontrará no seu interior. Uma imagem da Estátua da Liberdade em azul e preto; a bandeira dos Estados Unidos da América ao fundo; em destaque no canto superior direito o título: “Terra da Liberdade” escrito em vermelho, sendo a palavra “Liberdade” grafada em letra cursiva (para dar “liberdade” à “Liberdade”?). No canto inferior esquerdo em marrom, o subtítulo: “impressões da América”, no qual “América” tem a fonte maior do que o restante do subtítulo; e por fim, na sequência do subtítulo: “de Oswaldo R. Cabral” com o nome do autor em letra cursiva. O conjunto das imagens associadas ao texto anuncia com certo otimismo que os Estados Unidos (a “América”, para o autor), são a “Terra da Liberdade” (Anexo n.º 3)

Não se sabe quem fez a arte da sobrecapa e se o autor deu alguma sugestão. No entanto, há no acervo de Cabral um livreto¹⁹⁹ em preto e branco com informações e imagens sobre a Estátua da Liberdade (Anexo n.º 4). Na primeira página do livreto o comentário sobre a estátua estampada na capa é sugestivo: “a tocha levantada da Liberdade queima noturna como um símbolo da vigilância constante e do amor pela dignidade humana, os valores únicos que podem manter o homem livre”²⁰⁰. Uma inscrição manuscrita na capa indica que recebeu esse livreto de Vicente Donoso Torres²⁰¹ em Nova York no dia 6 de junho de 1943.

A sobrecapa do livro e a capa do livreto apresentam semelhanças que não passam despercebidas. Quem quer que tenha concebido a capa do livro de Cabral – conhecendo ou não o livreto –, atrelou a liberdade do título à dimensão simbólica da imagem da estátua. Sem dúvida, a liberdade do título está para além do nome da estátua; relaciona-se ao ideal iluminista, tão caro à história de independência das treze colônias. Cabral faz a conexão entre o ideal iluminista de liberdade e os Estados Unidos, quando presenciou em São Luis, estado de Luisiana:

¹⁹⁹ Pelas informações na contracapa, trata-se de uma publicação do Departamento de Interior dos Estados Unidos, no ano de 1941, contendo 15 páginas e poderia ser comprada por 10 centavos.

²⁰⁰ “Liberty’s uplifted torch burns nightly as a symbol of the everlasting vigilance and love of human nobility which alone can keep man free”. United States Department of the Interior. **Statue of Liberty**: National Monument. Bedloe’s Island, New York, 1941.

²⁰¹ Educador e poeta boliviano, também convidado do Departamento de Estado.

(...) tôda a jornada de 14 de julho. As bandeiras francêsas tremulavam por tôda parte, não mais como símbolo de soberania mas como símbolo de tradição – ao lado da bandeira estrelada dos EE. Unidos – e à sombra de ambas, comemorava-se por tôda parte, na **terra da liberdade**, a queda da Bastilha e a declaração dos direitos do Homem²⁰².

Na parte posterior e nas abas da sobrecapa há propaganda de outros livros da editora Guaíra. Na sobrecapa posterior encontra-se uma resenha que anuncia o livro “Carne vil” (da coleção **Contos Nacionais**) de Gabriel Marques. A primeira aba apresenta “Opiniões sobre o **Paralelo 42** de John dos Passos em tradução de Silveira Peixoto” e a segunda aba lista a coleção de livros de Direito (da **Estante Jurídica**, da Guaíra). Note-se que a divulgação do livro de John dos Passos não é por acaso:

Nas décadas de 20 e 30, exatamente nesse período do entreguerras (...), surge com pujança uma novidade literária, constituindo uma espécie de neonaturalismo em seu empenho de denúncia da injustiça, da iniquidade, do preconceito sob todas as suas formas – de classe, de raça etc. (...) Com berço nos Estados Unidos, teve como pano de fundo a Grande Depressão, cujo pináculo foi o craque da Bolsa de Valores de Nova York em 1929. A crise só viria a ser estancada pela prosperidade trazida pelos investimentos industriais em armamentos e outros equipamentos bélicos, já preparando a Segunda Guerra Mundial. Os principais nomes da nova tendência são Theodore Dreiser, Upton Sinclair, Sherwood Anderson, Michael Gold, Erskine Caldwell, John Steinback, Sinclair Lewis, **John dos Passos**. (...) Destacam-se como pioneiros, todos eles socialistas e acusadores impiedosos da sociedade norte-americana, principalmente pelo culto ao dinheiro acima de tudo, com seu poder de corrupção e degradação moral. Aliás, um bom

²⁰² CABRAL, 1944, op. cit., p. 252.

número desses escritores neonaturalistas era jornalista de profissão e socialista por convicção. (...) Hoje em dia não dá para imaginar a influência que exerceram, entre nós, em toda a América Latina e na Europa. E, principalmente, a escala em que eram lidos, pois tornaram-se *Best-sellers* em seu próprio país e pelo mundo afora. No Brasil foram muito divulgados por várias editoras, destacando-se entre elas a Globo de Porto Alegre, que os publicou a todos. (...) Foi a primeira vez que a cultura norteamericana suplantou a européia em nosso país. E nunca mais a Europa retomaria sua ascendência perdida.²⁰³

A divulgação e os comentários ao livro de John dos Passos expressam sua ampla circulação no Brasil ao lado de outros autores estadunidenses, em tempos de Política da Boa Vizinhança e de *boom* na importação de livros estadunidenses, como já foi explicitado. Pode ser observada também a relação temática deste livro com o de Cabral: ambos têm os Estados Unidos como pano de fundo. Contudo, o leitor de **Paralelo 42** encontrará nas páginas de **Terra da Liberdade** os Estados Unidos num ponto de vista diverso.

Pela **Estante Americana**, a Guaíra publicou o que seria “a obra de maior repercussão” dessa coleção: uma trilogia de John dos Passos, constituída por **Paralelo 42** (traduzido por Silveira Peixoto), **1919** (traduzido por Miroel Silveira) e **Dinheiro graúdo** (traduzido por Zenha Machado e Silveira Peixoto).²⁰⁴ Conhecida por “Trilogia USA”, abrange aspectos da história dos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, permeada por conflitos sociais, políticos e econômicos.

Terra da Liberdade, como mencionado por Leilah Bufrem, foi publicado pela **Coleção Crônicas, Ensaios e Viagens** da Guaíra, embora essa informação não esteja presente na capa ou em outras partes do livro. Nas páginas finais, consta apenas que foi impresso nas oficinas da Empresa Gráfica Paranaense Ltda – Curitiba. A obra não teve edições posteriores, tampouco foi publicada por outra editora, um dos indícios de sua pouca repercussão nas gerações seguintes.

²⁰³ GALVÃO, Walnice Nogueira. **Guimarães Rosa**. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 18-20. - (Folha Explica). Grifos nossos.

²⁰⁴ BUFREM, op. cit.

As folhas do miolo do livro são impressas em material semelhante ao papel de jornal. Pesquisando livros publicados pela Guaíra no mesmo período, encontrou-se a seguinte descrição para o livro “3 soldados” de John dos Passos: o “livro apresenta capa manchada, bastante desgastada em suas extremidades, um leve vinco na lombada, páginas bastante amareladas, em papel de guerra, algumas ainda não foram abertas, e manchas de acidificação nas laterais”. Questionado sobre o termo “papel de guerra”, o experiente livreiro há vinte anos, definiu como sendo um papel “típico” dos livros editados durante a Segunda Guerra Mundial, quando, possivelmente por causa do racionamento de papel, as editoras adotaram papel de qualidade inferior, gramatura maior e mais amarelado que o comum. A Guaíra, que prosperou nesse período, teria usado esse material em quase todos os seus livros. Neles, as extremidades das páginas vinham grudadas (os livros que compõem o miolo eram dobrados) e suas folhas precisavam ser abertas pelos leitores com uma “espátula”.²⁰⁵

Embora não tenham sido encontrados subsídios acadêmicos – nem informações em antigas editoras e fabricantes como a Melhoramentos – que corroborem essa nomenclatura de papel, a descrição do “papel de guerra” cabe perfeitamente para **Terra da Liberdade**. Inclusive, o primeiro exemplar consultado para conceber o presente trabalho tinha suas páginas ainda dobradas.

O que se pode afirmar, é que as importações de papel diminuíram na década de 1940, principalmente a partir de 1942, estimulando a produção interna, mas o papel era mais caro, muitas vezes considerado de qualidade inferior e não supria a demanda.²⁰⁶

²⁰⁵ Agradecemos a Messias Gonzaga as informações, do Sebo Kapricho de Curitiba.

²⁰⁶ “Não há dúvida de que as importações caíram drasticamente em 1942, quando chegaram o Brasil 24.153 toneladas de papel para imprensa – das quais apenas 783 para livros – em comparação com as 47.733 toneladas (1.848 para livros) do ano anterior. A produção nacional de papel foi aumentada para compensar essa falta, subindo de 197.318 toneladas de todos os tipos de papel, em 1942, para 229.004, em 1943; porém, apenas 16.197 e 18.881 toneladas, respectivamente, dessas quantidades eram de papel de impressão. E depois a produção voltou a cair para 151.000 toneladas, em 1944, presumivelmente por falta de matéria-prima: as importações de polpa haviam caído de 79.926 toneladas, em 1941, para 41.566, em 1942. Os custos também subiram, na medida em que as importações, tanto de polpa, quanto de papel, tiveram de

Em 1943 essa diferença de preço [entre papel nacional e o importado] atingira cem por cento: dois cruzeiros por quilo importado, contra quatro cruzeiros o quilo do papel nacional, e este papel – de custo mais alto e de qualidade mais baixa que qualquer outro papel no mundo – representava agora 20% do custo industrial de um livro.²⁰⁷

Tal custo elevado na produção de matéria-prima era compensado pelos baixos custos com a força de trabalho, assim, “no início da década de 40, ainda era possível produzir versões brasileiras [menos sofisticadas] de livros norte-americanos que podiam ser vendidas pela metade do preço do original nos Estados Unidos.”²⁰⁸

A Guaíra enfrentou os mesmos problemas da conjuntura. Para a impressão dos livros, utilizava papel importado da Suécia pela T. Janer, tendo dificuldades para adquiri-lo.²⁰⁹ Em 1940, De Plácido e Silva comenta sobre seu plano editorial para 1941:

(...) os projectos são abundantes, mas tantas surpresas atribulam presentemente os pensamentos que estes vivem inquietados, sem formarem idéias perfeitas. É o problema do papel. É a situação angustiosa dos povos. Tudo isso impede que se possam estabelecer projetos definitivos.²¹⁰

Um livro como produto cultural de uma política de aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos na década de 1940, publicado por uma editora periférica que experimentou seu auge nesse decênio de *boom*, porém impresso em edição de suporte modesto por

passar a ser feitas de fontes norte-americanas, mais caras, ao invés de produtores da Europa”. HALLEWELL, op. cit., p. 418-419.

²⁰⁷ HALLEWELL, op. cit., p. 276.

²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ BUFREM, op. cit.

²¹⁰ Em entrevista à revista literária carioca **Dom Casmurro**. 29 jun. 1940, página 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=095605&pagfis=996&pesq=&esrc=s>>. Acesso em: 22 ago 2012. Agradecemos a Marília Mezzomo a indicação.

conta das vicissitudes da guerra. Talvez por esses motivos de racionamento, ou por escolha do autor ou da Guaíra – não foi possível saber – os desenhos que constavam no diário de viagem não foram incluídos no livro impresso. Estes são em geral fruto de suas observações e reproduzem em, sua maioria, estereótipos de grupos sociais ou personagens (Anexos n.º 5 a 14). Além dos desenhos do diário e de desenhos avulsos inspirados em monumentos estadunidenses, foi localizada no acervo de Cabral apenas uma foto da viagem (Anexo n.º 15).

3.2 “Terra da Liberdade” e a “realidade nacional”

Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares. E dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação.²¹¹

Terra da Liberdade traz uma profusão de temas: relata as visitas a museus, bibliotecas, arquivos, pontos turísticos, observações sobre o modo de vida dos estadunidenses e encontro com personalidades (como Walt Disney). Cabral descreve o espaço urbano, observa a situação das mulheres, o preconceito dirigido aos negros, responde a questões de interlocutores a respeito do governo brasileiro e da presença de alemães presos em Santa Catarina, observa o esforço de guerra entre outros apontamentos.

No capítulo que narra a visita às cataratas do Niágara e a Chicago, Cabral descreve as características que revelam que uma cidade se aproxima, entre elas:

(...) os cortiços, as casas caixas de querosene e latas – os bairros da periferia, de pobres pretos e

²¹¹ FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª Edição. In: _____. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51ª edição. São Paulo: Global, 2006, p. 31.

pretos pobres, que embandeiraram os seus casebres com a roupa dos filhos estendidas ao sol.²¹²

Essa descrição não somente aproxima o leitor brasileiro da descrição, pelo uso da palavra “cortiço”, bem como remete à descrição semelhante na passagem de **O Cortiço** de Aluísio Azevedo, em que:

E as lavadeiras não se calavam, sempre a esfregar, e a bater, e a torcer camisas e ceroulas, esfogueadas já pelo exercício. Ao passo que, em torno de sua tagarelice, o cortiço se embandeirava todo de roupa molhada, de onde o sol tirava cintilações de prata.²¹³

Em trechos como estes, nota-se o emprego da intertextualidade, recurso que pode ser encontrado em *sentido amplo* ou em *sentido restrito*. No *sentido amplo*, “o diálogo entre textos está não necessariamente no plano material, de signos linguísticos, mas no plano do enunciado, da idéia (intenção)”. Nesse caso, o sentido é construído pelo leitor no regaste pela memória, a idéias ou discursos com os quais já teve contato. Enquanto no *sentido restrito*, o texto se relaciona (explícita ou implicitamente) com outros textos anteriores. Neste, “o leitor deve reconhecer [no texto lido] marcas de um outro com o qual dialoga, isto é, imprescindendo-se a presença de um ‘intertexto’” ou imagem. “A intertextualidade, (...) configura-se como recurso eficaz na construção do sentido de um texto, conferindo-lhe coerência e muitas vezes credibilidade”. No caso do relato de viagem, permite ao narrador criar familiaridades e aproximar o leitor do país desconhecido.²¹⁴

Uma nota de jornal localizada no acervo de Oswaldo Cabral, sob o título **O dr. Osvaldo Cabral hospede oficial do governo**

²¹² CABRAL, 1944, p. 128.

²¹³ AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. Apresentação Francisco Achcar. Objetivo, p. 50. Romance publicado em 1890.

²¹⁴ Cf. FRANCO, Cláudia Pereira da Cruz. Intertextualidade e produção textual. In: **Revista dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras UFF**. Edição n.06/2011, p.43-63. Disponível em: http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/6/dlingua/CLAUDIA_FRANCO.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2013.

americano, aponta para onde estavam voltadas as suas atenções durante a viagem:

WASHINGTON, 8 (R.) – O Departamento de Estado anunciou que o dr. Osvaldo Cabral, diretor do Serviço Social da Assistencia Municipal de Santa Catarina e presidente em exercicio do Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, de Florianopolis, chegou a esta cidade e fará uma viagem através dos EE. UU. Durante dois meses e como hospede do governo.

O Sr. Cabral visitará universidades, museus, hospitais, etc., em Nova York, Chicago, S. Francisco, Los Angeles, Albuquerque, Denver, St. Louis e New Orleans, **colhendo dados sobre a vida do povo, e interessando se especialmente pelos grupos negros e indios.**²¹⁵

De fato, essas observações sobre “a vida do povo” abundam no livro. Aparecem como temas recorrentes, dispersos no decurso do relato, não somente comentários sobre as populações indígenas e negras, mas também outros grupos como os imigrantes de *Chinatown*, em São Francisco. Contudo, parece que a situação dos negros lhe causou tamanho desconforto que no penúltimo capítulo (8. **A Luiziana**) o problema da segregação racial (*externo*) tornou-se incontornável (*interno*): Cabral suspende a narrativa do itinerário e ocupa em torno de seis páginas para abordar o assunto. O desconforto não é por acaso: chegara justamente ao “*deep South*”²¹⁶, a região de passado escravocrata estadunidense. Se em Miami Beach ele escrevera: “vive-se livre e

²¹⁵ Anotações a lápis no recorte de jornal indicam que fora publicado em **A GAZETA**, 9 de jun. 1943. Outro recorte idêntico no acervo do autor também traz anotado a lápis: “notícia enviada do Rio pela “Bebê”, recorte do “Jornal do Comercio” e publicado na Gazeta”. Grifos nossos.

²¹⁶ “(...) velho Sul escravocrata. Este se alcança ao chegar o transcontinental aos canaviais e alagadiços da Luisiana, Alabama, Mississippi, as Carolinas, Virginia – o chamado “*deep South*”. Região onde o regime patriarcal de economia criou quase o mesmo tipo de aristocracia e de casa-grande, quase o mesmo tipo de escravo e de senzala que no Norte do Brasil e em certos trechos do Sul (...).” FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª Edição. In: _____. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51ª edição. São Paulo: Global, 2006, p. 30.

alegremente, como se teria vivido certamente no *Paraíso terreal*²¹⁷, a narrativa da posterior passagem pelos subúrbios de grandes cidades como Chicago e a visita aos estados do Sul denunciam uma realidade menos edênica. Vale a pena ler na íntegra as *reações* de Cabral ao “problema do homem de côr nos Estados Unidos” e as comparações²¹⁸ que estabelece com o Brasil:

Certamente o problema tem merecido a atenção de especialistas, sociólogos e homens de Estado, que não escondem a sua gravidade, que se avoluma com o crescimento da população negra país. Tem sido êle estudado das suas causas às suas conseqüências próximas e remotas, remédios tem sido preconizados, atendendo às condições próprias, pelos que conhecem a formação da sociedade americana e as determinantes psicológicas de seu povo.

O que podemos notar, está claro, choca a nós outros, que não conhecemos o problema racial na extensão que ali se verifica.

Temos os nossos preconceitos – si temos! – mas em geral gostamos de dizer que não conhecemos tais sentimentos.

Não negamos, é verdade, que, de um modo geral, pode um negro ou um mestiço impôr-se no Brasil e ascender na sociedade, si tem qualidades que o impulsionem para cima e o sobreponham ao preconceito. Si não lhe falta talento, poeta ou cientista, soldado ou homem de estado, não se lhe negará o justo lugar que lhe cabe.

Bem certo, também, para tanto, a sua luta será bem maior e a muitos só depois de mortos se faz uma justiça póstuma e ineficaz.

No terreno familiar, então, os preconceitos são muito maiores e si não há no Brasil lei a impedir que casem pessoas de côr diferente e possa cada um ou cada uma escolher o ‘moreno’ ou a ‘morena’ que deseja levá-lo ou levá-la à pretoria e

²¹⁷ CABRAL, 1944, op. cit., p. 30. Grifos nossos.

²¹⁸ O recurso constante às comparações, muito recorrente nesses relatos, é usado para “dar a falsa impressão de compreender e conhecer”. ROSSATO, op. cit., p. 86.

ao altar, é, em geral, difícil que as famílias se conformem com a união e não a procurem impedir por todos os meios possíveis e que não o tenham depois de consumado o ato, por castigo ou tragédia, causa de lamentações pelo resto da vida. No religioso, até hoje não houve meio de convencer a Polícia, num país em que há liberdade de culto, de que as religiões negras não devem ser confundidas com simples e reprimíveis atos de baixa feitiçaria e muito menos, porisso, perseguidas e metidas no xadrez inofensivos Pais de Santos.

Mas, si neste particular nos Estados Unidos, há maior liberdade e completa indiferença policial a êsses cultos, africanos ou não, noutros pontos a coisa é muito pior.

Porque, o que no Brasil é uma questão de indivíduo, lá é uma questão de raça. O negro aqui pode subir, e sobe, tomando quando tem mérito, lugar entre os seus pares brancos.

Lá não.

Pode ascender, mas no seu meio, no seio de sua raça, e o mais alto professor, por ter dado ao seu país ou à humanidade qualquer coisa de admirável ou de grandioso, ser uma glória nacional ou ter ultrapassado a ela, nem porisso poderá sentar-se, no bonde, nos bancos que aos brancos se destinam.

No terreno familiar então, em certos pontos, a coisa vai além.

(...) As universidades destinadas aos negros, dirigidas, administradas e com suas cátedras professadas por homens de ciência *colored* são reputadas como as melhores.²¹⁹

Merece ainda atenção do autor, a sua visita à *Francis Cabrini Foundation*, localizada em Chicago, fundação destinada a favorecer a aproximação entre negros e brancos. Embora, possa-se depreender de seu relato que essa integração, quando muito, dava-se apenas entre pessoas pobres:

²¹⁹ CABRAL, 1944, op. cit., p. 258, 259, 261. Grifos do autor.

Esta instituição, amparada pelo govêrno, abrange enorme área, onde estão construídos blocos de residências que atingem ao número de 80.

Ali mora gente de tôdas as cor, em geral operários, trabalhadores, gente humilde. Nada há que os separe – e todos vivem bem, sem que as diferenças raciais constituam óbice a uma aproximação completa.

À pouca distância da Fundação fica uma outra das suas dependências, com um grande campo esportivo, ginásio para esportes atléticos, biblioteca, cinema educativo e escola.

(...) Assistimos à passagem de vários *films* educativos, variados, contando o programa, que atraía regular assistência, *movies* sôbre as nações americanas, sôbre a pesca de salmão o Alaska, flores dos trópicos e perigos dos esportes de rua.²²⁰

Quando estivera em Chicago, encontrou-se com Flávio Campos, escritor e pesquisador brasileiro que “tem anotadas inúmeras observações sôbre a religião dos negros americanos – e longas horas, em amistoso ‘bate-papo’, levamos a conversar sôbre o assunto.”²²¹

E para finalizar o assunto, Cabral conclui:

Quaisquer que sejam as causas remotas da animosidade, que principalmente no sul, se nota contra o negro; quaisquer que sejam os sentimentos dos brancos para com os negros e dêstes para com aqueles, não escondem os americanos as suas apreensões a respeito do sério problema racial que têm portas a dentro – e não poucos sociólogos se afanam em procurar estabelecer as bases para a sua solução.

O negro cresce. O negro progride. E a nação não poderá ficar indiferente a êste progresso e às suas naturais conseqüências.²²²

²²⁰ Ibid., p. 262 . Grifos do autor.

²²¹ Ibid., p. 263.

²²² Ibid., p. 263-264.

As viagens e seus relatos são marcados por uma experiência da alteridade, pelo encontro com o “outro”, pela construção de um olhar sobre o “outro”. Além disso, os conceitos de etnocentrismo²²³ e identidade²²⁴ são úteis para pensar em como no contato com o “outro” e no julgamento da cultura alheia o viajante constrói a “si mesmo”, pois a identidade é uma categoria relacional. Como bem observou Roberto Da Matta, “cada sociedade humana conhecida é um espelho onde nossa própria existência se reflete”.²²⁵ Assim, quando se estudam relatos de viagens, é necessário atentar para o “universo cultural” do viajante, pois as suas observações podem apontar “mais para o âmbito cultural do próprio viajante do que para o lugar visitado, ainda que [fale] também deste”.²²⁶ Os “problemas” que chamam a atenção do viajante Cabral nos trechos acima são também os temas que estão postos no Brasil, alvo de debates e estudos tanto “lá” quanto “cá”. E Cabral não está pensando nesses temas sozinho, pelo contrário. No que diz respeito ao papel dos intelectuais nos anos 1930 no Brasil, Antonio Candido observou a polarização dos que aderiram ao fascismo ou ao comunismo e “mesmo quando não ocorria esta definição extrema, e mesmo quando os intelectuais não tinham consciência clara dos matizes ideológicos, houve penetração difusa das preocupações sociais e religiosas nos textos”.²²⁷

Nesses anos, os ensaios, estudos e a própria ficção se voltaram para pensar o que era o Brasil e a questão da “realidade nacional”:

Talvez essa radicalização ainda tenha sido mais nítida num certo sentido próprio daquela fase, que consistia em procurar uma atitude de análise e crítica em face do que se chamava

²²³ LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In: _____. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1976, p. 333.

²²⁴ “Toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença”. ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 7.

²²⁵ DA MATTA, Roberto. A antropologia no quadro das ciências. In: _____. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 27.

²²⁶ JUNQUEIRA, op. cit., p. 45.

²²⁷ CANDIDO, Antonio. **A Revolução de 1930 e a Cultura**, p. 30b e 31a. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/42232169/1916431463/name/CANDIDO,%20Antonio%20-%20A%20revolucao%20de%2030%20e%20a%20cultura.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2012.

incansavelmente a "realidade brasileira" (um dos conceitos-chave do momento). Ela se encarnou nos "estudos brasileiros" de história, política, sociologia, antropologia, que tiveram incremento notável, refletido nas coleções dedicadas a eles. Antes de qualquer outra a "Brasiliana", fundada e dirigida por Fernando de Azevedo na Companhia Editora Nacional; e ainda: "Coleção azul", da editora Schmidt; "Problemas políticos contemporâneos" e "Documentos brasileiros", de José Olympio (esta, dirigida primeiro por Gilberto Freyre e depois por Octavio Tarquínio de Sousa, ainda existe sob a direção de Afonso Arinos de Melo Franco); "Biblioteca de divulgação científica", dirigida por Artur Ramos na Editora Civilização Brasileira, etc.²²⁸

O empenho de Oswaldo Cabral como historiador regional parece estar em consonância com essas preocupações de uma "consciência nacional", empenho em "reinterpretar o passado nacional" e:

(...) o interesse pelos estudos sobre o negro e o empenho em explicar os fatos políticos do momento. Quanto ao negro, é preciso mencionar a iniciativa cultural dos próprios "homens de cor", que inclusive criaram então uma imprensa muito ativa, não raro ligada a organizações, como a Frente Negra Brasileira. No domínio dos estudos foi decisiva a contribuição de Gilberto Freyre, a partir de *Casa Grande e Senzala* (1933) e do 1.º Congresso Afro-Brasileiro, que ele organizou no Recife em 1934. Antes houvera os trabalhos da escola de Nina Rodrigues na Bahia, sobretudo os de Artur Ramos, que se tornou a grande autoridade na matéria.²²⁹

Contribuíram para os estudos analíticos sobre o Brasil a fundação dos cursos superiores de História, Ciências Sociais, Filosofia e

²²⁸ CANDIDO, op. cit., p. 32a.

²²⁹ Idem.

Letras e seu “interesse pelos grupos até então menos estudados, ou estudados com ilusões deformadoras: além do negro, o índio, o trabalhador rural, o operário, o pobre”. Acrescente-se a atuação de professores e estudiosos estrangeiros “temporária ou definitivamente radicados no Brasil, como Samuel Lowrie, Claude Lévi-Strauss, Donald Pierson, Roger Bastide, Herbert Baldus, Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig, Jacques Lambert, Emílio Willems, etc”.²³⁰

A contribuição de Gilberto Freyre também se deu pela ocasião de sua viagem aos EUA em 1922, quando obteve o título de mestre na Universidade de Columbia, sob “a orientação relativista de Franz Boas”²³¹. Considerado o precursor da Antropologia Moderna, Franz Boas (Vestfália 1858 – EUA 1942) elaborou uma crítica contundente ao Evolucionismo Social. Boas deslocou as explicações baseadas na **raça** para as fundamentadas nas análises de **cultura** e do **social**; considerava que as justificativas até então baseadas em diferenças e hierarquias entre as **raças** eram insuficientes para explicar a diversidade das sociedades humanas²³². Quanto à sua decisiva influência sobre Freyre:

Foi o estudo de antropologia sob a orientação do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre *raça* e *cultura*; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. Também no de diferenciação entre hereditariedade de raça e hereditariedade de família.²³³

²³⁰ Ibid., p. 32b.

²³¹ ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. “Antagonismos em equilíbrio em *Casa-Grande* & *Senzala* de Gilberto Freyre. In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lília Moritz (orgs). *Chuvas de verão. Um enigma chamado Brasil*: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 200.

²³² Cf. BOAS, Franz. *Raça e Progresso* [1931]”. In: CASTRO, C. **Antropologia Cultural**/ Franz Boas. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005, p. 67-86.

²³³ FREYRE, op. cit., p. 32. Grifos do autor.

Se Cabral não tinha absorvido esse debate em torno de raça e cultura, pode-se dizer que não estava completamente alheio a esses estudos. Para legitimar seus argumentos em seu artigo **A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina**²³⁴, Cabral recorre à obra **O mundo que o Português criou**²³⁵, de Gilberto Freyre, “com a autoridade que lhe confere”²³⁶. Além do trabalho referenciado, **Casa-grande e senzala** consta na bibliografia do artigo de Oswaldo Cabral. Quanto à sua interação com os pesquisadores estrangeiros, Cabral estabelece contato com Donald Pierson e Roger Batide (este prefaciou o seu **Cultura e Folclore**).²³⁷

3.3 Circulação e repercussão de “Terra da Liberdade”

Pouco conhecido ou pouco lido pelas gerações mais recentes de historiadores, a pesquisa voltou-se então para a repercussão do livro entre seus contemporâneos.

Não foi possível encontrar a tiragem de **Terra da Liberdade**. Mas, em 1º de novembro de 1944, a Guaíra enviou 300 exemplares da obra a Altair Teixeira da Rosa²³⁸ e mais 40 exemplares para serem entregues a Cabral. E em correspondência enviada ao autor, em 18 de fevereiro de 1946, a Editora Guaíra informava-o de que até 31 dezembro de 1945, haviam sido vendidos 1.085 exemplares.

Da leitura, depreende-se que o público leitor projetado pelo livro é o de brasileiros adultos interessados em conhecer a história, a geografia, as peculiaridades etc. dos EUA, aos moldes de guias turísticos e compêndios – que possivelmente Cabral leu e se baseou. Nesses anos em que a cultura estadunidense adentrava o Brasil, **Terra da Liberdade** oferecia os meios de saciar a curiosidade sobre aquele país, numa linguagem simples, porém bastante detalhada. Poderia, ainda, servir de base de itinerário a quem viesse dispor de meios para

²³⁴ CABRAL, 1941, op. cit.

²³⁵ FREYRE, Gilberto. **O mundo que o português criou**: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1940.

²³⁶ CABRAL, 1941, p. 27.

²³⁷ CABRAL, O.R. **Cultura e folclore**. Florianópolis: Comissão Catarinense de Folclore, 1954.

²³⁸ Pelo teor da correspondência, Altair Teixeira da Rosa matinha contato com a Editora Guaíra para a venda de livros em Florianópolis.

realizar a viagem. Essa ideia de que “um certo tipo de leitor já está implícito no próprio ato de escrever, funcionando como uma estrutura interna do texto”²³⁹, era admitida pelo próprio Cabral. Em depoimentos a jornais, afirmou que planejava escrever um livro para servir “de manual para intelectuais”, destinado aos futuros visitantes brasileiros que desejarem conhecer realmente o povo do grande vizinho do Brasil”.²⁴⁰

Uma crítica pouco simpática a **Terra da Liberdade** foi escrita por William Rex Crawford (1898-1976)²⁴¹ numa síntese em que analisou brevemente **Os Livros Brasileiros de 1944**.²⁴²

Convites de viagem aos Estados Unidos produziram dois úteis volumes, sendo um do Dr. Osvaldo Cabral, de Florianópolis, e outro por Pedro Calmon, do Rio. Apesar do fato de Calmon ter sido recentemente eleito presidente da Academia Brasileira de Letras, êsses livros ilustrados, honestos e justos, não podem, nem um nem outro, ser considerados obra de significação literária. Seremos felizes, entretanto, si ambos os volumes tiverem muitos leitores, pois suas páginas possuem informações uteis e frequentemente distraem. O título de Cabral e

²³⁹ EAGLETON, op. cit., p. 127.

²⁴⁰ **A GAZETA**. “O Dr. Osvaldo Cabral nos Estados Unidos” (notícia enviada de Washington). Florianópolis, 2 de julho de 1943. Acervo de Osvaldo Cabral.

²⁴¹ “Crawford received his Bachelor's degree in 1919, his Master's in 1922 and a doctorate in sociology in 1926, all conferred by the University of Pennsylvania. In 1933-34 he was awarded a Fellowship of the Social Science Research Council and he spent a year studying in Europe, after which from 1934 to 1941 and again for a year in 1946, Crawford was the chair of the sociology department at the University of Pennsylvania. In 1941-1942, Crawford taught at the University of Chile at Santiago, and he spent two years in Brazil as the cultural relations attaché at the American Embassy in Rio de Janeiro”. Disponível em:

http://www.archives.upenn.edu/people/1800s/crawford_wm_rex.html>. Acesso em: 1º fev. 2012.

²⁴² **REVISTA IBEROAMERICANA**, Vol. X, Núm. 19, Noviembre 1945. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/2803/2986>>. Acesso em: 1º fev. 2012, p. 125-129.

Terra da Liberdade; o de Calmon, *Os Estados Unidos de Este a Oeste*.²⁴³

A recepção da obra é um aspecto intrigante e difícil de investigar, porém encerra “os três momentos indissolivelmente ligados da produção, e se traduzem, no caso da comunicação artística, como *autor, obra, público*.”²⁴⁴ A partir de material reunido por Cabral em seu acervo, foi possível vislumbrar a circulação e recepção do livro. Tem-se em mente, é claro, que se trata de um conjunto selecionado pelo próprio autor ao longo da vida, por razões que não foram dadas a conhecer. Todavia, o material permite que seja conhecida ao menos em partes, a repercussão do livro. Lendo o conjunto de correspondência passiva de Oswaldo Cabral, percebe-se que era uma prática comum do autor, ao lançar um livro, enviar cópias a algumas pessoas, em geral amigos, parentes, historiadores, médicos, escritores. Alguns respondiam apenas confirmando e agradecendo o recebimento, outros ainda teciam comentários após a leitura da obra recebida.

No material consultado, a repercussão do livro aparece de diferentes formas: a “Apresentação” do livro por Carlos da Costa Pereira, na época, Diretor da Biblioteca Pública de Santa Catarina, pode ser tomada como a primeira delas. Recortes de jornal indicam como foi recebido pela crítica, às vezes em breves comentários ou em análise mais profunda. Outra porta de entrada é a correspondência passiva de Cabral, em que leitores manifestam sua opinião e, em alguns casos, anexam cópia de artigo ou matéria que publicaram sobre o livro. Por meio desses fragmentos, inferiu-se que **Terra da Liberdade** circulou pelos Estados Unidos, Bolívia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Entre citações em correspondências, notas de jornal, a “Apresentação” e o texto de William Rex Crawford, encontraram-se pelo menos 18 pessoas diferentes mencionando o livro: alguns leram, outros apenas mencionam, enviam mais de uma epístola pedindo um exemplar, ou manifestam o interesse em lê-lo.

A “Apresentação” de **Terra da Liberdade**, escrita por Carlos da Costa Pereira, na época Diretor da Biblioteca Pública de Santa

²⁴³ Ibid., p. 126-126. Grifos do autor.

²⁴⁴ CANDIDO. II A literatura e a vida social. In: _____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história da literatura. 8ª São Paulo. T. A. Queiroz editor, 2002, p. 22.

Catarina, é bastante positiva; como pode se esperar de uma apresentação é uma boa propaganda do livro:

Até bem poucos anos, os elementos de que dispúnhamos para um julgamento sôbre os Estados Unidos, eram-nos fornecidos pelo cinema. Não deixava de ser, na verdade, o documentário menos próprio para formarmos justo e seguro conceito, precipuamente [principalmente] à-cerca da índole, do caráter e dos mais íntimos sentimentos do povo americano. (...) a América continua a ser ‘a terra dos contrastes’. (...) O certo é que dêsses contrastes, só nos chegava ao conhecimento o lado pior, o mais sombrio, o menos recomendável – os *gangsters*, o Ku Klux Klan, a pretensa amoralidade, o que era mais sensacional. A mais íntima aproximação que hora se processa entre o Brasil e os Estados Unidos, graças ao interêsse despertado pelo estudo da língua inglesa e à intensa difusão de livros americanos, no original e em traduções, tanto de literatura – de boa literatura, bem entendido – como de ciências, vem desfazendo o falso conceito que tínhamos dêsse povo (...). Deu-nos Oswaldo R. Cabral uma completa visão panorâmica dos Estados Unidos, nos dias presentes – flagrante afirmação de um passado de trabalho perseverante e infatigável – e, sem querer indagar das origens dessa grandeza que nos causa a mais profunda admiração, deixou-nos, contudo, entrever, a impressão de que foi o espírito democrático a fôrça incoercível que conduziu a República do norte às culminâncias da prosperidade e ao mais alto grau de civilização e a arremessou, com todo o seu poderio, na defesa da Liberdade, ameaçada de mergulhar dentro da noite sinistra, sem esperanças e sem estrêlas, da barbárie totalitária.²⁴⁵

²⁴⁵ PEREIRA, Carlos da Costa. Apresentação. In: CABRAL, 1944, op. cit, p. 8-12.

Valfrido Piloto²⁴⁶ (1903-2006) informa que leu o livro “mesmo antes de o haverem costurado” na Guaira. “Garanto-te que considero o teu trabalho o melhor de quantos no Brasil se tem escrito sobre os arraiais de titio Sam. Ainda ante-ontem, à noite, me dizia o mesmo o Dr. Lauro Lopes”. Empenhou-se em remeter exemplares a conhecidos e parentes, incluindo estadunidenses no Brasil, que por sua vez, remeteriam a parentes seus nos Estados Unidos. Em tom elogioso de início ao fim, comenta sobre a viagem e o livro: “pagaste com juros dobrados, os dólares que contigo gastaram”.²⁴⁷

De Chicago, uma das pessoas que Cabral conheceu na viagem, C.F. Beezley²⁴⁸ envia seis correspondências em inglês entre julho de 1943 e agosto de 1946, inicialmente pedindo uma cópia, caso Cabral escreva um livro sobre a viagem, posteriormente lê e comenta a obra e pede mais cópias para presentear a Newberry Library of Chicago. Sobre o livro, seus comentários são breves, apenas diz que achou-o interessante e que a introdução de Carlos Pereira o torna ainda mais interessante.²⁴⁹

²⁴⁶ Advogado, policial e escritor, atuou como delegado de polícia no Paraná e durante a Segunda Guerra foi delegado regional do DOPS; era amigo de Cabral, do tempo em que este viveu em Curitiba.

²⁴⁷ PILOTO, Valfrido. [Correspondência]. 25 de novembro de 1944, Curitiba, [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 3fls.

²⁴⁸ University of Chicago Library, Guide to the R.R. Donnelley & Sons Company Archive 1844-2005: “C.F. Beezley, Jr. (1882-1947) worked at RR Donnelley for 42 years from 1905-1947, eventually working his way up to become Vice President in Charge of the Catalog Department. Under his leadership, this department became the largest jobbers' catalog compiling organization in the country. **Known as the "ambassador of goodwill," Beezley was the official host for many visitors to the plant.** Eventually, the Department of State made the RR Donnelley plant a regular stop for important foreign dignitaries who were interested in printing and publishing. Some of the most interesting materials in Subseries 1 are Beezley's papers from his trip to South America and the party thrown upon his return, as well as his files on racial integration and representation during the Civil Rights era. Also contained in this series are some RR Donnelley publications, as well as photographs taken by Beezley. Oversize material from this subseries has been transferred to Subseries 12”. Disponível em: http://ead.lib.uchicago.edu/learn_on3.php?eadid=ICU.SPCL.DONNELLEY&format=raw-xml&collection=project/SCRC&q=inventory+King>. Acesso em: 16 fev. 2012.

²⁴⁹ BEEZLEY, C. F. [Correspondência]. 6 de julho de 1943; 30 de janeiro de 1945; 27 abril 1946; 30 de julho de 1946; 1 de agosto de 1946. Chicago,

No **Jornal do Povo**, da cidade de Itajaí/SC, em 14 de janeiro de 1945, Silveira Junior escreve na primeira página do periódico uma crítica intitulada “Três viagens aos E.U.A.”, artigo que ele faz questão de remeter a Cabral anexo a uma correspondência. O jornalista esclarece de início ter “loucura” (...) “pela Pátria de Tio Sam”, e compara três obras escritas a partir de viagens aos Estados Unidos: **Gato Preto em Campo de Neve**, de Erico Verissimo, **Os Sobrinhos de Tio Sam**, de Arlindo Pasqualini e **Terra da Liberdade**, de Oswaldo Cabral:

Erico Verissimo tratou mais longamente da vida literária e dos luminares das letras norte americanas; do povo em geral; do desempregado e do guri da rua. Já Arlindo Pasqualini viu os EE. UU. pelo lado do seu esforço de guerra e descreve as suas fábricas produzindo tantos aviões por minuto; os seus arsenais empurrando navios para a água e o povo em marcha para a guerra.

Disto só sai mesmo para dar um interessante passeio a Hollywood, posar ao lado de uma “star”, de cujos lábios ouve entusiásticas referências ao Brasil onde, segundo a regra geral, supõe se fale espanhol. Pasqualini tem também a seu crédito uma entrevista com Roosevelt.

Oswaldo Cabral foi mais extenso, porque trata de muitos assuntos. Extremamente minucioso” (...).²⁵⁰

Igualmente minucioso foi o jornalista ao falar sobre a obra, as visitas às cidades... Por fim, conclui:

O nosso ilustrado conterrâneo voltou encantado com a terra e o povo norte americanos. Com o seu modo de vida, a sua hospitalidade e a sua franqueza.

Illinois. Estados Unidos, [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 8fls no total. Acervo de Oswaldo Cabral.

²⁵⁰ SILVEIRA JÚNIOR. Três viagens a U.S.A. In: **JORNAL DO POVO**, Itajaí, 14 de janeiro de 1945. Acervo de Oswaldo Cabral. Norberto Cândido Silveira Júnior (Balneário Piçarras, 17 de maio de 1917 — Florianópolis, 3 de dezembro de 1990) foi um jornalista e contista brasileiro.

Tanto assim que, à exceção do problema do negro que o livro relata cruamente, produzindo-nos até um pronunciado sentimento de revolta (...). No mais, o livro é um hino de louvor a tudo e a todos.²⁵¹

Silveira Junior não é o único a estabelecer comparação entre os livros de Veríssimo e o de Cabral. Um leitor de Curitiba, cujo nome não foi possível identificar pela assinatura, mas que menciona ter morado em Florianópolis e convivido com Cabral e amigos, tece comentários de pouco apreço a Veríssimo e seu livro:

Tenho relido a sua viagem à “Terra da Liberdade” a qual reputo bem mais agradável que um simples passeio com “Um gato em campo de Neve”, principalmente quando esse gato é preto e pretenciosamente cheio de importância. Tem sido muito apreciado o seu trabalho, pois nele se aqulita o censo de humor que, sobrando ao amigo, faz tanta falta a muita gente.²⁵²

Da cidade de Caçador/SC, Juvenal B. Bacelar, seu correligionário da UDN, leu os dois livros de Veríssimo e gostaria de ler **Terra da Liberdade**:

Em palestrando com diversos amigos acêrca de nossos escritores, tive oportunidade de salientar os dois últimos livros dado à publicidade pelo nosso querido Erico Veríssimo, em que narra com muita simplicidade suas impressões do grande paiz americano – os Estados Unidos. Um dos circunstantes, o joven Dr. Zani Gonzaga, fez-nos sentir a magnífica narrativa sobre o mesmo assunto de sua eminente lavra – TERRA DA LIBERDADE. Como se diz na gíria cabocla – fiquei com água na boca, com uma vontade louca de devora-lo. Agora, o pedido, depois desta breve explicação. Peço-lhe o favor de solicitar à Livraria

²⁵¹ Idem.

²⁵² Remetente não identificado. [Correspondência]. Curitiba, [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 1f. Acervo de Oswaldo Cabral.

que imprimiu o seu livro de m'o remeter pelo serviço de reembolso. Feito?²⁵³

Carlos da Silva Araujo escreveu um livro sobre os Estados Unidos, que também trazia na capa a estátua da Liberdade. Por conta da semelhança, Cabral lhe enviou **Terra da Liberdade**, ao que Carlos Araujo responde:

A carta envaidece-me sobremodo, vinda de belettrista, escritor de talento vário. Ainda mais me envaideceria si não levasse em conta um acréscimo nos elogios de-certo ocorrente; por conta de simpatia já provavelmente existente pelas relações anteriores e pela afinidade de nossos estudos, especulações intelectuais, formação cultural e até azares do destino, como êsse, tão feliz e grato, de a ambos levar à “Terra da Liberdade”.

Realmente ha nas páginas dos volumes curiosas coincidências. De início nas capas. Em ambas avultando a estátua simbólica da Liberdade. De seguimento em muitas das coisas observadas e dos comentários provocados.

(...) Sinto justificado acanhamento no louvor que devo a seu livro. A maneira generosa por que ao meu se referiu, deixa minhas expressões banhadas de suspeição. Porém, meu prezado Dr. Oswaldo, peço que acredite na sinceridade da minha afirmativa de que estou terminando a leitura do “Terra da Liberdade” com grande prazer e acanhamento. Vou sorvendo-o avaramente, em pequenos goles, com pena de acabá-lo, lendo cada noite um capítulo.

As viagens pela Norte América, país que eu desejaria ver adotado como roteiro para os destinos da Civilização, sempre me encantaram como assunto de leitura. Entre os livros desse gênero que me ficaram gravados na memória, destaco os seguintes: “Outre-mer”, de Paul Bougert, lido ainda quando era eu estudante

²⁵³ BACELAR, Juvenal B. [Correspondência]. Caçador/SC, [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 1f. Acervo de Oswaldo Cabral.

universitário; “América”, de Monteiro Lobato, um dos livros que mais estimo na bibliografia do escritor paulista; “Gato preto em campo de neve”, do brilhante Érico Veríssimo; “Estados Unidos (De Leste a Oeste)” do erudito Pedro Calmon. Entre eles alinho agora a “Terra da Liberdade”.²⁵⁴

Sem a pretensão de esgotar todas as referências feitas ao livro, no espaço desse capítulo, por último, apresenta-se uma correspondência destinada a Cabral que destoa das demais. A carta, sem data, tem como suporte oito folhas de um bloquinho de papel personalizado com as inscrições: “Dr. Jorge de Assis Merege²⁵⁵, médico, Itararé”. Essa carta foi selecionada porque embora trate Cabral como amigo na saudação é o único que lhe endereça uma crítica, tanto aos Estados Unidos, quanto ao título do livro de Cabral:

(...) compartilhei as sensações de sua viagem ‘to the States’. Fechei os olhos para não ler o título do livro, pois falou em ‘sweet land of liberty’, relativamente ao valhacouto dos mais rapaces magnatas do século corresponde para mim á mais amarga das deformações.

Deslumbra-me o conteúdo material incomparável da civilização ‘yankee’, parecem-me estonteadoras as realizações técnicas e o espírito inventivo, a audácia olímpica dos construtores do colosso do nosso hemisfério. O reverso, porém, disso tudo, julgo inexoravelmente brutal, estupidamente deshumano. Acorrem atropeladamente á minha lembrança o político sem escrúpulos do ‘Tammany Hall’, da máquina Pendergast (á qual Truman deve a carreira política, segundo li), os monopolios montados

²⁵⁴ ARAUJO, Carlos da Silva. [Correspondência]. Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1946 [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 2fls. Acervo de Oswaldo Cabral. Grifos do autor. A correspondência tem por suporte papel timbrado do “Laboratório Clínico” – Revista de Medicina, da qual Dr. Carlos da Silva Araujo consta como Diretor-Fundador e Proprietário.

²⁵⁵ Jorge de Assis Merege nasceu em 22 novembro 1905 em Tatui, SP, Brasil. Ele casou-se com Ana Candida Holtz cerca de 1930 em Tatui, SP, Brasil. Disponível em: <<http://jlnogueira.vilabol.uol.com.br/pafg267.htm>>. Acesso em: 14 agosto de 2012.

pelos capitalistas mais escravizadores e ladravazes da historia, os milhões de desempregados, cada qual a ver terríveis dificuldades multiplicadas pelo numero de pessoas na familia, as multidões anonimas dos ‘lumpen-proletários’ cuja vida esfarrapada encara as lúgubres personagens de “The grapes of Wrath”²⁵⁶; e mais os êmulos de Al Capone vivendo à sombra de leis elásticas acauteladoras dos privilégios sórdidos da minoria exploradora que suga o sangue não só do próprio povo americano, como dos “natives” de inúmeras nações infelizes alcançadas pelos tentáculos de Wall Street”. Onde não há democracia econômica, só pode existir liberdade formal. Liberdade autêntica, só aquela alicerçada na oportunidade igual para todos (desculpe as baboseiras, resultado provavel da indigestão de algumas páginas do “tovaritch” Stalin e interpretes, sobre as quais passei como gato por cima de brazas).

Quando não for mais necessário repetir a proeza de Frank Sinatra ao esmurrar um mentecapto que insinuou nele um “dago”, quando cada americano ou habitante qualquer dos Estados Unidos tiver um “job” permanente, quando houver definitivamente estabilidade economica e não mais crises ciclicas “inevitaveis”, quando forem desconhecidos “squatters”, quando desaparecerem todos os “honky-tonks”, creio que não haverá no mundo melhor terra para a gente viver feliz do que “the land of the Pilgrims pride”. Ou pelo menos, será o paiz “best of all” para os alegres e saudaveis Jocs e Susies do futuro.

Seja como for, saboreei maravilhado o seu livro (...)

Graças a seu belo livro, tenho sustentado sem muito desdouro conversas com pessoas recém chegadas dos Estados Unidos e ainda pronunciando o “r” como quem chupa cana. Entre elas, citarei o Dr. Chiquinha Rodrigues ex

²⁵⁶ “As Vinhas da Ira” foi um livro publicado pelo escritor estadunidense John Steinbeck, no ano de 1939. Por essa obra, Steinbeck recebeu o Prêmio Nobel de Literatura no ano de 1962.

“deputado” estadual, que manifestou bastante interesse pelo seu ponto de vista (...).²⁵⁷

Se a crítica de Merege parece mais destinada aos Estados Unidos do que diretamente a Cabral, Merege não deixa de provocá-lo, mais uma vez ironizando o título de **Terra da Liberdade**:

(Si essa é a Terra da liberdade, porque a respetiva estátua continua de quarentena na ilha de Bedloe sem autorização para ingresso no continente?)²⁵⁸

William Rex Crawford, que escreveu a crítica menciona dos livros publicados em 1944, agradece a Cabral por tê-lo enviado **Terra da Liberdade** e menciona um ponto útil para consideração sobre os leitores:

Começava a lê-lo com muito prazer, quando uma amiga nossa, **na véspera de fazer uma viagem aos Estados Unidos, pediu-me alguns livros para orienta-la, e naturalmente emprestei-lhe seu livro encantador**, que até ao momento não me foi devolvido, e assim minha leitura continua interrompida.²⁵⁹

A circulação e recepção aqui apresentadas nas críticas e correspondências, evidenciam que o livro encontrou “os leitores que correspondem à figura do leitor que sua estrutura literária projeta”²⁶⁰: um público leitor brasileiro e adulto, interessado em conhecer os Estados Unidos e que poderia tomá-lo como base para desenvolver

²⁵⁷ MEREGE, Jorge de Assis. [Correspondência]. Itararé/SP, (sem data) [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 8fls. Acervo de Oswaldo Cabral. Grifos do autor.

²⁵⁸ Idem.

²⁵⁹ CRAWFORD, William Rex. [Correspondência]. Rio de Janeiro, (sem data), [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 8fls. Acervo de Oswaldo Cabral. Grifos nossos.

²⁶⁰ MOREIRA, Luiza Franco. Exuberância de Tintas: A Recepção Inicial de *Martim Cererê*. In: _____. **Meninos, Poetas e Heróis**: aspectos de Cassiano Ricardo do Modernismo ao Estado Novo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 72.

itinerários. O livro repercutiu em diferentes partes do Brasil e do continente americano. Boa parte das críticas encontradas mostraram-se simpáticas ao livro e seu autor, o que não é surpreendente tendo em vista que foram textos escritos por amigos e seus pares, alguns correspondentes seus de longa data, como Valfrido Piloto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No tórrido janeiro de 2006, quando trabalhava como bolsista de iniciação científica no Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho na UFSC e organizava com as demais bolsistas a biblioteca do núcleo, deparei-me com **Terra da Liberdade**: impressões da América. Lembro ter indagado com certo descaso uma das colegas: “nossa, por que o Cabral escreveu sobre os Estados Unidos?” Sem resposta, ela também deu de ombros e passamos ao próximo volume da estante. Ressignificações da memória à parte, não poderia imaginar que alguns anos depois me ocuparia dessas razões.

O esforço desse trabalho foi no sentido de investigar e compreender a viagem de Oswaldo Cabral aos Estados Unidos e seu livro publicado a respeito dessa viagem. Consequentemente, tornaram-se essenciais à investigação: apreender os meandros da Política de Boa Vizinhaça em sentido amplo e seu impacto no Brasil e no estado (periférico) de Santa Catarina; a atuação do Estado Novo de Getúlio Vargas na política externa e interna – atentando para o impacto da política de nacionalização num estado com grande contingente de europeus e seus descendentes; a interventoria de Nereu Ramos nesse período em SC; aspectos da trajetória de Oswaldo Cabral; as condições de produção de livros na década de 1940 no Brasil; qual o diálogo desse livro com campo das ciências sociais e, por fim, a repercussão de **Terra da Liberdade**: Impressões da América.

A análise do material produzido sobre a viagem permitiu questionar a ideia vigente de que sua motivação fora o estudo da poliomielite nos Estados Unidos – motivo que parecia bastante plausível, dada a atuação médica de Cabral. Essa versão equivocada difundida pela imprensa da época foi esclarecida pela pesquisa na documentação do escritório regional do OCIAA, do qual partiu o convite para que Cabral realizasse a viagem custeada pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos.

A pesquisa procurou mostrar que a escolha de Cabral como candidato à viagem não foi por acaso. Num primeiro momento, sua indicação como “principal historiador de SC” pode parecer satisfatória, dado o peso de sua contribuição aos estudos históricos, sociais, antropológicos, folclóricos a este estado. A justificativa, contudo, está também ligada ao significado de político de seus estudos que se alinhavam aos interesses da interventoria estadual, do Estado Novo, e da

Política de Boa Vizinhança: a defesa do açoriano como representante catarinense da identidade nacional (o açoriano ligado à herança lusitana) – em contraponto aos descendentes europeus, sobretudo “germânicos” e “itálicos” – ia ao encontro dos interesses das três esferas.

A investigação em torno do contexto de produção do livro aprofunda o seu sentido e relativiza a sua singularidade. Outros brasileiros, alguns em missão similar à de Cabral, produziram obras sobre os Estados Unidos naqueles anos. No mesmo contexto, os temas abordados por este autor em seu livro dialogam com a produção intelectual do período, centrada na “realidade nacional”, nos problemas sociais do Brasil.

Finda a Guerra em 1945, **Terra da Liberdade** não recebeu outras edições ou traduções. Obra pouco conhecida pelas gerações atuais de historiadores, a circulação e a recepção do livro, buscadas nas missivas e na crítica acumuladas no acervo de Cabral, tornaram possível entrever a sua repercussão entre os seus contemporâneos. A viagem e a publicação do relato transformado em livro desempenharam com maior ou menor êxito no viajante e nos leitores, os objetivos projetados pela Política de Boa Vizinhança, de aproximar culturalmente Brasil e Estados Unidos.

Esse trabalho vem somar aos demais estudos que se debruçaram sobre a obra de Oswaldo Cabral, essa complexa personalidade que atuou em tantas frentes: Medicina, História, Folclore, Antropologia e Política.

A intensidade dos objetivos de aproximação com o Brasil expressos no aparelhamento da Política de Boa Vizinhança podem ter sido circunscritos ao período da Segunda Guerra Mundial, mas não se pode duvidar da sua duração posterior. “(...) historio-lhes então a longa e tradicional política de boa vizinhança (...).”²⁶¹ Três décadas após o final da Guerra e quase um ano antes de seu falecimento, em 1977 Cabral recebe a seguinte correspondência:

Dear Dr. Cabral,

After so many years and like some voice from out the wilderness I send warm greetings and hopes that you well. So much saudades of your beautiful home and the friends. I only hope it has not given place too much to the modern architecture and life. I wish I had bought mu old place. (...) In any case it would be nice just to hear from you, about your goodself and any news of the place. I still

²⁶¹ CABRAL, 1944, p. 168.

have on my bookshelf and occasionally look it a famous book by a great authoe "Terra da Liberdade", O. Cabral

Sincerely,

Reginald Kazanjian

[P.S.] And with thanks again for all yours kindness and assistance to me when there.²⁶²

²⁶² Caro Dr. Cabral, Depois de tantos anos e como uma voz que clama do deserto eu envio calorosas saudações e esperanças de que você esteja bem. Tantas saudades de sua bela casa e dos amigos. Eu só espero que não tenha dado lugar demais para a arquitetura e a vida moderna. Eu gostaria de ter comprado minha antiga casa.

(...) De qualquer forma, seria bom ouvir sobre você, meu caro, e qualquer notícia do lugar. Eu ainda tenho na minha estante e, ocasionalmente, olho para ele um livro famoso, escrito por um grande autor "Terra da Liberdade", O. Cabral Atenciosamente, Reginald Kazanjian [PS]: E mais uma vez obrigado por todo seu carinho e ajuda para quando estive aí. (Tradução Própria)

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. “Antagonismos em equilíbrio em *Casa-Grande* & Senzala de Gilberto Freyre. In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs). Chuvas de verão. **Um enigma chamado Brasil**: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARRAES, Marcos Alexandre de Melo Santiago. **Discursos sedutores**: a difusão cultural estadunidense e um novo paradigma do moderno no Recife (1940-1946). 2009. 140p. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BENJAMIN, Walter. O Narrador [1936]. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sergio P. Rouanet. SP: Brasiliense, 1994, p. 198.

BOAS, Franz. Raça e Progresso [1931]. In: CASTRO, C. **Antropologia Cultural**/ Franz Boas. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

BRANCO, Celso. O Brasil entrou na Guerra. Vai ou não ter carnaval? In: **Revista Eletrônica Tempo Presente**. Disponível em: <http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=3339:o-brasil-entrou-na-guerra-vai-ou-nao-ter-carnaval&catid=38&Itemid=127>. Acesso em: 28 jan. 2010.

BRASIL, Decreto-Lei n. 5.164, de 31 de Dezembro de 1942. Regula o ingresso no Quadro de Médicos do Serviço de Saúde do Exército dos médicos civis que terminaram ou vierem a terminar os cursos especiais de adaptação ou de emergência de medicina Militar e da outras providências. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 20/01/1943 , Página 817 (Republicação). Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5164-31-dezembro-1942-415068-republicacao-67706-pe.html>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

BRUIT, Hector. A Invenção da América Latina. **Anais eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC**. Belo Horizonte, 2000, p. 11. Disponível em: <http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro5/hector_bruit.pdf>. Acesso em: 10 jun 2010.

BUFREM, Leilah Santiago. A Editora Guairá: contribuições ao debate. In: Ass. Cultural Avelino Vieira. (Org.). **História da literatura no Palácio**. Curitiba: Ass. Cultural Avelino Vieira, 1995, p. 69-80.

CANDIDO, Antonio. **A Revolução de 1930 e a Cultura**, p. 27-36. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/42232169/1916431463/name/CANDIDO,%20Antonio%20-%20A%20revolucao%20de%2030%20e%20a%20cultura.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2012.

_____. II A literatura e a vida social. In: _____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história da literatura. 8ª São Paulo. T. A. Queiroz editor, 2002.

_____. Crítica e sociologia (tentativa de esclarecimento). In: _____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história da literatura. 8ª São Paulo. T. A. Queiroz editor, 2002.

_____. Ficção e confissão. In: _____. **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1992.

_____. Introdução. In: _____. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006 [1957].

CALMON, Pedro. **Brasil e América**: História de uma política. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

_____. **Estados Unidos de leste a oeste**. Rio de Janeiro: Editora A noite, 1943.

CEVASCO, Maria Elisa. Questões de análise: o materialismo cultural na prática. In: _____. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHALHOUB, Sidney. John Gledson, leitor de Machado de Assis. In: **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 13, p. 109-115, jul.-dez. 2006.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). Apresentação. In: **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

DA MATTA, Roberto. A antropologia no quadro das ciências. In: _____. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

D'ARAUJO, Maria Soares Celina. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2000. 72p. (Descobrindo o Brasil).

Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/henrique_dodsworth>. Acesso em: 16 fev. 2011.

DUARTE, Adriano Luiz. **Cidadania e exclusão**: Brasil 1937-1945. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1999.

_____. Trabalho e etnicidade em Santa Catarina nas décadas de 1930 e 1940. In: **Revista de História Regional** (Departamento de História - Universidade Estadual de Ponta Grossa). Ponta Grossa, PR, v. 16 (2), 2011, p. 351-375.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FALCÃO, Luiz Felipe. Capítulo II – O separatismo como traição ou integralismo, nazismo e nacionalização. In: _____. **Entre ontem e amanhã**: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajaí: Editora da UNIVALI, 2000.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC; Itajaí: Ed. da Univali, 2005. 533p.

FERES JÚNIOR, João. **A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

FRANCO, Cláudia Pereira da Cruz. Intertextualidade e produção textual. In: **Revista dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras UFF**. Edição n.06/2011, p.43-63. Disponível em: http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/6/dlingua/CLAUDIA_FRANCO.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2013.

FRANCO, Stella Maris Scatena. **Peregrinas de outrora: Viajantes Latino-Americanas no século XIX**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.

FREYRE, Gilberto. **O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1940.

FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª Edição. In: _____. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51ª edição. São Paulo: Global, 2006.

GENOVEZ, Felipe. **História da Segurança Pública no Estado de Santa Catarina: Chefes de Polícia - Secretários de Segurança Pública**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/67550/1/Historia-da-Seguranca-Publica-no-Estado-de-Santa-Catarina-Chefes-de-Policia--Secretarios-de-Seguranca-Publica--/pagina1.html#ixzz1TZ0V3b7V>>. Acesso em: 13 jul 2011.

GERTZ, René E. **Fascismo à brasileira**. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/fascismo-a-brasileira>>. Consulta em: 20 agosto 2011.

_____. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p.174.

GLEDSON, John. Por um novo Machado de Assis: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 282. Apud CHALHOUB, Sidney. John Gledson, leitor de Machado de Assis. In: **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 13, p. 109-115, jul.-dez. 2006.

GONÇALVES, Janice. **Oswaldo Rodrigues Cabral** - um “homem de letras” na periferia do patrimônio cultural, 2010. Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276743688_ARQUIVO_artigo_cabral_rio.pdf>. Acesso em: 30 de jan. 2011.

_____. **Sombrios umbrais a transpor:** Arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX. São Paulo, SP, 2006. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social.

GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial** – Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo: Marco Zero, 1990.

GUERRA, Rogério. Oswaldo Rodrigues Cabral: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante. In: **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, v. 42, n. 1 e 2, Abril e Outubro de 2008.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil:** sua história. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.

HOBSBAWM, Eric. J. Rumo ao abismo econômico. In: _____. **Era dos extremos:** o breve século XX, 1914-1991. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sergio Buarque de. Considerações sobre o americanismo. In: _____. **Cobra de vidro.** São Paulo: Perspectiva, 1978. [1941]

JUNQUEIRA, Mary Anne (Org.); FRANCO, Stella Maris Scatena (Org.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa** (vol.II). São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011. v. 1. 129 p.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia de viagem**: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Editora UFMG, 1996.

LEITE, Miriam Moreira (org.). **A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX**: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: HUCITEC; Editora Universidade de São Paulo; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In: _____. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1976.

MACHADO, Leão. **Fundição**. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1944. 256p

MARTINS, Wilson. Renascenças Curitibanas. **Gazeta do povo**, 8 set 1997. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/wilsonmartins025.html>>. Acesso em: 22 ago 2012.

MAUAD, Ana Maria. Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-1942). In: **Revista Brasileira de História**, janeiro-junho, ano/vol. 25, número 049. Associação Nacional de História: São Paulo, Brasil, 2005, p. 43-75. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=26304904>>. Acesso em: 11 mai 2011.

MOREIRA, Luiza Franco. Exuberância de Tintas: A Recepção Inicial de *Martim Cererê*. In: _____. **Meninos, Poetas e Heróis**: aspectos de Cassiano Ricardo do Modernismo ao Estado Novo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MOURA, Gerson. **Autonomia na dependência**: a política externa brasileira de 1935 a 1942. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **O tio Sam chega ao Brasil**: a penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A Política Externa dos Estados Unidos**: continuidade ou mudança? Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

PEREIRA, Avelino Romero. Introdução. In: **Música, sociedade e política**: Alberto Nepomuceno e a República Musical. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007.

QUINTANA, Mario. Quinta coluna. In: **Baú de espantos**. São Paulo: Globo, 2006.

RATTON, Cap. Antônio Carlos Mourão. **O punhal nazista no coração do Brasil**. Imprensa Oficial do Estado. Florianópolis, 1943.

RECHDAN, Maria Leticia de Almeida. **Dialogismo ou polifonia?** Disponível em: <http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/dialogismo-N1-2003.pdf> >. Acesso em: 7 abr. 2013.

RIBEIRO, Roberto Carlos. Literatura de viagem e historiografia literária brasileira. In: **Revista Letras & Letras**, Uberlândia 23 (1) p.145-159, jan./jun. 2007, p. 145. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&cad=rja&ved=0CE8QFjAE&url=http%3A%2F%2Fwww.letras.eletras.ileel.ufu.br%2Finclude%2Fgetdoc.php%3Fid%3D602%26...&ei=UCNqUZipCeXn0wGB7oC4Dg&usg=AFQjCNEU9IaVtKbJyplxug3cMPtLNDenSQ&bvm=bv.45175338,d.dmQ> >. Acesso em: 13 abr. 2013.

ROSSATO, Luciana. **A lupa e o diário**: história natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822). Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007. 284p.

SOUZA, Sara Regina Silveira de. **Oswaldo R. Cabral**: páginas de um livro de memórias. Florianópolis: Editora da UFSC/UDESC, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In: _____. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1976.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 235p

TOTA, Antonio Pedro. **Os americanos**. Coleção Povos e Civilizações. São Paulo: Contexto, 2009.

VERISSIMO, Érico. **A volta do gato preto**. Porto Alegre: Editora Globo, 1946.

_____. **Gato preto em campo de neve**. (1941) Porto Alegre: Editora Globo, 1961.

VERNE, Júlio. **A volta ao mundo em 80 dias**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

WILLIAMS, Raymond. Formas. In: _____. **Marxismo e Literatura**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979

FONTES

A **GAZETA**, 9 de jun. 1943. Acervo de Oswaldo Cabral.

A **GAZETA**, “O Dr. Oswaldo Cabral nos Estados Unidos” (notícia enviada de Washington). Florianópolis, 2 de julho de 1943. Acervo de Oswaldo Cabral.

ANAIS DA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE, 1947B, Ata 29ª sessão ordinária realizada em 4 de setembro de 1947.p. 116-225. Centro de Memória – ALESC.

A **NOTÍCIA**. 9 de maio de 1943. Acervo de Oswaldo Cabral.

ARAUJO, Carlos da Silva. [**Correspondência**]. Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1946 [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 2fls. Acervo de Oswaldo Cabral.

AZEVEDO, Aluisio. **O Cortiço**. Apresentação Francisco Achcar. Objetivo. Romance publicado em 1890.

BACELAR, Juvenal B. [**Correspondência**]. Caçador/SC, [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 1f. Acervo de Oswaldo Cabral.

BEEZLEY, C. F. [**Correspondência**]. 6 de julho de 1943; 30 de janeiro de 1945; 27 abril 1946; 30 de julho de 1946; 1 de agosto de 1946. Chicago, Illinois. Estados Unidos, [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 8fls no total. Acervo de Oswaldo Cabral

BRASIL (alujá, 1944) - Alvaiade e Nelson Gonçalves. Título da música: Brasil. Gênero musical: Alujá. Intérprete: Ataulfo Alves. Compositor: Alvaiade e Nelson Gonçalves. Acompanhamento: Pastoras. Gravadora Odeon. Número do Álbum 12525. Data de Gravação 19/10/1944. Data de Lançamento 12/1944 / Lado A / Disco 78 rpm. O áudio e a letra disponíveis em: <<http://cifrantiga2.blogspot.com.br/2010/12/brasil.html>>. Acesso em: 28 jan. 2011.

CABRAL, O. “A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina. In: **Cultura Política**: Revista mensal de estudos brasileiros. Rio de Janeiro: Setembro de 1941. Ano I, num. 7.

_____. **O ensino de Higiene nas Escolas Públicas de Santa Catarina** – tese ao 1º Congresso de Ensino Primário de Santa Catarina - Anais do Congresso, 1927. Acervo de Oswaldo Cabral.

_____. **Problemas Educacionais de Higiene** – tese de doutoramento – 1929, Ed. do Autor, 1929. 150p. Acervo de Oswaldo Cabral.

_____. **Terra da liberdade**: impressões da América. Curitiba: Editora Guaíra Ltda, 1944.

Carta-Patente. 26 de outubro de 1943. Acervo de Oswaldo Cabral.

CRAWFORD, William Rex. [**Correspondência**]. Rio de Janeiro, (sem data), [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 8fls. Acervo de Oswaldo Cabral.

DIAS, Wilmar. [**Correspondência**]. Chicago, Illinois, 25 de outubro de 1945 [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 2fls. Acervo de Oswaldo Cabral.

HOSTERNO, Eurico. [**Correspondência**] 7 nov. 1944, Florianópolis [para] KEENER, U. G. Rio de Janeiro. 1f. Records from the Department of State. U.S. Consulate, Florianopolis, Brazil. 1940 – 1944. Record Group 84: Records of the Foreign Service Posts of the Department of State, 1788 – 1964. Pasta: Record Group 229 - OIAA - Fpolis, 3. National Archives and Records Administration (NARA), Washington, DC - USA.

KAZANJIAN, Reginald. [**Correspondência**]. 24 de novembro de 1943, Rio de Janeiro [para] CABRAL, Oswaldo. 1f. Acervo de Oswaldo Cabral.

KAZANJIAN, Reginald. [**Correspondência**]. 5 de março 1977, Switzerland [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis, 1f. Acervo de Oswaldo Cabral.

KAZANJIAN, Reginald. [**Memorandum on Cultural Institute in Florianópolis, Brazil**] 19 dez. 1942, Florianópolis [para] THOMSON, Charles A. Estados Unidos. 10f. Records from the Department of State. U.S. Consulate, Florianopolis, Brazil. 1940 – 1944. Record Group 84: Records of the Foreign Service Posts of the Department of State, 1788 – 1964. National Archives and Records Administration (NARA), Washington, DC - USA.

KEENER, U. G. [**Correspondência**] 6 abr 1943 [para] FANAYA, Alcino. Coordination Committee for Florianópolis, A/C Consulado Americano, Florianópolis, Santa Catarina. 1f. Records from the Department of State. U.S. Consulate, Florianopolis, Brazil. 1940 – 1944. Record Group 84: Records of the Foreign Service Posts of the Department of State, 1788 – 1964. Pasta: Record Group 229 - OIAA - Fpolis, 1. National Archives and Records Administration (NARA), Washington, DC - USA.

MEREGE, Jorge de Assis. [**Correspondência**]. Itararé/SP, (sem data) [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 8fls. Acervo de Oswaldo Cabral.

Passaporte de Oswaldo Rodrigues Cabral. Acervo de Oswaldo Cabral.

REVISTA IBEROAMERICANA, Vol. X, Núm. 19, Noviembre 1945. Disponível em: <<http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/2803/2986>>. Acesso em: 1º fev. 2012, p. 125-129.

Remetente não identificado. [**Correspondência**]. Curitiba, [para] CABRAL, Oswaldo, Florianópolis. 1f. Acervo de Oswaldo Cabral.

O GLOBO. Pode ir aos Estados Unidos. Permissão dada pelo ministro de Guerra a um médico civil. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1943. Acervo de Oswaldo Cabral.

SILVEIRA JÚNIOR. Três viagens a U.S.A. In: **JORNAL DO POVO**, Itajaí, 14 de janeiro de 1945. Acervo de Oswaldo Cabral.

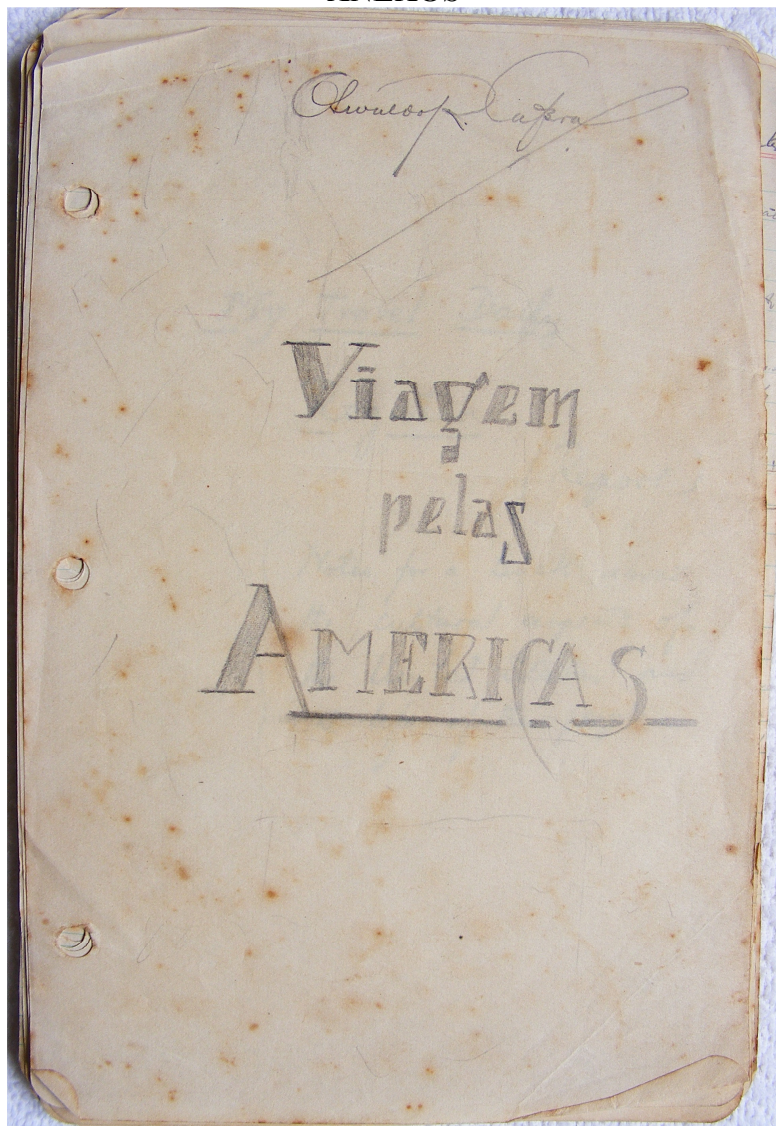
SOARES, Iaponan. Viajantes catarinenses – roteiro para uma bibliografia. In: **Ágora** – Revista do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Vol. 1, n.2, 1985. Disponível em: <<http://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/22>>. Acesso em: 6 dez. 2012.

SINOPSE ESTATÍSTICA do Município de Florianópolis. Aspectos Históricos e Geográficos. Alguns resultados estatísticos – 1945. principais resultados censitários – I-IX-1940. estatísticas dos municípios das capitais – 1944/1946. IBGE: Rio de Janeiro: serviço gráfico do IBGE, 1948. Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

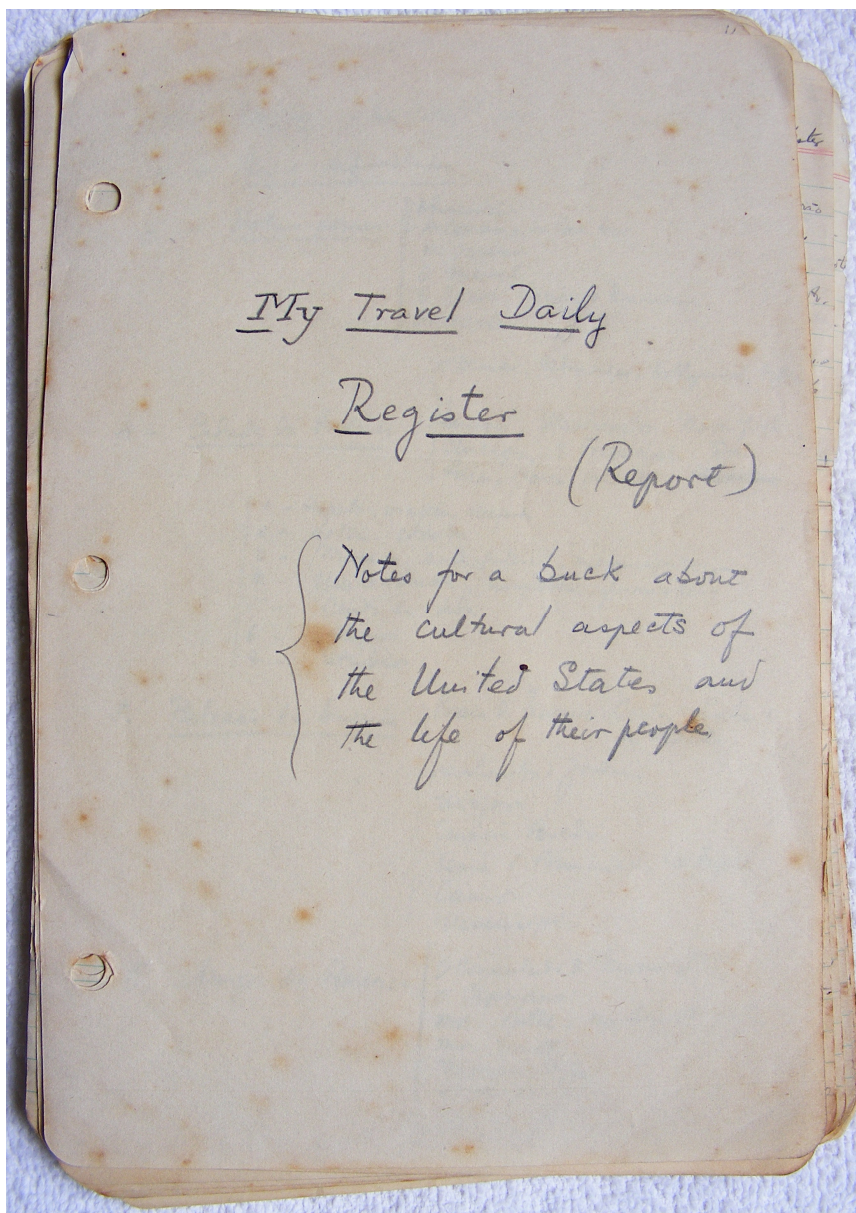
THOMSON, Charles A. O papel das relações culturais em tempos de guerra. In: **Instituto Brasil-Estados Unidos de Florianópolis**. Trabalho organizado pelo jornalista Osvaldo Melo, diretor do Departamento de Propaganda e Biblioteca do Instituto. s/d. Records from the Department of State. U.S. Consulate, Florianopolis, Brazil. 1940 – 1944. Record Group 84: Records of the Foreign Service Posts of the Department of State, 1788 – 1964. Pasta: Record Group 229 - OIAA - Fpolis, 1. National Archives and Records Administration (NARA), Washington, DC - USA.

VIEIRA, Rogério. [**Telegrama**]. 5 de abril de 1943, Florianópolis [para] DODSWORTH, Henrique, Rio de Janeiro. 1f. Acervo de Oswaldo Cabral.

ANEXOS



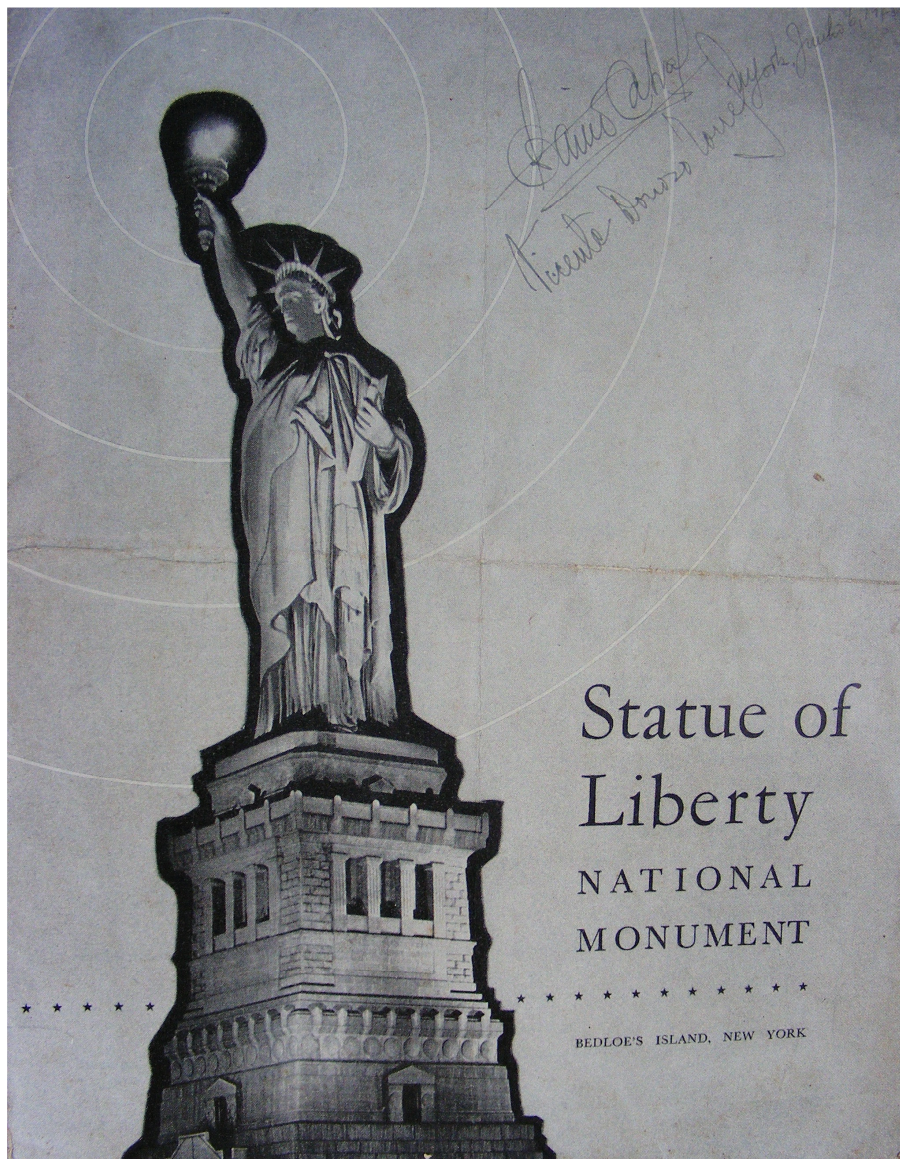
Anexo n.º 1: Capa do diário de viagem de Oswaldo Cabral.



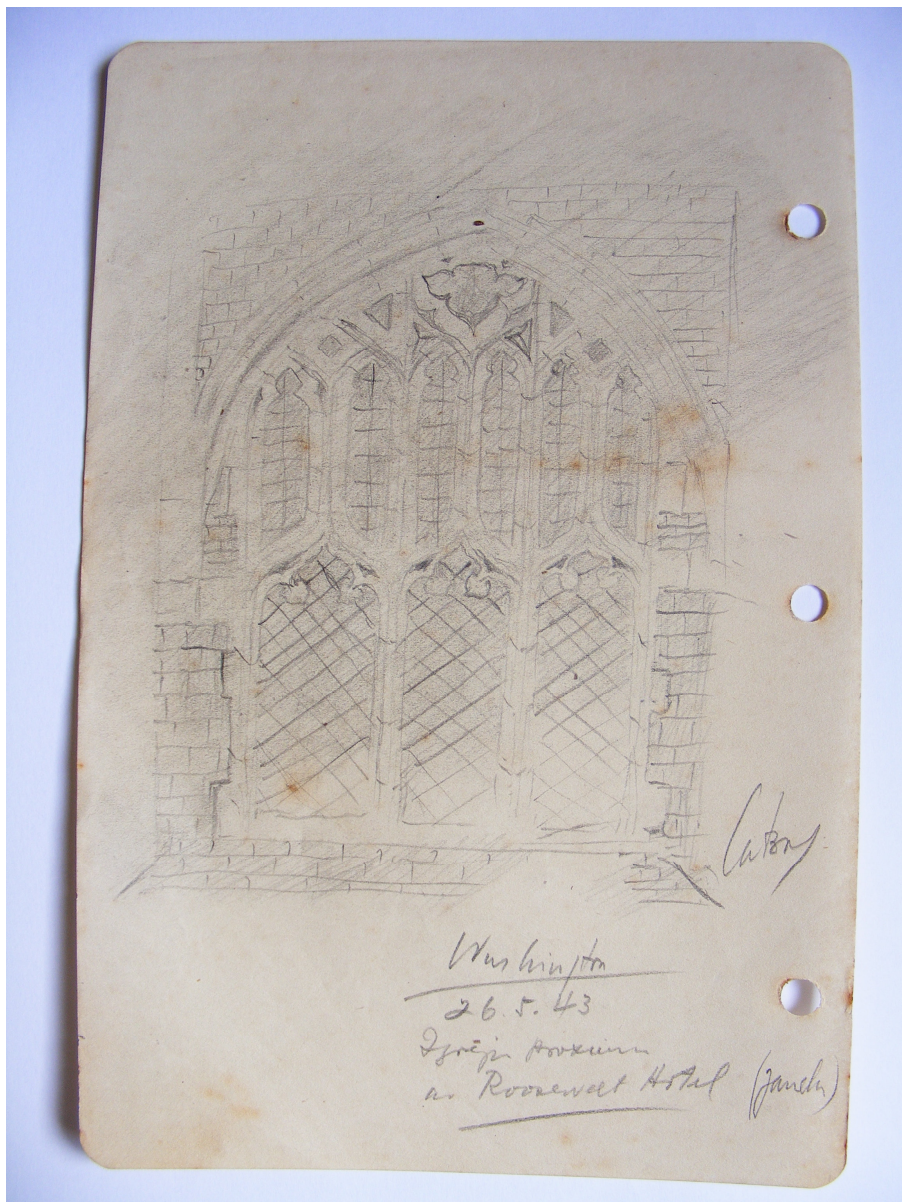
Anexo n.º 2: Contracapa do diário de viagem de Oswaldo Cabral



Anexo n.º 3: Sobrecaça de **Terra da Liberdade**: Impressões da América.



Anexo nº 4: Capa do livreto sobre a Estátua da Liberdade.



Anexo n.º 5: desenho do diário de viagem de Oswaldo Cabral.



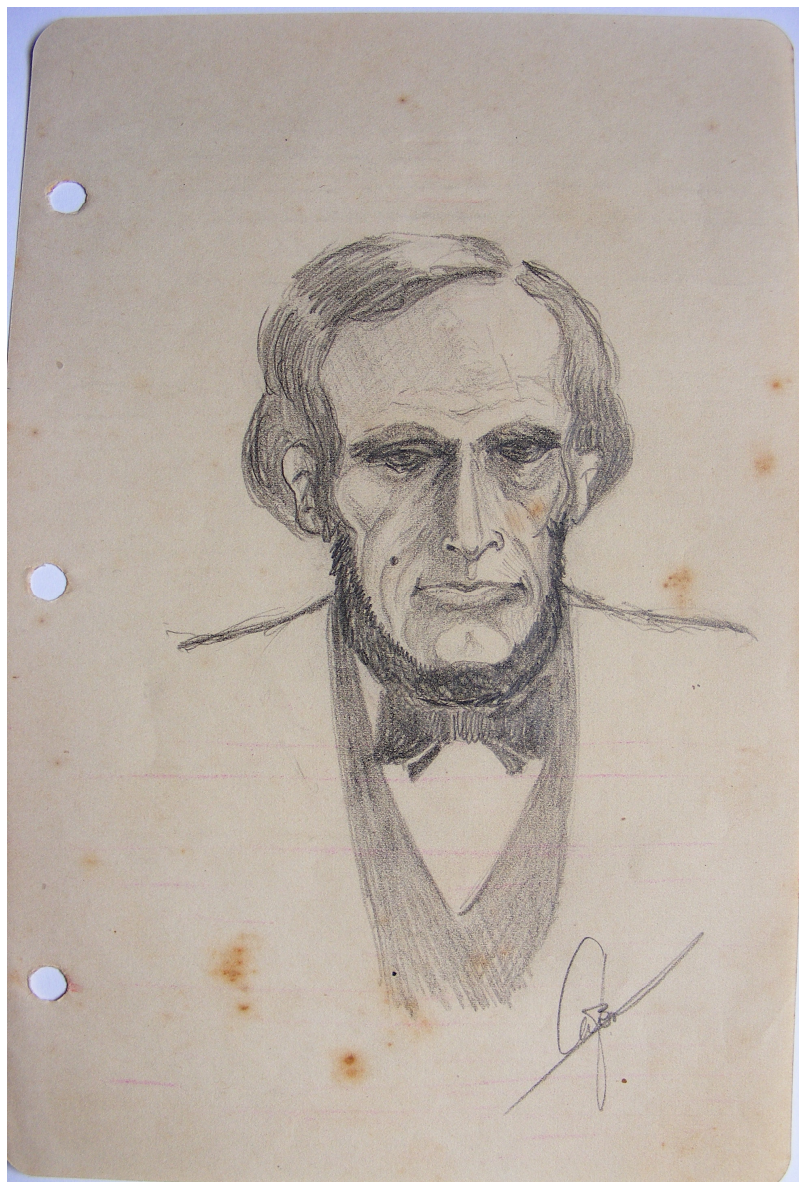
Anexo n.º 6: desenho do diário de viagem de Oswaldo Cabral.



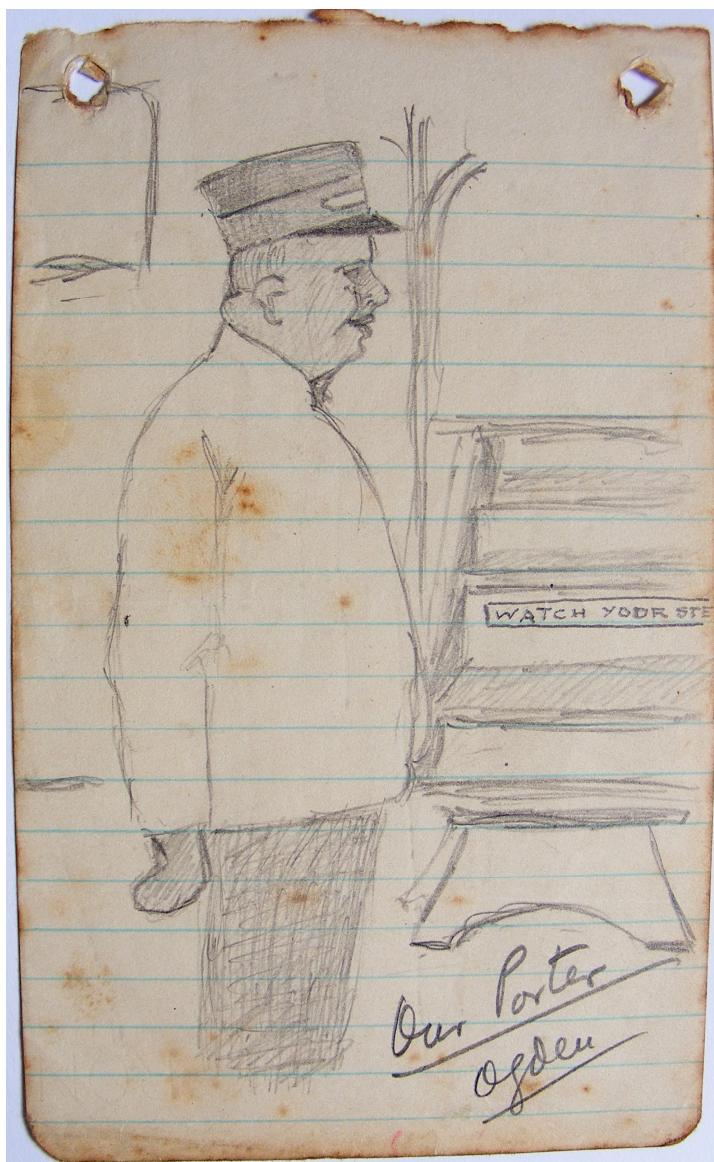
Anexo n.º 7: desenho do diário de viagem de Oswaldo Cabral.



Anexo n.º 8: desenho do diário de viagem de Oswaldo Cabral.



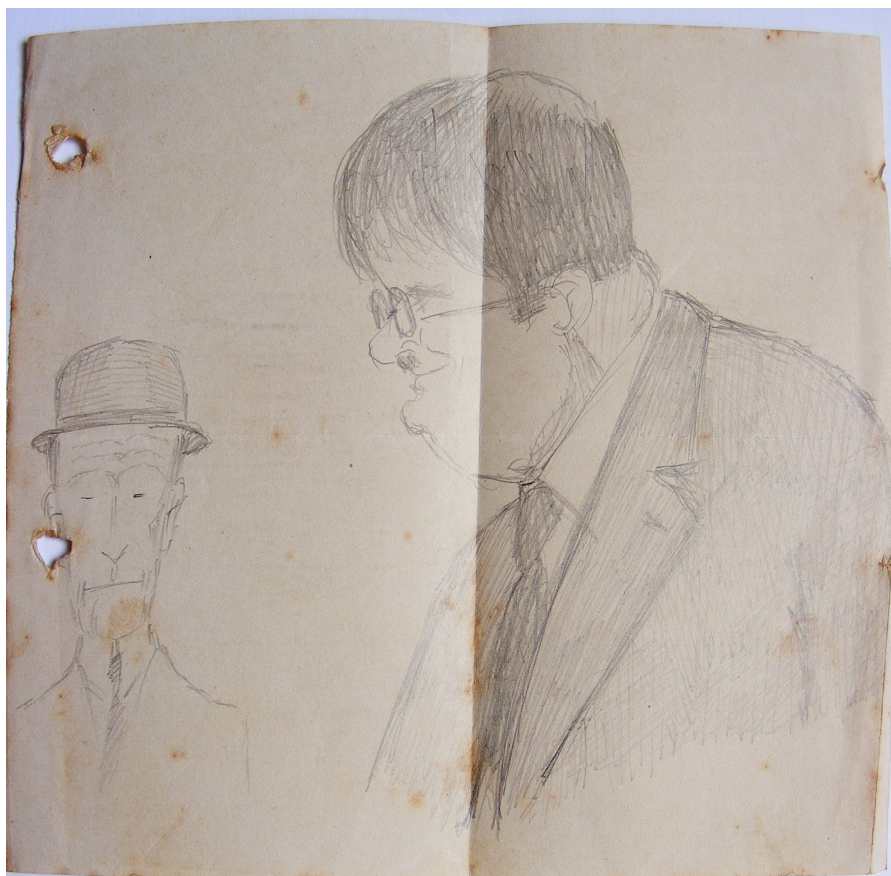
Anexo n.º 9: desenho do diário de viagem de Oswaldo Cabral.



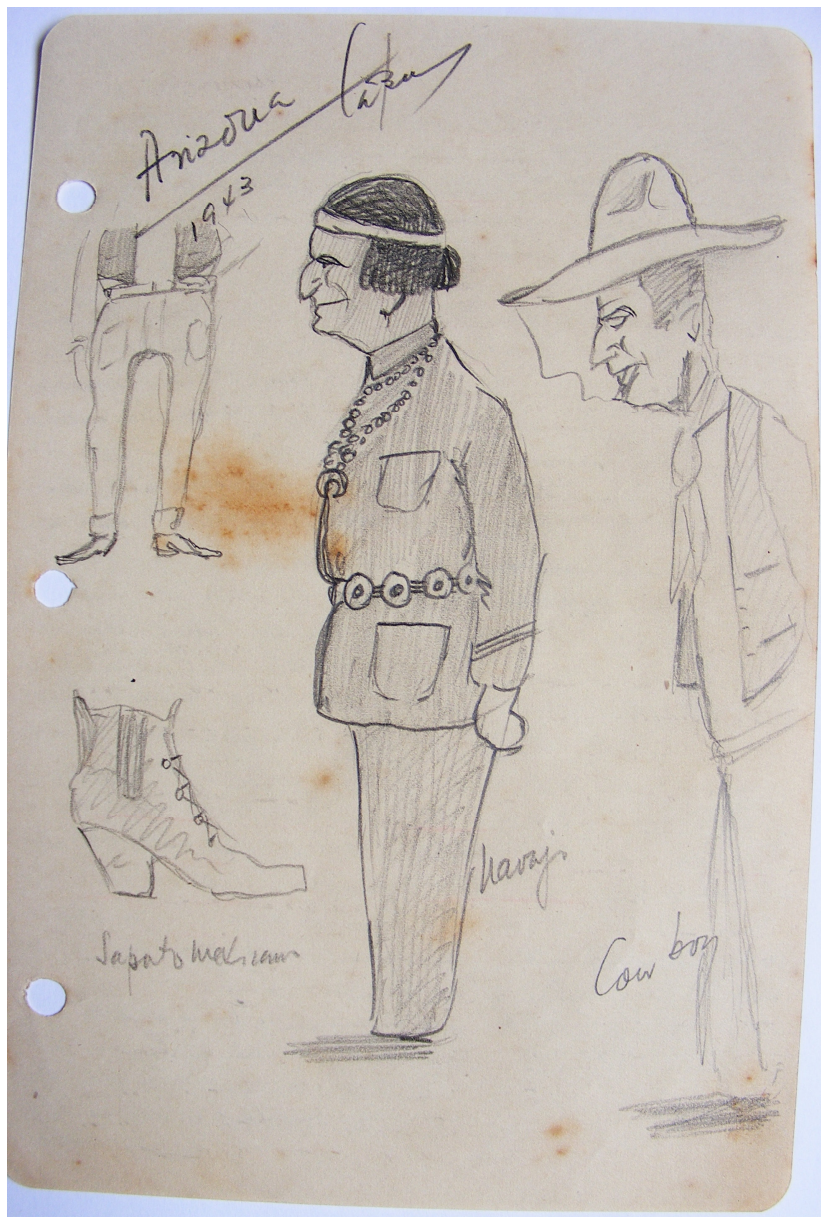
Anexo n.º 10: desenho do diário de viagem de Oswaldo Cabral.



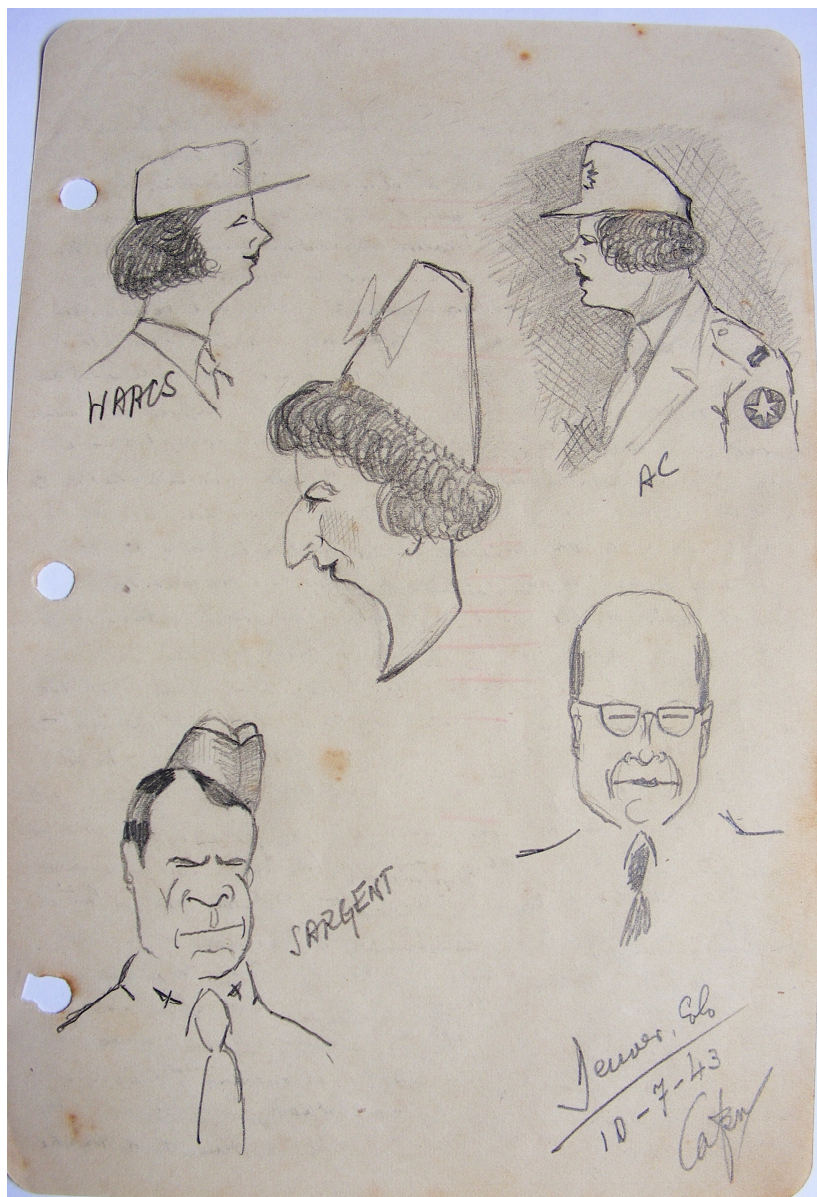
Anexo n.º 11: desenho do diário de viagem de Oswaldo Cabral.



Anexo n.º 12: desenho do diário de viagem de Oswaldo Cabral.



Anexo n.º 13: desenho do diário de viagem de Oswaldo Cabral.



Anexo n.º 14: desenho do diário de viagem de Oswaldo Cabral.



Anexo n.º 15: Foto de Oswaldo Cabral em viagem aos Estados.